SHOW BiZZ

5661/1 • ANO 12 / Nº 9 • SETEMBRO • EDIÇÃO 134 • R$ 5,00

R.E.M
o sonho acabou?

PARALAMAS
engole **OASIS**
na Alemanha

METALLICA
"Não mudamos nadinha"

o **GUNS** está voltando!

U2
chega para o Carnaval

Marisa Monte

sai de cena:
"só volto em 99"

UM É POP, O OUTRO É ROCK.

CONTRÁRIO?

OU SERÁ O

A BMG está lançando dois novos discos que vão dar o que ouvir: **Lulu Santos** com "**Anti Ciclone Tropical**" e **Arnaldo Antunes** com "**O Silêncio**". Um é sucesso, o outro também. Ou será o contrário?

Já à venda nas lojas em CD e K7.

BMG
BMG BRASIL LTDA

FORAM MAIS DO QUE 2½ SEMANAS EM ATLANTA.

A ÚNICA OBSESSÃO DELES:

Uma milha de 3 minutos, um salto com vara de 30 pés, um arremesso de três pontos direto do vestiário. Tudo isso é impossível. Pessoas que passam o tempo todo pensando nessas coisas costumam ser agrupadas numa categoria: a dos **FANÁTICOS.** E os fanáticos que conseguem transformar essa obsessão em algo prático são agrupados em uma outra categoria: a dos **ATLETAS.** E aqueles que conseguem sucesso, que encontram uma maneira de fazer seu trabalho um pouquinho melhor do que já foi feito até então, redefinem o significado da palavra **POSSÍVEL** para o mundo inteiro.

NIKE-AIR®. A GENTE FAZ. E NINGUÉM MAIS.

A Nike faz calçados para atletas. Por isso esses calçados têm que ser o máximo. Não bons, não OK, não superlegais. O MÁXIMO. E, quando atingimos a perfeição, nós damos um passo atrás, olhamos bem o que fizemos, e tratamos de pensar numa maneira de fazê-lo melhor ainda do que jamais foi feito. Porque nós também somos atletas. E desprezamos solenemente o nosso próprio sucesso.

A NOSSA ÚNICA OBSESSÃO:

Este é o Air Much Uptempo, o tênis de basquete desenhado especialmente para atletas como Scottie Pippen. Seu sistema de amortecimento Nike-Air de máximo volume absorve os mais fortes impactos, oferecendo total estabilidade. Nunca um tênis para basquete foi feito com tanto amortecimento.

AIR

Pauta

36 SR. BANANA NA JAMAICA
Uma longa viagem com direito a geral pelo maior festival de reggae do mundo

42 PAULO RICARDO
Vodu e drogas nunca mais. Dez anos depois do R.P.M., o cantor faz as pazes com o sucesso

44 SCREAMING TREES
Os sobreviventes de Seattle recusam música inédita de Kurt Cobain e soltam um dos grandes discos do ano

48 METALLICA
James Hetfield & cia. roubam a cena do Lollapalooza e dão um bico nos boatos de que mudaram de estilo

50 ZÉ RAMALHO
A vida rock'n'roll do menestrel da Paraíba

SEMPRE EM SHOWBIZZ

10 CANAL BIZZ
Green Day provoca polêmica entre leitores

12 BIZZES
U2 no Brasil em fevereiro; Sex Pistols na porradaria

56 MTV EM OFF
Todos os babados do MTV Video Music Brasil

58 ONZE PERGUNTAS
Duff McKagan promete disco novo do Guns para 97

60 PLAY
O álbum divino de Beck; os novos de Paralamas e Skank

68 REPLAY
Um parcotão de MPB, caixas de Monterrey e surf music...

76 ENJOY IT
Viaje no universo interativo do CD-ROM

78 LETRAS
"She", do Green Day, e "Lust For Life", de Iggy Pop

81 TESTE
Desvende a Madonna enquanto o bebê não chega

82 BIZZES
Freak show: um festival de cantores esquisitos

90 DISCOTECA BÁSICA
Checkered Past – The 2 Tone Collection, ska de entortar os joelhos

28 R.E.M.
O grupo americano lança novo disco em meio a boatos de separação

32 PARALAMAS
Los Três Amigos superam o Oasis em terras germânicas

40 AC/DC
Revelamos o mistério para você: Angus Young é Butt-Head

52 SIMONE SOUL
Uma deusa da percussão na banda de Chico César

ON Para Marisa Monte, barulhinho bom é o da chuva caindo. Ou o de uma virada de chave, "dependendo de quem chega, claro"... Para nós, da imprensa musical, barulhinho bom é a notícia da chegada de um novo disco da Marisa. Melhor ainda é quando o tal barulhinho dá conta de que não é só um disco, é um vídeo também. Curiosos, saímos correndo atrás dela para mostrar a você, leitor, o que esta grande artista aprontou.

Na entrevista que fui fazer em Curitiba, ela cantou muito. Marisa adora cantar, conversa cantando, prefere cantar a explicar as músicas... Infelizmente não dá para encartar na revista a fita com as versões à capella que ouvi – entre elas, "É Só Sambar", do primeiro disco de Jorge Ben, e "Vidigal", inédita que Carlinhos Brown fez para o Rio. Mas tentei reproduzir aqui a conversa informal que tive com minha ex-colega de quinta série no Colégio Andrews. E o craque Jorge Rosenberg, fotógrafo favorito dela, fez sua parte, captando toda a exuberância de Marisa no palco do Teatro Guaíra.

Pra quem quiser mais, tem, e tem muito R.E.M., o Sr. Banana no meio das feras do reggae na Jamaica, AC/DC, Screaming Trees, Paulo Ricardo... A edição está com sustança!

Aquele abraço.

Pedro Só

22 MARISA MONTE
fala sobre o disco e o vídeo novos e revela que vai dar um tempo na carreira para cuidar da vida pessoal

Parada da redação
Os sons que [illegible] rolado enquanto [illegible] fazia esta SHOWBIZZ [illegible] não rolaram porque [illegible] CD-player favorito).
Banda Black Rio – *Maria Fumaça*
Os Outros – *Os Outros*
Keith Sweat – *Make It Last Forever*
Ocean Colour Scene – *Moseley Shoals*
Eric Burdon & The Animals – *Roadrunners!*
Trainspotting – *Trilha sonora do filme*

CAPA: JORGE ROSENBERG

PMI-700 e PMI-705.

Dois novos modelos de

Mini Systems Applause Philco.

Onde você ouviu "potência",

ouça-se mais potência.

O 700 tem analisador de

espectro de

cinco bandas,

função Karaoke, Timer On

e Timer Off e CD Synchro

(gravação automática de CD

com apenas um toque).

O 705 tem Controle Remoto Total

(controla inclusive o tape deck),

CD Synchro inteligente

(gravação automática

de uma música que não coube do

outro lado da fita), programação

para ligar/desligar/gravar

automática e função Dolby

(redutor de ruídos).

Ambos têm ainda gaveta

para três CDs, quatro formas

de equalização eletrônica

(rock, pop, classic e flat),

reforço de graves e caixas

acústicas de três vias.

Mini Systems Philco.

É ter agora, ou se arrepender

para sempre.

PMI-705

PHILCO

Novos Mini Systems Applause Philco.
Agora, ainda mais potentes.

PMI-700

PHILCO

3 DISC

Depois você fica aí perguntando o que é que o outro cara tem que você não tem.

PHILCO

TEM COISAS QUE SÓ A PHILCO FAZ PRA VOCÊ

DÁ-LHE, GREEN DAY!!

ADORO VERDE
Não importa se o Billie Joe fala mal do John Lydon, se ele tem pau pequeno (que papo de boiola), se ele detona a D. Manjuana... O que importa é que o Green Day é uma das melhores bandas de punk rock do planeta.
Sebastião Oliveira – São Paulo, SP

MAURICINHO VERDE
Esses caras do Green Day são loucos para ser punks, mas não passam de mauricinhos idiotas de cabelos pintados.
Sandro Camargo – Uberlândia, MG

CORAÇÃO VERDE
Gosto tanto do Green Day, que se um dia transplantarem o meu coração, os médicos vão levar um susto daqueles: ele é verde!!!
Luara A.C. Dirnt São Paulo, SP
O seu e os de toda a torcida do Palmeiras. Pode ficar tranqüila...

VERDE DE RAIVA
É cheia de ira que escrevo: pau no c... daquela punkeca alienada Tamara Percinoto. Ser punk vai muito além de ter cabelos coloridos!!!
P.S. Vamos lá, SHOWBIZZ... Não precisa ser gentil ao responder cartas medíocres como a dela só para não perder o leitor.
Luciana Gonçalves – Brasília, DF
Obrigado pelo sinal verde, Luciana. Mas não vamos gastar nosso descomunal e cabeludo vocabulário chulo com fofinhas da sua laia. Quando você parar de escrever palavrões e mensagens agressivas em cartas com desenhinhos e colagenzinhas, a gente conversa. Nós te amamos. Pinta aqui na Redação pra ver.

valeu!!

Mando o desenho do Eddie Monster como agradecimento pelo teste com o Iron Maiden.
Éder Coelho – Virginópolis, MG

fogo e mico

Somos os Las Coroas Tienem Fuego e pedimos para que SHOWBIZZ não se esqueça de publicar matérias com as nossas bandas aqui do Sul do Brasil como Graforréia Xilarmônica, Maria do Relento, Acústicos e Valvulados etc...
Las Coroas Tienem Fuego – Porto Alegre, RS
Muito justa, justíssima, a reivindicação. Agora, cá pra nós, precisava pagar esse mico?

PORNOBIZZ
Meu sonho é perder a virgindade com Neil Tennant, do Pet Shop Boys. Mas ele é gay e não vai querer me comer... Se publicarem uma matéria sobre a banda, vou na aí na Redação, dou uma festa e algo mais pra vocês. Se não, vou continuar me masturbando ao som de "Always On My Mind".
P.S. Continuo virgem.
Marcella (Pet Shop Girl) – Belo Horizonte, MG
Corre até a página 82, aproveita o embalo e vem pra cá.
P.S. Manda uma foto antes.

• A galeria dos bumbuns (edição 132) me deu o maior tesão. Não resisti e descabelei o palhaço.
Gabriel Ramella – Porto Alegre, RS
É, tem gosto pra tudo...

DE CABO A RABO
Gostei da reportagem sobre Cesaria Evora na edição 132. Curto a música de Cabo Verde e sugiro mais matérias com bandas do arquipélago: Rebelados, Tubarões e Livity...
Wagner Rogério – Maceió, AL

GUILHOTINA
A discografia do ex-líder do grupo progressivo Van Der Graaf Generator publicada no *Canal Bizz* da edição 132, a pedido do leitor Carlos N. Rauber, foi inexplicavelmente cortada. Agora segue com adendos: *Fools Mate* e *Chameleon In The Shadows Of The Night* (72), *The Silent Corner And The Empty Stage* e *In Camera* (74), *Nadir's Big Chance* (75), *Over* (77), *The Future Now* (78), *PH 7* (79), *A Black Box* (80), *Sitting Targets* (81), *Love Songs* (84), *The Noise* (93), *Roaring Forties* e *Fireships* (94).

FREDDIE VIVE
Neste ano completar-se-ão cinco anos da morte de Freddie Mercury (24.11.91). Se ele estivesse vivo, teria completado 50 anos em 5 de setembro. Penso que a revista deveria elaborar uma edição a fim de celebrar esta passagem cronológica.
Marcelo Martin Abech – Viamão, RS
Infelizmente não podemos atender seu pedido, Marcelo. Mas os cinco anos da morte de Freddie não passarão em branco.

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato: showbizz.azul.aleitor@email.abril.com.br

S.O.S. SHOWBIZZ
Quero saber como eu posso me corresponder com o Dave Grohl, do Foo Fighters. Eu preciso, preciso...
Valéria de Santana – Panelas, PE
Atenção, Valéria e galera! Esses casos são bem complicados. Nem nós temos o endereço direto dos artistas.

Prince e a mulher Mayte

• Li o comentário sobre o CD do New Power Generation e estou louco atrás do disco. Não acho em lugar nenhum. Onde eu encontro?
Paulo Silveira – São Leopoldo, RS
Paulo, tente na lojas Sweet Jane (011) 288-4847 ou Planet Music Megastore (011) 853-0288, ambas em São Paulo. Elas podem remeter o disco para você. E já que o assunto é NPG, essa vai de graça: Prince abandonou a banda para cuidar da gravidez da sua mulher Mayte.

• Sou fanática pelo Black Sabbath. Dá pra publicar a discografia e a história da banda?
Michele Macedo – Lima, SP
Se deu bem, Michele. Já está nas bancas a edição especial de SHOWBIZZ, MONSTROS DO ROCK. *Ela traz tudo o que você pede sobre a banda e ainda vem com um CD de metal que inclui três músicas do Sabbão.*

HORRÍVEIS DE FUNDO
A revista é boa (sem puxamento de saco). Agora tenho três pedidos e uma imposição. 1-Publicar a foto. 2-Uma matéria com a Joan Osborne. 3-Falar sobre a Shirley Manson (Garbage). 4-Cadê o Legião?
Gabriel B. (Los Raimundos, feios de cara, horríveis de fundo) – Pindamonhangaba, SP
Gabriel, saque as duas últimas SHOWBIZZ e confira que seus pedidos foram atendidos. Agora, sem puxamento de saco: que negócio é esse de "horríveis de fundo"?

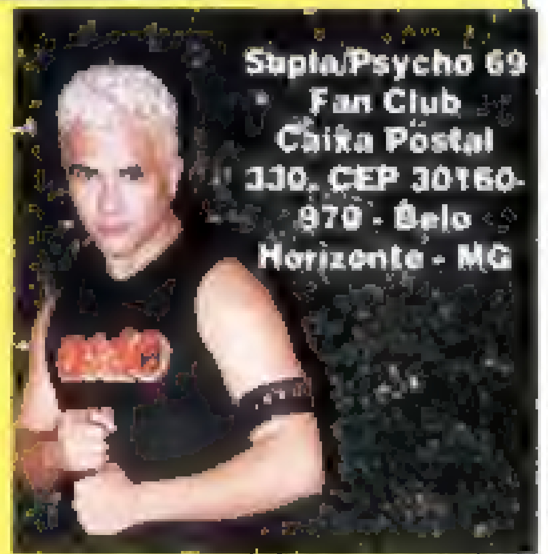
FALE COM SHOWBIZZ. É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
De 10h às 12h e das 15h às 18h. Este é o seu canal na SHOWBIZZ. Sugestões, críticas, dúvidas...

Fã-clubes

Duran Brazilian Foundation
Caixa Postal 653. CEP 83600-970 - Campo Largo, PR

The Mouth Fan Club (Madonna)
Rua Quintino Bocaiúva,165A, CEP 78200-000 - Cáceres, MT

Cabeça Feita (Timbalada)
Rua Oyama de Figueredo,32, conj. Francisco Pinto, CEP 144100-000 – Feira de Santana, BA



Supla/Psycho 69 Fan Club
Caixa Postal 330, CEP 30160-970 - Belo Horizonte - MG

Axl roda, roda e avisa: o telefone do fã-clube oficial mudou

GUNS URGENTE
O telefone do Guns N' Roses International Fan Club que publicamos na matéria sobre Axl, na edição 133, mudou. O novo número é (001)-415-5976660.

PENSADOR DO MÊS
"Só os mais loucos para gostar do Jim Morrison... Por isso faço terapia todas as semanas"
Joésia Cardoso - Teresina, PI

Escreva seu pensamento e mande junto com ele uma foto. A carta mais criativa ganha uma camiseta.

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)
Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Halfoun e Sergio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Max e Marco Antonio R. B. Carçado
Repórteres: Cláudia Grachi e Letícia Calmon
Correspondente: José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: (Texto) Alexandre Matias, Alvaro da Costa e Silva, André Gordirro, Antônio Carlos Miguel, Carlos Albuquerque, Christian Petermann, Cristina Ruiz, Edgard Reymann, Enor Paiano, Fabian Chacur, Gastão Moreira, Isabel Flores, Israel do Vale, Ivan Miziara, Jaime Biaggio, Jan Fjeld, Luana Pavani, Luís Antônio Giron, Luís A. Pecora, Marcelo Bernardes, Marcelo Orozco, Marcos Filippi, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Paulo Ross, Pedro Falcão, Ricardo Alexandre, Sylvia Colombo, Tárik de Souza, Wagner Filho, Zeca Camargo, Zé Lúcio Cardim **(Fotos)** Cristina Marins, Fábio Cabral, Jorge Rosenberg, Marcos Muzi, Martin Gurfein, Miriam Fichtner, Pedro Marinho Rego, Rosane Bekerman, Sergio Saraiva. **(Revisão)** Marcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Gianetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Doria Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Enio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Alonso Palumares
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão
Supervisora de Contas: Maria Lucia Marot
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andrea Maond, Marcelo Cataldi e Rosane Peres
Contato de Agência: Marcelo Cataldi
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenadora: Monica Rosadi

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amado
Gerente de Assinaturas: Alessandra Polis
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1049, edição 134, setembro de 1996). **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 867-3300. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1583/1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2665, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer [illegible]. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua [illegible] preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. [illegible] Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo – **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 868.3018, fone (011) 868.3038 (Dinap) E-mail: dinap.na@email.abril.com.br, pagando com os cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER IVC

Fotolito: Bureau Azul, Proposta Editorial, Promocional

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05389-970, SÃO PAULO – SP

O novo visual que o U2 mostra em outubro

SENSACIONAL!!!

U2 lança novo disco em outubro e estréia nova turnê no Brasil em 97

Pode começar a fazer festa. Segundo informações oficiais do U2 na Internet, o público brasileiro vai ser o primeiro a ver o novo show da banda. A turnê de *Expect Nothing* – álbum que sai dia 14 de outubro – começa em fevereiro na América do Sul, provavelmente no Brasil. Depois o grupo parte para Ásia, Europa e Estados Unidos. A exemplo dos Rolling Stones, o show que passa por aqui vem completinho, com tudo a que você tem direito. E Bono vai logo avisando: "O Zoo TV tour foi só o começo". A previsão de investimento da nova empreitada do U2 é de 250 milhões de dólares, muito mais do que os 100 milhões da última turnê. O disco, produzido por Flood (engenheiro de som do U2 desde *Achtung Baby* e co-produtor de *Zooropa*) e Nellee Hopper (que produziu Madonna), já soltou seu primeiro *single*, "Discotheque", lançado mundialmente em 4 de setembro.

na onda certa

Eddie entuba por uma causa muito nobre

Palavras de Eddie Vedder: "Depois de surfar, a melhor coisa que existe é cantar!" E para salvar os mares da poluição, Pearl Jam, Soundgarden, Silverchair, Beastie Boys, Porno For Pyros, Ramones e mais uma penca de gente boa aceitaram o convite da Surfrider Foundation e estão tocando covers da surf music no CD *Music For Our Mother Ocean* (*MOM*). As participações rolaram de graça e a renda será revertida para projetos de despoluição de oceanos e preservação da fauna marinha.

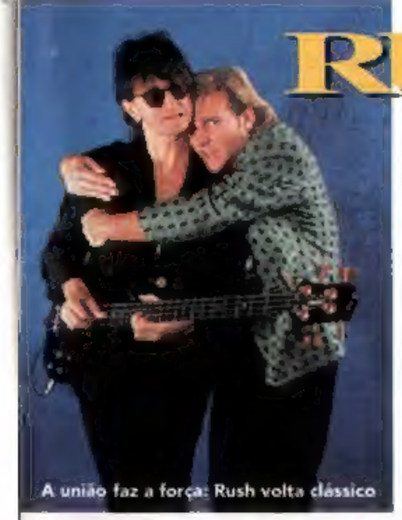
"Aos 14 anos era o presidente do Clube da Criança Junkie. Hoje, fico só na cervejinha. A droga, na estrada, é o álcool"

Dado, da Legião, falando sobre drogas pesadas

Elas só pensam naquilo

SHOWBIZZ liga para a casa de André Mattos, vocalista do Angra, em busca de detalhes sobre a turnê que a banda vai fazer na Europa, e a voz da secretária eletrônica é de um bofe afetadíssimo. André explica rapidinho: "É o meu mordomo gay, sabe?" Ãhn? "Estou recebendo tantos trotes das fãs do Angra, que pedi ao Luis *(o baixista Luis Mariucchi)* para usar sua fama de imitador e dar uma disfarçada." E as tais fãs do Angra são meio taradinhas. "Pô, os recados são tão cabeludos que nem preciso de tele-sexo...", diz, cheio de malícia. Depois de passar por 20 cidades brasileiras, o Angra pára na Argentina e no Chile e ainda em setembro vai à Europa fazer 40 shows. Depois voa para mais dez apresentações no Japão.

André Mattos sofre assédio sexual pelo telefone



A união faz a força: Rush volta clássico

RUSH unido jamais será vencido

Test For Echo, o novo disco do Rush, já nasce clássico. "A última vez que sentimos essa vibração foi em *Moving Pictures*", conta o guitarrista Alex Lifeson. O baterista Neil Peart diz que o clima no estúdio foi de união. "Geddy e Alex penduraram slogans inspiradores nas paredes do lugar. Coisas como: 'Individualmente, somos uma merda, mas juntos somos gênios'." Agora o grupo quer mais. "Já estamos pensando no próximo álbum. Ano que vem, lançamos um duplo ao vivo com o material da turnê que começa dia 19 de outubro e faixas inéditas de um show realizado em Londres nos anos 70", revela Alex. (Luana Pavani)

Beatles até cansar: 15 horas de vídeo

mais Beatles

Se você não conseguiu ficar acordado até a hora em que a Globo exibiu a série de documentários sobre os Beatles, agora vai ver o que perdeu e muito mais. *The Beatles Anthology Video Collection* traz as cinco horas exibidas na TV, mais dez horas de fita. Tem mais cenas inéditas, mais músicas, mais fãs histéricas e muito mais depoimentos de John, Paul, George e Ringo. Sobre o episódio do baseado no banheiro do Palácio de Buckingham, George garante que eles fumaram apenas um cigarro. Ringo, com um sorriso cínico, diz: "Não consigo me lembrar do que a gente fumou... Eu estava muito chapado." (Fernando Luna)

Filha de Madonna vai nascer em casa

Produção caseira

Seguindo o exemplo de Pamela Anderson, Madonna quer ter sua filha em casa. Lola, o provável nome da madoninha, vai nascer num baita centro médico que vem sendo montado na luxuosa suíte de sua villa em Miami. Tudo isso para evitar a zona que fãs e jornalistas fariam num hospital. Carlos León, o agora rico papai, promete assistir ao parto, ignorando os boatos de que já teria largado Madonna.

Do jeito que o povo gosta

Ed Motta arma disco com o toque pop de Memê, sem abrir mão de sua nova porção MPB

Ed Motta vai sair da toca e está com fome. Depois de hibernar por um bom tempo, o cantor volta a rugir na direção das rádios. Seu primeiro disco pela MCA vai ser pop, soul, funk, do jeito que o povo gosta. "Mas com qualidade", alerta Ed. A senha é simples: Memê. "Ele é o produtor e vai viabilizar a coisa em termos de mercado." Mas não espere nada parecido com Lulu Santos. "A bateria será eletrônica, com loops e tal, mas os instrumentos serão acústicos mesmo. Nunca faria tudo eletrônico", tranqüiliza Ed. No disco vão pintar ainda letras de Chico Amaral, do Skank; Marcelo Yuca, do Rappa; Zélia Duncan e Ronaldo Bastos.

Isto tudo é só lá para março. Antes, em novembro, sai a trilha do filme *Pequeno Dicionário Amoroso*, com cinco temas de Ed, um deles em parceria com Paulinho Moska. E esse trabalho, sim, não é para o bico de funkeiro. "Tem aquele lado entre o erudito e o popular, típico das trilhas da *nouvelle vague*, como as de Michel Legrand." Sentiu? (Jaime Biaggio)

Clara Moreno encapa

com CARINHO e CAPINHA

Para a cantora Clara Moreno, sexo só vestindo o capote. Ou capinha, como prefere carinhosamente chamar na música, ainda sem título, que vai pintar no show de lançamento de seu primeiro disco. "É um jeito legal de falar em camisinha. Tive vários amigos que morreram de Aids e é importante abordar esse tema." Com estréia prevista para outubro, o show conta também com versões dançantes de "O Sol Nascerá" (Cartola), "Detalhes" (Roberto Carlos) e "Partido Alto" (Chico Buarque). Esta última vai ganhar um remix do produtor Dudu Marote (do Skank): "Minha idéia é fazer algo jungle, tribal."

"Só autografo a pele das tietes acima dos seios. Autografar mais embaixo ou no bumbum é meio brega"
John Tempesta, baterista do White Zombie, na revista *Playgirl*

Bryan chega pedindo paz, amor e abacates salgados

TRAUMA de abacate

Bryan Adams está no hotel que Madonna tem em Miami, comendo batata frita e fazendo força para ser simpático. "Pode comer, é diet", diz, com um sorriso travado. Bryan não parece muito empolgado com os shows que faz por aqui em setembro. Pelo Brasil, o cantor canadense sente uma curiosa atração por Brasília e uma estranha rejeição a abacates. "Adoro arquitetura. Estou até construindo um estúdio no prédio mais antigo de Vancouver. Brasília me fascina. Quero tirar fotos por lá. Só não me sirvam abacates, por favor!!!" O quê? "Passei pelo Brasil numa conexão para Argentina, pedi abacate no restaurante e, ao invés de vir a fruta com limão e sal, o garçom me trouxe um creme esquisito com açúcar!!!", conta. (Isabel Flores)

Marcelo para Eric: "Valeu, bicho!"

no estúdio
ANIMAL veste a camisa

Eric Burdon, ex-vocalista dos Animals, canta no novo disco do Camisa de Vênus

A moqueca do Camisa de Vênus ganhou um tempero inglês dos anos 60: Eric Burdon, ex-vocalista dos Animals, lenda viva do rock. Burdon co-produziu e participou da regravação da clássica "Don't Let Me Be Misunderstood". A música foi escolhida por motivos sentimentais. "Eu era moleque e estava apaixonado por uma garota mais velha. Mas ela gostava de sair com caras da idade dela. Então eu ia para o meu quarto e furava o vinil de tanto tocar a faixa", lembra Marcelo Nova. O que Burdon acha disso? "É um elogio do cacete!", diz o Animal, que também deu vários pitacos nos arranjos. O disco sai em outubro e terá também "Radinho De Pilha", hit de Genival Lacerda (a famosa "Ela Deu O Rádio").

ROCKAÇO

Deu no respeitável jornal inglês *The Observer*: os ganhos da indústria fonográfica britânica no mercado externo já rivalizam com os da exportação de aço. Em 95, Oasis, Blur, The Prodigy e outros artistas ajudaram a arrecadar 891 milhões de dólares para o Reino Unido. Resultado: as reuniões do Instituto Fonográfico Britânico agora são freqüentadas por políticos. Mas as raves continuam perseguidas. (Silvio Essinger)

Liam, do Oasis, gera vil metal

Quer sentir que gosto essa fruta tem em Paris? Escreva para cá!

DOLORES mão aberta

Dolores O'Riordan e seu cranberries baixam no Brasil em março ou abril de 97. Por enquanto, ela continua fazendo sua turnê mundial e ajudando criancinhas e aidéticos. Depois de cantar com Pavarotti no disco *Pavarotti & Friends...*, em prol das crianças da Bósnia, Dolores doou alguns milhares de dólares para uma instituição de menores carentes na Irlanda. A grana é fruto de uma batalha judicial que a cantora ganhou de uma revista de fofocas inglesa. O semanário havia publicado que Dolores tinha feito um show no Reino Unido sem calcinha. A azedinha-doce provou que não deu uma de Lilian Ramos e levou a bolada. Agora, faz um dueto com Marianne Faithfull em "Dreamin' My Dreams", gravada para um disco em benefício das pequisas para a cura da AIDS.

PROMOÇÃO

Chegou a hora de se dar bem. Dolores vai levar você a Paris para ver um show do cranberries dia 13 de novembro. Para ganhar, você precisa ter mais de 18 anos e escrever dez linhas contando porque o cranberries é seu grupo favorito. SHOWBIZZ/MAMATA: Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo, SP. Escreva nome, idade e se é assinante da revista.

Planet Hemp queima e encontra a boemia no bairro da Lapa, no Rio

malandragem ACENDE outro

Planet Hemp cai no samba e prepara novo disco

É de lei. Show do Planet Hemp tem polícia reprimindo pra todo lado. Na Bahia, uma camiseta do Bob Marley e um ingresso para o show do Planet foram suficientes para um garoto ir em cana. Em São Paulo, a dura foi generalizada nos arredores do Olympia. Mas enquanto os delegados fazem "cumprir a lei" e o vocalista Marcelo recebe ameaças de morte, o Planet Hemp se prepara para acender mais um. Do prensador, o novo disco já está em fase de pré-produção e eles entram em estúdio até o final do ano. "Queimando tudo", "Maryhuana" e "Hemp Family" são os títulos de algumas faixas. Mais uma vez, o disco inteiro fala da erva. Dessa vez até com regravação da clássica "Malandragem Dá Um Tempo" ("Vou apertar, mas não vou acender agora"), pagode que ficou conhecido na voz de Bezerra da Silva e que o Barão Vermelho também registrou no último disco. Só que a levada vai ser de rap. O samba marca presença, junto com o hardcore e o hip hop. Por enquanto, são nove faixas eletrônicas e nove com banda, produzidas pelo próprio Planet Hemp e provavelmente mixadas lá fora. "Queremos gravar um disco datado. Fazer um álbum de rap com timbres dos anos 70", revela o vocalista Marcelo D2. O Rappa, Black Alien e o rapper Thaíde provavelmente também participam do disco.

Outra novidade: o show do Canecão, no Rio, que aconteceu no primeiro semestre, foi gravado e mixado e deve ser lançado no final do ano. O disco, no entanto, provavelmente será apenas promocional. Até lá o Planet Hemp, com novo integrante – o DJ Zé Gonzalez – segue na ativa. "Vamos continuar cantando a maconha, como os sambistas cantam a cervejinha", prega D2. "Afinal, somos apenas um bando de maconheiros levando um som", finaliza. (Giovana Hallack)

O Podrão vem tomar o seu dinheiro

BRASIL importa coisa PODRE

Confirmado: os Sex Pistols vão tomar seu dinheirinho em dezembro. A banda se apresenta dia 2, no Rio e dia 3, em São Paulo. Enquanto isso, John Lydon barbariza. Num show numa praia na Alemanha, completamente escomado, lendo a letra das músicas, ele deixou os fãs indignados. Houve até quem jogasse areia na cara do podrão. Mas o tumulto mesmo estourou depois que um garoto subiu no palco e foi empurrado de volta por um cara da equipe dos Pistols. Os seguranças do show empurraram o tal sujeito e Lydon, descontrolado, partiu pra cima deles dando microfonadas. O show não terminou.

mamãe ADU

Sade pariu e volta só em 97

Sade Adu está fora de circuito desde o fim da turnê do álbum *Love Deluxe*, em 93. Ela estava grávida e saiu de cena para esconder a barriguinha. Agora, com o nascimento de Ila, sua filha com o produtor jamaicano Bob Morgan, em Londres, Sade lança novo disco ano que vem.

"Também gostaria de me aposentar, mas infelizmente meu cantor está vivo"
Keith Richards, fazendo piada com o pessoal que tocava com Elvis

Se você quer vencer, vença a si mesmo.

Be Your BEST

Não é só o impacto visual que está por trás do design e cores dos nossos tênis.

1. O Gel Asics é o mais avançado sistema de absorção de impacto. Foi desenvolvido para reduzir o impacto do choque constante dos pés com o solo, que chega a ser de até 3vezes o peso do corpo.

2. Para se ter uma idéia, essa mesma tecnologia é utilizada para diminuir os atritos dos foguetes.

Uma inovação que só a Asics possui. E que pode estar agora mesmo nos seus pés.

asics

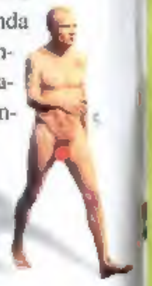
http://www.asicstiger.com

PEPPERS soltos

Cansados, os Red Hot não escondem o alívio pelo fim da turnê

Flea olha o relevo andando de motocicleta!

Apesar da declaração oficial que garante que os Red Hot Chili Peppers não vão se separar, os malucos do grupo estão fazendo a maior onda. Terminando a turnê mundial, o baterista Chad Smith deixa escapar: "Estamos nos separando quando os shows acabarem. É um alívio". O guitarrista Dave Navarro, preocupado, quer se garantir: "Vou pedir um emprego ao Perry Farrell (*seu parceiro no Jane's Addiction*)." Flea, que atualmente só fala sobre sua adorada filhinha e sobre a política na Irlanda do Norte, confessa seu ódio às turnês. "Você toca a mesma droga toda noite. Assim não dá pra crescer musicalmente." Com Anthony Kiedis, a barra anda ainda mais pesada: "Nunca pensei tanto em me matar como nos últimos tempos. Tenho prazer só quando me fecho no quarto com o Flea e seu baixo."



Fio do tempo

Renato Russo em 1983 e (abaixo) em 1996: quase igual, em tempo de *A Tempestade*

Viper dá adeus ao heavy metal

VIPER chocante

Com os cabelos mais curtos e um som bem menos pesado, o Viper está de volta. A ex-banda metaleira lança no final de outubro um disco com letras em português e quase sem guitarras distorcidas. "As distorções não acabaram, mas não têm mais aquele ranço metaleiro", explica o guitarrista Felipe Machado. Na nova fase, o grupo usa ainda gaita e naipe de metais. Mayrton Bahia (que faz os discos da Legião) produz o álbum. "Ele é perfeito para o que queremos fazer. Hoje ouvimos Beatles, Oasis, Legião e Barão." Por que tanta mudança? "A gente tava se sentindo fora do mundo, vendo amigos como Raimundos se dando bem. Queremos atingir o maior número de pessoas, nem que seja pra chocar todo mundo."

Guinga com ginga

Leila Pinheiro driblou a imagem neobossanovista e lançou o álbum *Catavento E Girassol*, só com músicas de Guinga e Aldir Blanc – dois Garrinchas da MPB que, segundo alguns Zagallos de gravadora, não ajudam na defesa das vendagens. "Se puder gravo mais discos com músicas do Aldir", ousa Leila. Ela também mostra pouca pudor cantando "Côco Do Côco", recheada de palavrões. "Que é que tem demais, xereca e cu? Todo mundo tem."

Leila lançou um discaço com a poesia desbocada de Aldir Blanc

Pra você que está lendo a Bizz
e ficou a fim de um monte de CDs.

uma Brasileira

Marisa Monte lança disco e vídeo e dá uma parada de dois anos para ser apenas Marisa

por PEDRO SÁ | fotos JORGE ROSENBERG

Diva, deusa, dama, todos os tratamentos normalmente reservados às grandes cantoras fazem pouco sentido diante da simplicidade e da espontaneidade desta carioca de 29 anos. Parafraseando o Nelson Rodrigues que ela tanto adora, Marisa Monte deve ser mesmo a unanimidade mais inteligente do Brasil. Mas toda mitificação em torno de seu nome será equivocada. Tire pelo título dos novos trabalhos que está lançando: Marisa chama as belíssimas canções embutidas no CD »

(duplo, mas com pouco mais de 70 minutos) e no vídeo de *Barulhinho Bom*. Se não fosse pelo apêndice, *Uma Viagem Musical*, poderia muito bem ser coisa de Genival Lacerda.

"Eu queria ir pro vagaba", anuncia ela, explicando a opção pelo desenho de Carlos Zéfiro (*ver box na página 24*) em papel reciclado, meio amarelado, na capa do disco. Maquiando-se para mais uma apresentação no Teatro Guaíra, em Curitiba, Marisa admite que quis eliminar certo ranço elitista em sua imagem. "Isso me incomoda um pouco, sim. E é totalmente sem sentido! Se eu vendesse dez mil discos, tudo bem. Mas meu trabalho é popular. Ele pode ter um padrão de qualidade rigoroso, mas elitista não é mesmo." Os números provam: seus dois primeiros discos venderam mais de 500 mil cópias e o terceiro, 660 mil cópias. Na EMI-Odeon, a opção pelo que a cantora chama de "estética trash" na embalagem não preocupa. "Pode chocar determinado público, mas o nível do trabalho conquista todo mundo", avalia Alberto Runkel, diretor de marketing da gravadora.

a est[illegible]não leve

[illegible]udor de se ass[illegible]

a uma [illegible]ica "vagaba"

[illegible]na capa do *Barulhinho Bom*

Cor De Rosa E Carvão saiu em 38 países e *Barulhinho Bom* deve ser lançado em mais lugares ainda

Octávio Paz. As três outras músicas foram presente do amigo Carlinhos Brown, que de vez em quando trata Marisa por "mamãe": "Arrepio", sem letra, mas com vocais, "Maga Malabares", que ele compôs para a filha de seu primeiro casamento, e "Maraçá", uma viagem cinematográfica por sua torneirinha de idéias.

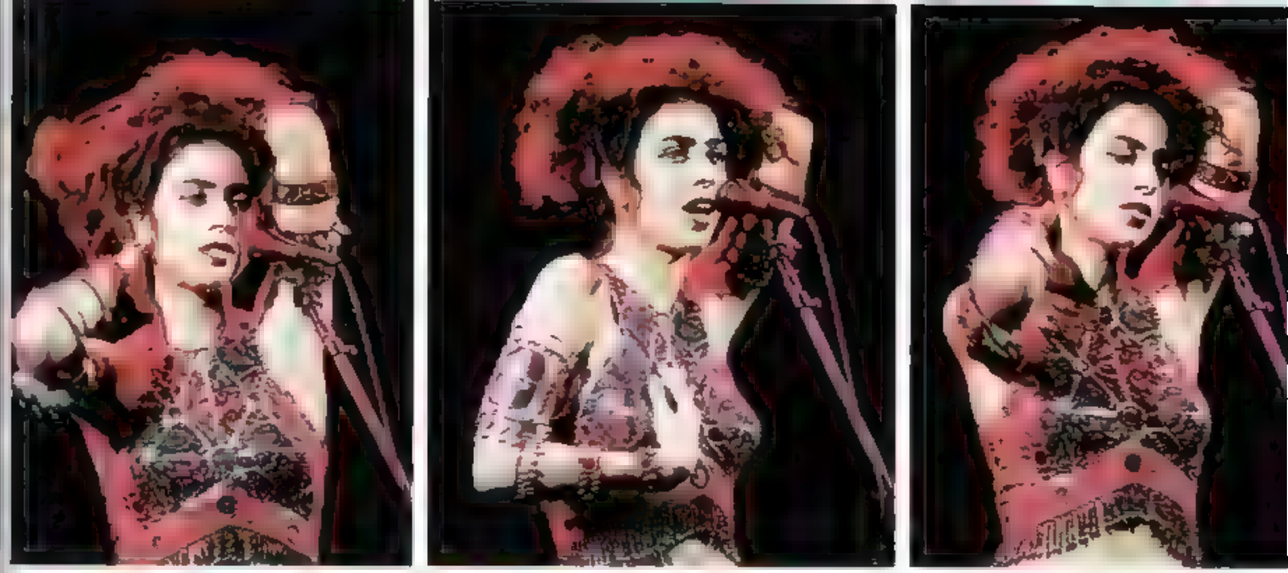
O próprio Brown co-produz as três faixas. "Ele chegou em Nova York sem nenhum instrumento. Só trouxe o violão. Gravou batucando na mesa, batendo em caixa de madeira, em caixa de papelão, tocou um cinzeiro, deu umas raspadas com a mão...", conta Marisa, em Curitiba.

Na noite anterior, ela tinha recebido a equipe de SHOWBIZZ depois do show em que estreava músicas e figurinos novos. "Puta, essa roupa está me sufocando, apertando bem aqui", queixou-se, espetando o dedo no pescoço do jornalista. "Já pensou ter que cantar assim?" Deu para sentir na pele. Cabelos presos, sobretudo preto e óculos – "um grau e meio de miopia, pra ler, ver show, cinema e dirigir" –, ela foi receber alguns fãs na porta do camarim. Gente jovem, tímida, atrás de autógrafos e de um bocadinho do brilho da estrela. Estrela? Estrela, claro, mas sem frescura, sem gurus misteriosos, sem superstições esquisitonas e sem *entourage* de bichas para puxar o saco e gritar "poderosa" e "absoluta".

O álbum *Barulhinho Bom – Uma Viagem Musical* dá créditos de produção a Marisa Monte e Arto Lindsay e está dividido em dois CDs. Um foi gravado ao vivo num show para convidados no Teatro Carlos Gomes, no Rio, e numa apresentação no Teatro Guararapes, no Recife. Além de registros das pessoais e intransferíveis "Segue O Seco", "Bem Leve", "Dança Da Solidão", "Ainda Lembro" "Ao Meu Redor" e "Beija Eu", o disco traz as superdébitas apropriações que Marisa e sua banda fazem de "A Menina Dança", dos Novos Baianos, "Give Me Love", de George Harrison, "Panis Et Circensis", dos Mutantes, e "O Xote Das Meninas", de Luiz Gonzaga e Zé Dantas.

O segundo CD é de estúdio e foi feito parte no Rio, parte em Nova York. Inclui uma releitura de "Tempos Modernos", de Lulu Santos, "Cérebro Eletrônico", do baú tropicalista de Gilberto Gil, "Chuva No Brejo", de Moraes Moreira, e uma adaptação do poema "Blanco", do mexicano

há pouco tempo, chegou para o empresário e disse "eu não aguento mais a Marisa Monte!"



Os fãs podem babar nos arquivos de Marisa há gravações sensacionais como "Celeste" (parceria dela com Renato Russo que a Legião lançou como "Soul Parsifal")

Zéfiro "um clássico" na definição de Marisa

"popular pra c...!"

Alcides Aguiar Caminha (1922-1992) era um pacato funcionário público, casado, pai de cinco filhos, morador no longínquo subúrbio carioca de Anchieta. Como parceiro de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, deixou belos sambas. Sob o pseudônimo Carlos Zéfiro, desenhou e escreveu 860 revistas de sacanagem (apelidadas de "catecismos") que fizeram a alegria erótica e o prazer masturbatório de gerações inteiras de brasileiros. E agora aparece na capa do CD de Marisa Monte. "Foi idéia do Claudio Torres e tem tudo a ver com a idéia do disco. O Zéfiro é popular pra caralho!", exalta ela. Com razão em todos os sentidos.

"Acho que é basicamente uma questão de geração. Sei lá, fui criada em outro contexto. Bethania e Gal são grandes estrelas mesmo, mas não controlam a postura das pessoas em relação a elas. Quer dizer, elas não criaram esse tipo de relação sozinhas. As pessoas precisam de divas, de estrelas", teoriza Marisa, no dia seguinte. Ainda assim, ela não se conforma quando os fãs mais emotivos chegam perto e começam a soluçar. "Você fala 'Perai, calma, não é pra chorar, gente! É muito louca essa relação."

No Rio, a fama não atrapalha. Mas em cidades menores, não dá pra ser mais uma na multidão. "Tem lugares onde eu sou um ET, um alienígena que as pessoas nunca sabem quando vão poder ver de novo. Saio na rua e pode rolar confusão, quando você vê, junta quarenta pessoas à sua volta num shopping. Então eu fico mais pelos hotéis, lendo livrinho, vendo televisão..."

Disco e vídeo novos deram uma canseira na cantora. "Nunca trabalhei tanto. Trabalhei pra caralho, barra pesada", sublinha ela. Seu empresário Leonardo Netto chegou a ouvir um estranho desabafo: "EU NÃO AGUENTO MAIS A MARISA MONTE! EU NÃO QUERO MAIS A MARISA MONTE!" Quem conta é o próprio Leonardo, às gargalhadas. Ela sorri, agora que já passou: "A Marisa não existia mais. Acordava de manhã, já tinha recado. Reunião de vídeo, tal hora. Resoluções do disco, tal hora. Ensaio pro show, tal hora. Minha cabeça estava pra explodir. Não tinha ginástica, não tinha dentista, eu não tinha tempo pra nada!"

Ano que vem, Marisa Monte vai dar uma parada para Marisa viver um pouquinho. "Eu queria mesmo é não fazer nada... Mas depois dos shows em São Paulo e no Rio vou direto para a Europa. Com tudo, cenários, vídeos... A partir de dezembro, fico pelo menos um ano parada. (*Em março, porém, vai para os EUA lançar* Barulhinho Bom – A Musical Journey) Depois, seis meses produzindo um disco novo, mais uns dois meses ensaiando show novo. Lá por 98, 99, eu volto."

A reclusão não vai ser total, dá direito a aparições em um ou outro festival e no Carnaval baiano, a reboque do grande amigo Carlinhos Brown. "Chega uma hora em que você quer estabelecer e consolidar outras coisas na sua vida. Como diz minha mãe (*em tom de pito carinhoso*): 'Não é só isso!'" Marisa tem 29 anos. Quando a conversa cai na idade, ela se adianta: "Pois é quase balzaca, né?" Ou mais para a marcante "Mulher De Trinta" do Miltinho, proponho. "Qual é essa música do Miltinho?" Não me atrevo a cantarolar, mas aviso que o Rosenberg (*fotógrafo*) faz uma imitação hilariante do fraseado arisco de Miltinho e pode mostrar pra ela depois.

Morando sozinha com Dona Nazareth (governanta de 72 anos, sua segunda mãe), Marisa tem dias em que acorda cantando. "Eu tô na boa. Trinta anos é bom, né? Minha irmã que está com 31 falou que o trinta é o melhor ano da vida da gente: 'Se prepara que ano que vem vai ser o melhor ano da sua vida.'" O namoro com Davi Moraes, guitarrista de sua banda, ela ainda não pensa em transformar em casamento. "A gente mora pertinho e está sempre junto", justifica. Mas é só falar em filhos para seus olhos escuros brilharem. "Não quero esperar muito não. Tenho muita vontade. Sou canceriana, supermaternal e todas as minhas amigas que foram mães recomendam."

Nesta altura da conversa, Marisa me apresenta outra parte importante de sua vida. "Conhece a minha madrinha? Eu a chamo de Tia Vera, mas ela não é

minha tia de verdade, é minha madrinha." Miudinha, adorável como as tias de melhor procedência, Vera era "tipo a melhor amiga" da mãe de Marisa. Era também secretária particular de Maria Bethania. Agora trabalha para a afilhada.

Aos treze anos, Marisa foi ver Tia Vera no camarim de sua então chefe. "A Bethania perguntou: 'Quem canta? Aah, é você... Vá fundo, minha filha'", imita Marisa. A benção estelar não ficou por aí. Em setembro de 1987, conta Vera, Bethania foi ver a garota, crescida, no Jazzmania. "Eu perguntei: 'Que que cê acha?' E ela disse: 'Deixa a menina! Não tem que dizer nada. Ela sabe de tudo!'" Bethania falou e não cumpriu. "Depois, ela me chamou pra jantar na casa dela e me deu altas dicas. Disse para eu ir sempre pela minha cabeça e outras coisas profissionais que não me sinto autorizada a dizer por aí", conta Marisa.

Barulhinho aponta para um caminho mais pop mas Marisa também fez uma participação especial no disco do Época de Ouro

Com Gal Costa, referência mais citada nas críticas de *Cor De Rosa E Carvão*, ela teve menos contatos. "Mas admiro pra caralho. Acho ótimo ser comparada ao trabalho de Gal nos anos 70. Não posso negar a influência. Minha musicalidade é de quem ouviu muita MPB."

A história da Marisa carioca bem nascida, com pai diretor da Portela e a Velha Guarda pagodeando na sala de sua infância, já é conhecida. Ela se empolga narrando como gravou (só no vídeo) "Quantas Lágrimas" – de Manacea, "a musica mais bonita do mundo" – ao lado das pastoras Doca, Surica e Eunice. Também acaba de fazer uma participação especial no disco do regional Época de Ouro, cantando "Onde Andarás" (de Caetano e Ferreira Gullar).

Mas alto lá! Para esta jovem que circula pelo Rio ao volante de um Nissan Pathfinder e costuma cantar em Nova York na casa da atual Ms. Lou Reed, Laurie Anderson, [illegible] noticiário policial. "Longe de mim isso. Eu gosto de certas músicas e quero ser instrumento para que as pessoas as conheçam. Não tem discurso, é mais uma coisa 'olha que emocionante isso, escuta só que lindo!'"

Em casa, entre uma Cesaria Evora e um Madredeus, Marisa alimenta seu CD-player com o soul de Al Green e Curtis Mayfield. "Ainda vou gravar uma coisa desses dois." Cheia de elogios para Chico Science, ela avisa que seu trabalho agora segue direções universais. "Este novo disco é bem mais pop do que o *Cor De Rosa*. Tem samplers, já aponta para uma música brasileira mais dentro do mundo, com muitas influências de fora." Não foi por casualidade que ela regravou "Tempos Modernos". "É a nossa geração, né, Pedro? A adolescência no Morro da Urca...", filia-se.

O vídeo *Barulhinho Bom* – que, Marisa não esconde, "é o grande lance. Você precisa ver, cara!", exclama, com a mais genuína das empolgações – vai fundo também na ligação com o som dos Novos Baianos. Além de cantados pelas pastoras da Velha Guarda da Portela em "Besta É Tu", eles aparecem mandando ver com Marisa em "Mistério do Planeta" e "Eu Sou O Caso Deles".

Dirigido pela dupla Lula Buarque e Cláudio Torres, velhos amigos de Marisa, o vídeo tem aproximadamente uma hora de duração e registra encontros históricos como o de Marisa com Paulinho da Viola e Raphael Rabello num ensaio no Estúdio Verde, no Rio. "Tem também um registro que desmistifica completamente o processo de composição. Ao vivo, diante das câmeras, eu, o Brown e o Arnaldo Antunes numa de vamos-fazer-música-agora! O Brown tocando, o Arnaldo escrevendo, rabiscando...", descreve orgulhosa.

O clima estradeiro dá a tônica da fita. "Tem imagens da turnê pelo interior de São Paulo, coisas em super-8, uma viagem que fiz pelo Nepal... Tinha que ser assim mesmo. Vivo viajando. Minha vida é... uma viagem... (*risos*) Ah, tem também uma inédita que eu canto dentro do ônibus!" E desata, feliz: "Mais uma vez, eu vou te deixar/ Mas eu volto logo pra te ver, vou com saudade no meu coração/ Mando notícias de algum lugar..." Valeu, Marisa.

Marisa domina completamente a cena: costuma sair do palco com a platéia inteira cantando "Bem Que Se Quis"

À esquerda, a banda de Marisa, já com o novo percussionista Orlando Costa; abaixo, ela distribui autógrafos na porta do camarim do Guaíra, assistida por Tia Vera

por José Emílio Rondeau

O R.E.M. lança disco novo, *The New Adventures In Hi-Fi*, em meio a boatos sobre problemas de relacionamento entre seus integrantes

O FIM DO MONSTRO?

Os integrantes do R.E.M. estão reunidos num prédio histórico próximo ao centro financeiro de Los Angeles, entregues aos afazeres de divulgação de seu novo disco *The New Adventures In Hi-Fi*. Gravam partes de dois clips, "E-Bow The Letter" (que tem a lendária Patti Smith nos vocais) e "Bittersweet", posam para fotógrafos e dão entrevistas. Conversam com a revista americana *Rolling Stone*, com a francesa *Les Inrockuptibles* e com SHOWBIZZ. As tarefas são enfrentadas com galhardia pelos músicos, mesmo com o calor senegalesco que faz na cidade.

O R.E.M. é um dos raríssimos casos de grupo que se manteve vital, influente, singular, claramente reconhecível, mas sempre surpreendente e íntegro, durante quase duas décadas de atividade ininterrupta. Apesar de os últimos anos terem sido dos mais incomuns para eles.

Pessoas ligadas à banda dizem que o clima entre os integrantes do R.E.M. não é mais o mesmo. Informalmente, a profecia do baixista Mike Mills – que um dia disse: "Se nós nos mudarmos, será a destruição da banda" – confirma-se aos poucos. O guitarrista Peter Buck acelerou o suposto processo de esfacelamento do grupo ao se mandar de Athens, cidade natal do R.E.M., direto para Seattle.

A turnê de *Monster*, encerrada em novembro passado em Atlanta, com uma cover ensandecida de "Wild Thing", azedou a vida do quarteto. Quase todos os integrantes do grupo fizeram temporadas hospitalares solo, sendo que o baterista Bill Berry chegou a sofrer risco de vida por causa de um aneurisma. Mike Mills teve problemas com a cicatriz interna de sua operação de apendicite e Michael Stipe foi operado de uma hérnia. Há alguns meses o "monstro" fez outra vítima: o empresário da banda, Jefferson Holt, considerado culpado pelos desastres da excursão, foi demitido.

Ainda assim, há quem garanta que o clima no R.E.M. nunca foi tão bom. As gravações de *The New Adventures In Hi-Fi*, último disco do contrato da banda com a Warner correram sem problemas. Stipe e Buck voltaram às boas e o vocalista até mudou para Se- »

attle. "Eles estão unidos como nunca", diz um amigo da banda.

Diante de todos esses boatos, *The New Adventures In Hi-Fi* seja talvez o álbum mais incomum de toda a discografia do R.E.M. Todas as 14 faixas foram gravadas em parte ou por inteiro na estrada, durante shows e passagens de som. Mas não é um disco ao vivo. Não há platéia e muita coisa foi adicionada em estúdio.

Várias músicas se destacam pela forma diversa do som R.E.M.. A faixa de abertura, de título quilométrico e irônico ("How The West Was Won And Where It Got Us"), que mistura musica de caubói com piano jazzístico. "Leave" é envolta numa zoeira disco-retrô. A glam "Departure" caberia no repertório do Mott The Hoople. *New Adventures* vem sendo aclamado como mais forte que *Monster*. E com letras reflexivas "sobre desespero e morte", como adiantou Michael Stipe à revista inglesa *Q*.

"Nossa intenção era capturar a energia da banda ao vivo. Por outro lado, foi também uma maneira preguiçosa de fazer o disco", diz Mills, sentado à sombra de uma árvore enquanto são filmadas as cenas de "Bittersweet" – cuja atração é a atriz Valeria Golino, de *Rain Main*. "As bases de dez músicas foram gravadas na estrada. Quando começamos a aprontar o disco, um terço do trabalho já estava feito. Economizamos bastante tempo."

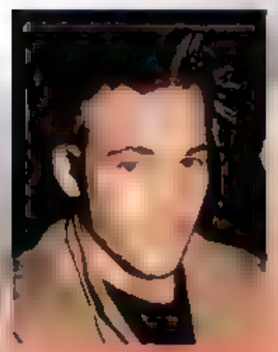
O guitarrista Peter Buck complementa o raciocínio de Mills. "São instantâneos da vida na estrada. Outras pessoas gravaram ao vivo discos inteiros de músicas novas, mas acho que ninguém compôs e gravou um disco enquanto excursionava. É uma representação meio oblíqua de o que é a vida na estrada."

The New Adventures In Hi-Fi foi gravado num espaço de oito meses,

Vão se os cabelos e a inocência, ficam os clássicos. No sentido horário, Peter Buck, Bill Berry, Mike Mills e Michael Stipe nos tempos de *Murmur*, álbum de estréia, e nos dias de hoje (à esq.)

O protegido de Stipe

Com a parada estratégica do R.E.M., Michael Stipe vai se dedicar a outra de suas paixões – o cinema. O vocalista construiu um pequeno estúdio em Athens onde foram rodados dois filmes. Um deles tinha como estrelas Drew Barrymore e Stephen Dorff (que viveu Stu Sutcliffe, o beatle que largou a banda antes da fama, em *Os Cinco Rapazes De Liverpool*). Aliás, Dorff é o novo amigo inseparável de Michael Stipe. Os dois são vistos frequentemente. "Ele é meu vínculo de ligação com os anos 90", definiu o cantor.



Stephen Dorff: de Liverpool para Athens, onde goza da amizade de Michael Stipe

"A intenção era capturar a energia da banda ao vivo. Mas também foi uma maneira preguiçosa de fazer um disco"

em lugares como Detroit, Atlanta e Los Angeles. Os overdubs foram feitos no estúdio Bad Animals em Seattle, sob a supervisão do produtor Scott Litt. Muitas gravações aconteceram em palcos durante passagens de som e isso, para Mills, foi deveras vantajoso. "No estúdio, o processo normal seria compor a música, tocá-la umas duas vezes", explica. É muito diferente de uma turnê, quando você toca a mesma música umas 150 vezes para depois escolher a melhor versão. Quanto mais você toca uma música, melhor ela é tocada, mais justa fica."

Gravávamos quase todas as passagens de som e depois ouvíamos o resultado para escolher as melhores partes. Tocar com perfeição não era essencial. O importante era a energia, a vitalidade de cada faixa.

Entre as várias músicas que foram sendo burriladas diante das platéias que iam ver o R.E.M. na excursão de *Monster*, estão "E-Bow The Letter", "Binky The Doormat" e "Wake Up Bomb" – esta a mais antiga do lote, composta no ano passado. Houve casos de registros bem pouco ortodoxos. A instrumental "Zither", por exemplo, foi gravada no banheiro do camarim.

A participação de Patti Smith era um sonho da banda há anos. Mills recorda que a poeta punk iria cantar "Everybody Hurts", faixa de *Automatic For The People*, "mas ela estava ocupada na época, cuidando de sua família". Durante a excursão de *Monster*, porém, ela não escapou. "Patti foi assistir a alguns dos shows. Junto com ela, cantamos 'Dancing Barefoot' (*um dos hits undergrounds de Patti*) e foi divertidíssimo. Então simplesmente a convidamos – dissemos que gostaríamos de tê-la cantando no disco. Ela disse sim."

Antes de voltar a seu trailer, Mike garante que, depois desta maratona de shows e gravações, o R.E.M. permanecerá longe da estrada por um bom tempo. "Tínhamos decidido que depois da turnê de *Monster* iríamos dar uma parada. E, naturalmente, acabamos emendando a turnê com a gravação desse disco. Mas agora vamos dar uma sumida mesmo."

batendo lata na terra das louriNHAS

Paralamas Do Sucesso aquecem o repertório do disco novo em miniturnê pela Europa

Reportagem: Cristina Bu

Em Hamburgo, toda Vênus ariana tem seu dia de "Lourinha Bombril". Os Paralamas Do Sucesso que o digam. O grupo carioca, ao lado dos recifenses Chico Science & Nação Zumbi, põe abaixo a casa de shows Fabrik, em mais uma etapa da sua turnê européia. "Os shows estão sendo sensacionais. Queremos gravar esses espetáculos para lançar um registro dessa turnê", entrega João Barone.

Aqui, Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone vivem uma situação diferente da vivida no Brasil e na Argentina – onde foram adotados como atração local. O Fabrik é um local pequeno e a duração do show, cronometrada. Mas isso nem de longe parece incomodar a banda. Finda a apresentação, o trio se mistura ao público para conferir a Nação Zumbi

Barone e Herbert sobem ao palco para uma jam – outra escrita mantida nessa turnê – e derretem de vez a frieza alemã. Chico Science canta "Alagados" para depois ser levado pelos braços por Herbert. O guitarrista brada ao microfone: "Chico Science, Pernambuco, Recife, Brasil!" No dia seguinte, o jornal *Hamburger Abendblat* rasga seda para a apresentação dos Paralamas. "Finalmente o clichê brasileiro da caipirinha, do samba,

MAURICIO VALLADARES

João Barone, Bi Ribeiro e Herbert Vianna: Los Três Amigos num momento de ternura

Hamburgo é a parada para o grupo se fartar de salsichão e cerveja

do biquíni e de Copacabana está sendo deixado de lado. Com uma boa mistura de ritmos brasileiros e pop internacional, os Paralamas nos fazem esquecer os Rolling Stones e o Oasis"."

Horas mais tarde, numa entrevista dada para diversas publicações brasileiras, confirma o cordão umbilical que une Paralamas e Nação Zumbi. "Talvez sejamos a banda dos anos 80 mais em sintonia com essa nova geração de Chico Science. Vejo neles a reafirmação de algumas coisas que são parte fundamental do nosso trabalho."

Herbert Vianna fala com razão. Os Paralamas são pioneiros no que se chamou de "abrasileirização" do rock nacional. Graças a álbuns como *Selvagem?* (1986), *Bora Bora* (1988) e *Big Bang* (1990), que influenciaram muitos grupos da nova geração. "O interessante é que, quando a gente começou a fazer esse tipo de coisa, levamos pedrada por causa disso. Hoje todo mundo acha ótimo que as bandas usem ritmos brasileiros e tal ' desabafa Bi Ribeiro.

A turnê paralâmica passou por Paris, Amsterdã, Hamburgo (onde Bi Ribeiro se fartou de cerveja e salsichão), Berlim, Mainz e Zurique e teve algumas curiosidades O grupo fez uma apresentação na França como representante da Argentina. "A cidade em que »

tocamos tinha um convênio cultural com Buenos Aires e um empresário francês assistiu a um de nossos espetáculos na Argentina", explica Barone.

Enquanto os Paralamas se refestelam nos palcos europeus, chega às lojas brasileiras *Nove Luas*, novo disco do grupo. O álbum está sendo saudado pela imprensa como uma volta ao pop — e Herbert concorda sem hesitação. "As músicas de *Severino* (*a maior decepção do grupo em termos comerciais no Brasil*) eram conceitos, não canções. Ficamos cheios daquilo, queríamos canções de novo", desabafa. "*Nove Luas* é muito simples. Não tem nada tocado por máquina, apenas canções que compus ao violão."

Os Paralamas falam sobre o disco *Nove Luas*

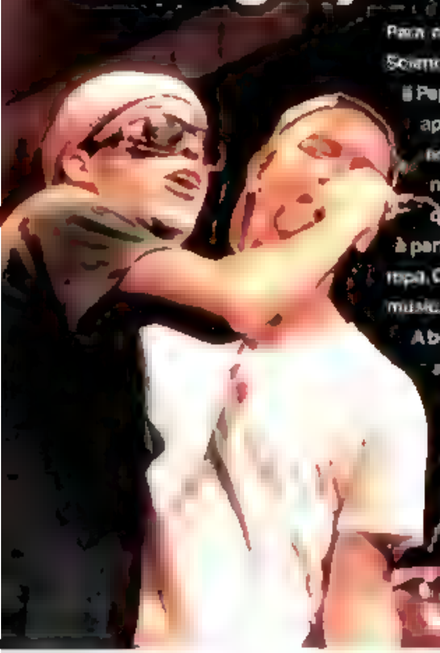
Os Paralamas tocaram num festival na França como representantes da Argentina (!)

Nove Luas vendeu, em apenas um mês, cerca de 250 mil cópias. Traz parcerias de Herbert Vianna com Nando Reis e Marcelo Fromer (Titãs), Thedy Correa (Nenhum De Nós) e Lulu Santos. Os Paralamas também regravaram "Capitão De Indústria", de Marcos e Paulo Sérgio Valle e dois sucessos de grupos argentinos. O primeiro é "Parate Y Mira", de Los Pericos (banda que já foi produzida por Herbert), vertida para "Lourinha Bombril". "Não é exatamente uma versão. Escrevi outra letra em cima de um refrão deles", professa Herbert. A outra, "De Música Ligeira", é do Soda Stereo, o grupo pop mais importante da América Latina.

A boa maré atravessada pelo grupo, desde que o ao vivo *Vamo Bate Lata* vendeu mais de 800 mil discos, é uma excelente situação para avaliar os tempos de vacas magras. "Foi um sucesso e grande parte das músicas são de *Severino*", intui Herbert. "Acho que as coisas que acontecem de errado são para ensinar algo e aquelas que acontecem certo são justamente aquelas com as quais você aprende menos. Mas sua satisfação ou insatisfação não pode ficar subordinada à vendagem ou ao sucesso de um disco."

Os Paralamas tiraram o mês de agosto para um rápido período de férias. Bi foi à Inglaterra ser padrinho de Hope, segunda filha de Herbert, e João Barone burila uma nova etapa do vídeo *João Barone Dá O Toque*, em que ensina manhas de bateria. Herbert, por sua vez, dá os retoques finais em seu novo álbum solo — *Uns Dias* —, que tem versões acústicas de músicas de Ronnie Lanne, Fito Paez e dos próprios Paralamas. Em outubro, o grupo parte para uma outra missão — esta, mais fácil: cativar as lourinhas-bombris locais com o melhor do pop nacional.

Caranguejos com pimenta



Para os alemães, a caranguejada sonora de Chico Science bateu como um cruzamento de Red Hot Chili Peppers com as letras do Clash. Chico concorda, apenas em parte. "Nossas apresentações são energéticas como as do Chili Peppers, mas o nosso estilo é diferente. Quanto ao Clash, acho que temos letras mais naturais." Comparações à parte, a Nação Zumbi vai bem nas paradas da Europa. O grupo está em quinto lugar na categoria world music, à frente de Daude e Carlinhos Brown.

A boa performance de Chico Science & cia. se deve ao próprio esforço da banda, que no ano passado juntou uns trocados e excursionou por vários países da Europa. Dividiram o palco com Nick Cave, Pogues e Beck.

Apesar do relativo sucesso na Europa, a Nação Zumbi está a anos-luz do Chili Peppers, principalmente no que se refere à acomodação: eles ainda fazem do ônibus de excursão o seu hotel cinco estrelas.

MARILENE MAIOS

fest VALDA
aberto de música
um show de bandas novas!
[DJ]
raves
e muito + (s)...
No Morro da Urca
24 à 26 de outubro
Se você não descolou um convite na sua Escola/Universidade, o preço pra estudante é R$5,00.
PATROCÍNIO EXCLUSIVO
VALDA
APOIOS
SHOWBIZZ
MM
CAPRICHO
MANHATTAN
SHOW

REPÓRTER BIZZ

SUMFEST 96

por PEDRO SÓ, de Montego Bay

Bananada: Lucio (baterista), Gabriel (guitarra), Bruno (baixo), Eduardo (guitarra) e Sergio (vocalista) posam à frente do cartaz

Bananas na Jamaica

No maior festival de reggae do planeta, o Sr. Banana fez bonito entre astros como Shaggy e Luciano

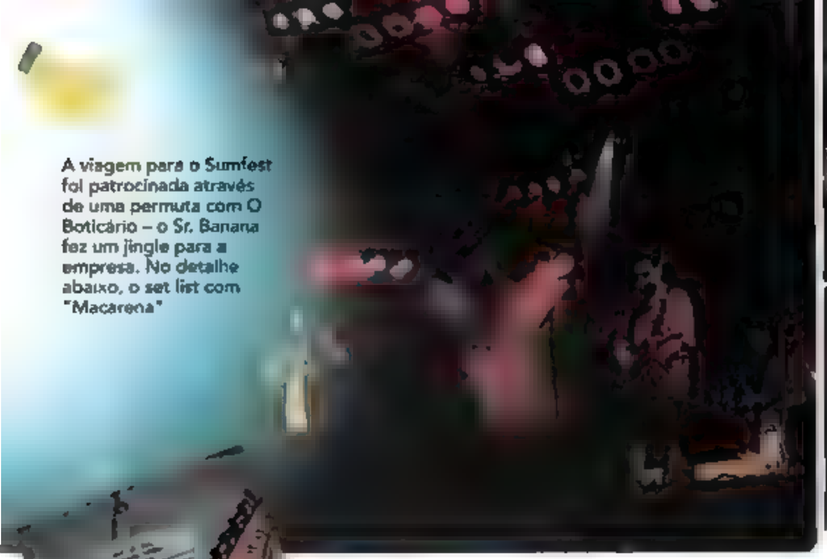
Tinha muito para dar errado. Cinco branquelas curitibanos representando o Brasil num festival de reggae na terra negra onde ele foi inventado. Aliás, no melhor festival de reggae do mundo, o Sumfest hoje com mais prestígio do que o tradicionalíssimo Sunsplash. Ninguém da banda falava inglês direito. Nem mesmo o produtor que os trouxe, Geraldo Carvalho. Mas o *branqueleônico* exército veio, viu e venceu. Abriu a quarta e última noite do evento e segurou a peteca. **Claro, teve aquele negócio: para provar da cachaça, precisa antes comer a feijoada. No caso, os rapazes do Sr. Banana tiveram de tocar a "Macarena".** Atendendendo a pedidos dos organizadores, eles ensaiaram uma versão do hit cucaracha e conquistaram a platéia "Ano que vem, podem voltar e tocar no meio da noite", avisou John Gourzong, diretor do Sumfest.

Enquanto o vocalista Sergio Sofiatti cantava "Banana da Martinica", um rasta aborda o jornalista brasileiro na platéia com um baseado. "Tá a fim?" "*No, thanks*", rebato. Ele insiste. "Não, valeu, tô com a garganta ruim. Tá gostando do show?" "É bom, é bom. Mas coisas melhores virão", diz o rasta, coberto de razão. Grandes nomes como Shaggy, Maxi Priest, Wayne Wonder, Yvad e Buju Banton cantariam depois naquela noite. "Quer comprar um baseado?", continua ele. "Não, valeu. Eu já estou abastecido, *man*." "Vamos tomar uma cerveja, então?" "Não posso, *man*. Tenho de ver o show, sou jornalista e estou trabalhando. Gostou dessa versão?", pergunto, quando os guitarristas Eduardo Pizzato e Gabriel Teixeira dão os acordes finais de "Day'O", clássico eternizado por Harry Belafonte. Resposta: "*Irie*! *Irie*!" Tradução "Bacana!" Ele continua: "*Irie*! Tudo bem, você não pode ir beber comigo. Então me paga uma cerveja aí, *man*!" Olho para a cara do rasta e lembro de um filósofo niteroiense amigo meu que costuma dizer "Quem tem filho grande é elefante". Como o rasta não entende niteroiês, respondo em português mesmo: "Aí, não vai dar não"

Em Montego Bay, capital turística da Jamaica, é assim. A ganja é a primeira coisa que lhe oferecem depois que você passa da aduana O carregador de bagagens já traz consigo baseados apertadinhos Vende-se bagulho até dentro d'água nas praias de Mo'Bay. O negão chega de barquinho com camarões que mais parecem lagostas e aborda o banhista que está com água pelo pescoço: "*Do you want a big Bob Marley spliff?*"

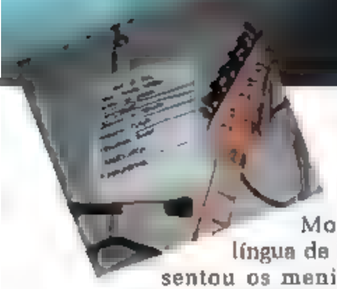
Ninguém precisa falar inglês na Jamaica, bastam as *vibes*. O rasta entendeu meu recado durante o show do Sr. Banana. Geraldo Carvalho também, mesmo sem falar inglês, guiou os bananas por »

De cima para baixo a trupe brasileira posa unida (o produtor Geraldo Carvalho é o de blusa vermelha); Sergio manda botar dreadlocks na barbicha, Sérgio, Bruno e Eduardo após muita Red Stripe, Fabiano Neves, empresário dos Bananas, sofre com a pimenta



A viagem para o Sumfest foi patrocinada através de uma permuta com O Boticário – o Sr. Banana fez um jingle para a empresa. No detalhe abaixo, o set list com "Macarena"

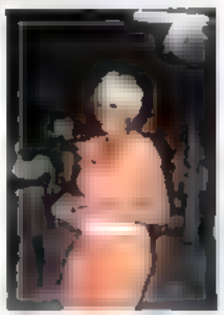
No backstage, Shaggy faz chifrinho



Os bananas conheceram o produtor Sly Dunbar e devem voltar ano que vem

Mo'Bay. Na língua de Jah, apresentou os meninos para meio mundo artístico jamaicano *Respect*, Geraldo! Eles agradaram mesmo. A americana Michelle Williams, produtora do Sumfest, adorou "a música que eles tocaram que diz '*gimme your love*'" – "Vamos Fugir", de Gilberto Gil. Dennis Hammond, jornalista da FM JBC, também curtiu. "Eles são legais. O que tocam não é exatamente reggae, é uma mistura."

Os três dias de estadia voaram. Depois de 24 horas de viagem Curitiba-São Paulo-Miami (com seis horas de escala) - Mo'Bay, a bananada chegou podre no hotel cinco estrelas Wyndham Rose Hall Resort. Seguiu quase direto para um coquetel do festival num dos coloridos busuns da linha Soon Come Shuttle (circular-chegalogo). Lá, prova de fogo: na frente de jornalistas, produtores e artistas, o Sr. Banana foi intimado a fazer uma improvisada performance. Sem instrumentos. Com galhardia, Sérgio cantou "Dignidade" acompanhado só pelas palminhas do baixista Bruno Balainha. Ganhou aplausos e até convites para tocar nos EUA.



A jama cana que tirou Sérgio do sério

De lá, a trupe pegou o Soon Come para uma entrevista coletiva que contaria com a presença de Luciano (pronuncia-se Lutiano, como o Pavarotti), maior ídolo jamaicano da atualidade. Na mão inglesa das ruas de Mo'Bay, o que se seguiu foi uma mistura de *Magical Mystery Tour* com *Velocidade Máxima*. Perdidão, o motorista rodou duas horas sem conseguir encontrar uma tal Enchanted Villa. Parou até numa DP, onde fomos recebidos por canas de fuzil em riste. Depois de resolvido, por votação da tripulação, o fim da busca do endereço, o motorista voou mais dez minutos e fomos dar... direto no tal lugar.

Era a casa do megaprodutor e baterista Sly Dunbar, descobrimos, constrangidos, depois que a trupe Banana – total de dez machos – tinha invadido a sala. Luciano estava lá, de turbante e charuto de ganja na mão. Coletiva? "Tudo bem, podem invadir. Brasil é sempre bem-vindo", saudou Sly. Apertos de mão, apresentações ao pupilo Luciano – "Esse sabe tudo", babou Sly – e pista.

A primeira noite do Sumfest, no Catherine Hall (que, apesar do nome, não é um salão coberto, e sim uma espécie de taba, com barraquinhas em todo perímetro da cerca) tinha sido só para "Legends", veteranos como Bob Andy (*ver box na página ao lado*), Marcia Griffiths e Yellowman. **A segunda, a mais cheia (sete mil pessoas), foi dedicada ao dancehall, com Beenie Man, Bounty Killa e a boazuda Lady Saw, saudada pelo jornal *Saturday Star* como campeã da *night*: "Baixarias do começo ao fim".**

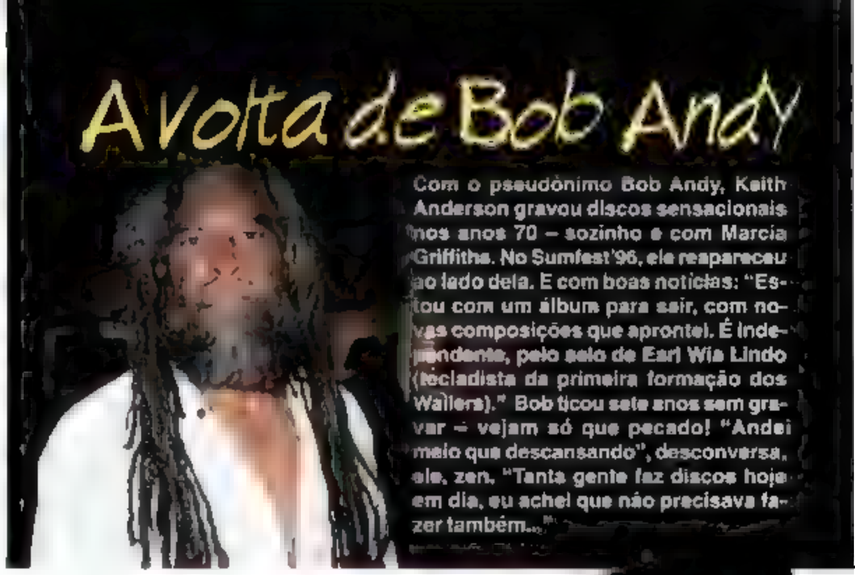
A noite de sexta levava o nome "Roots Reggae Jam". Na constelação de astros, brilharam Barrington Levy, com suingue e barriga de Genival Lacerda, Gregory Isaacs, e, claro, Luciano. Apresentado pelo MC com um longo discurso consagrador ("Depois de Bob Marley e Garnett Silk, Luciano!"), o bochechudo agrada a jovens e velhos. Faz mantra para os quadris, mas também é capaz de parar o show, pedir silêncio e mandar todo mundo rezar para Jah. Reverente, canta "War", de Bob Marley, e "I Am Vex", de Garnett Silk (o mais recente mito jamaicano, voz suave, letras rasta, que partiu para Zion no fim de 1994, aos 28 anos, tentando salvar a mãe num incêndio em sua casa). Dizem, mas ninguém aguentou o suficiente para ver, que Sugar Minott, às 6h da manhã, também arrasou. Mas deu para sacar Everton Blender, café forte, inspiradíssimo em canções como "Family Man". Michelle Williams diz que, inspirado, Everton é melhor do que Luciano. *Yo, man!*

Dia seguinte, show dos Bananas, a turma correu riscos: levados por um **motorista fanático que lembrava a escalação do Brasil na Copa de 70 (até do Rildo!) e achava que fomos roubados contra a Nigéria na Olimpíada ("o gol do Juninho!")**, comemos num restaurante povão do centro de Mo'Bay. O famoso tempero *jerk* jamaicano, apimentadíssimo, não fez vítimas, sendo aplacado à base de muita cerveja Red Stripe. "Oba, alimento pras minhas hemorróidas", comemorou o baixista Bruno.

O pessoal de Curitiba fala "tesão" para tudo. Comida tesão, emprego tesão, praia tesão... "O show foi tesão", repetiu o baterista Lúcio Balainha. Enchendo a cara de uísque para comemorar depois, Sérgio levou a universalização do tesão para além do vocabulário. Viu a nativa Denise Cameroa espremida numa roupa laranja, suculenta como um torresmo, e bradou: "Mulata tesão! Eu pegava."

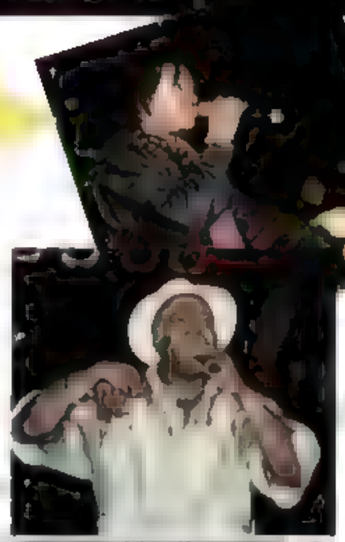
Ficou só na ameaça, assim como Maxi Priest, astro-mor da noite. Carregando nas babas, o inglês não segurou a vibração que Shaggy tinha deixado no ar: saiu vinte minutos antes do previsto, sem cantar com ele o dueto de seu atual single "That Girl". **Shaggy, com os hits "Oh Carolina", "Boombastic" e "Something Different", foi um batuque de matar, campeão.** Já Buju Banton, que entrou mais tarde, anda chato demais na nova fase conscientizador.

Atrás do palco, requisitadíssimo, Shaggy trocou algumas palavrinhas comigo. "O show que fiz no Rio (*na verdade, uma participação no show de Maxi no Hollywood Rock de 93*) foi ótimo. Devo muito a Maxi Priest pelo que tenho hoje", lembrou, humilde. À esta altura, mortos, os bananas já esperavam no van. Dia seguinte, na hora do regresso, a surpresa: por causa de *overbooking* no vôo, os passageiros que quisessem dispensar o lugar no avião e ficar mais um dia em Mo'Bay ganhariam hospedagem e 600 dólares. *No problem!*



A Volta de Bob Andy

Com o pseudônimo Bob Andy, Keith Anderson gravou discos sensacionais nos anos 70 – sozinho e com Marcia Griffiths. No Sumfest'96, ele reapareceu ao lado dela. E com boas notícias: "Estou com um álbum para sair, com novas composições que aprontei. É independente, pelo selo de Earl Wia Lindo (tecladista da primeira formação dos Wailers)." Bob ficou sete anos sem gravar – vejam só que pecado! "Andei meio que descansando", desconversa, ele, zen. "Tanta gente faz discos hoje em dia, eu achei que não precisava fazer também..."



De cima para baixo: Bob Andy; o bochechudo Luciano comandando a massa, Barrington Levy, figuraça, com camisa de taxista, Everton Blender e seu cajado de "Family Man"

Angus é Butt-Head

Baixinho e resmungão, o eterno moleque Angus Young revela sua alma gêmea antes de baixar no Brasil com o AC/DC em outubro

por Marcelo Bernardes

Aos 43 anos, o líder do AC/DC Angus Young pára tudo o que está fazendo e corre pra frente da TV quando entra no ar *Beavis & Butt-Head*. A admiração é recíproca. Butt Head seguidamente aparece usando uma camiseta com o nome da banda de Angus. "Eles são divertidíssimos! Adoro essa homenagem", elogia o guitarrista, falando à SHOWBIZZ num cinco estrelas de Nova York, antes de um súbito ataque de maturidade. "Mas aqueles dois não podem ser levados a sério, né?"

Solteirão, sem filhos, Angus ficou pra titio e não larga do pé dos sobrinhos quando está na sua casa em Sidney, na Austrália. "Bem, eu sou um tio bem pequeno, como você pode ver", brinca, antes de avisar, todo orgulhoso, que uma sobrinha já ouve AC/DC. "Naturalmente", ele faz questão de frisar. "É fantástico! Ninguém nunca forçou a pobrezinha a ouvir o nosso som", completa o baixinho.

Na rua, este australiano meio caipira que se veste com roupas de universitário passaria despercebido – como mais um desses caras que não tiveram grandes chances, anatomicamente falando. Na gravação do clip de "Big Gun", da trilha sonora de *O Último Grande Herói*, o ator grandalhão Arnold Schwarzenegger tripudiou em cima de Angus aproveitando a brutal diferença de tamanho. Pegou o tampinha pelo colarinho e levantou. "Fiquei impressionado, com as pernas balançando no ar feito personagem de desenho animado", lembra o guitarrista, que em outubro toca no Brasil e depois passa por outras capitais sul-americanas, Europa e Ásia e encerra a turnê, no verão de 1997, nos EUA.

Até lá, o rock pontuado com acordes de blues e letras sobre sexo, danação no inferno e bebida vai rolar direto. "Bebida?", alerta-se. "Estou louco para conhecer São Paulo e me certificar se podemos encontrar caipirinha igual a do Rio." Angus já esteve por aqui há 11 anos, quando fez duas apresentações inesquecíveis no Rock In Rio, em janeiro de 1985. Todo esse tempo não mudou em nada a força do AC/DC ao vivo. "Quando fazemos um show, mantemos aquele mesmo entusiasmo. Até mais do que no começo da carreira. Tocar é fazer o melhor que posso", receita Angus. Esse melhor está ainda mais caprichado com a volta do lendário baterista Phil Rudd à banda. Ele não tocava com o AC/DC desde 1983, quando participou do disco *Flick Of the Switch*. "O Phil procurou a gente no ano passado dizendo que queria tocar rock'n'roll outra vez", conta Angus. "Os nossos últimos bateristas eram excelentes, mas eles sempre tinham que emular o que o Phil já tinha feito. Ele é um cara de talento natural."

Com mais de 20 anos no cenário musical, Angus não tem receita para a longevidade. "Não há segredo, sabe? O AC/DC é só rock'n'roll." Antes de citar gente contemporânea que admira, ele prefere exaltar os nomes do passado. "Chuck Berry é um talento imbatível. Ele é um grande compositor e guitarrista. Também gosto muito de Muddy Waters e Elmore James. Esses caras tocavam pesado..." Aí resmunga feito Beavis & Butt-Head. "Eu acho que o que veio depois deles é soft demais. O que caras como Chuck Berry, Elmore James e Muddy Waters fizeram foi real, hoje não tem mais nada assim. Só os Rolling Stones conseguiram ser autênticos." Sentado, olhando para a TV, ele finaliza: "Eu me pego ouvindo as mesmas coisas que ouvia no início da minha carreira. A música de hoje é só modismo, é fabricada pela MTV." *Cool!*

fora da lista negra

Livre do boicote das rádios, Paulo Ricardo reencontra o sucesso e a vida saudável

por PEDRO SÓ

Todos os dias, quase religiosamente, ele calça o tênis e vai correr. Encara os sete quilômetros e trezentos metros do circuito em volta da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, em 50 minutos. O tempo não é lá essas coisas, mas o homem está em forma excepcional para seus 33 anos: 1.82 metro, 74 quilos. Paulo Ricardo pisa livre sobre o solo do Rio que o viu nascer e agora o recebe como novo lar.

"Estou fascinado pela cidade. Me afastei daquela coisa rock & roll. Fico em casa, faço abdominais, ginástica, levo uma vida quase de atleta", conta o marido de Luciana Vendramini, ainda arrumando o novo apartamento na Curva do Calombo, no mesmo prédio onde moram Humberto Gessinger e Toni Garrido.

Com o sucesso do disco *Rock Popular Brasileiro* nas FMs, o ex-líder do RPM respira aliviado. Há dois meses, Marcos Maynard, presidente da gravadora PolyGram, exclamou para ele: "Você foi absolvido, Paulo!" Sem exagero. "**Eu sei que estive mesmo na lista negra das rádios. Rolou um bode geral. Mas tudo é assim mesmo, as relações são de amor e ódio. Como diz o Peninha, 'é melhor que caminhar vazio'**", perdoa o cantor, citando o realismo brega da letra de "Sonhos". "Isso da lista me foi dito por gente de rádio. Só me explicaram essa história agora, eu não soube de nada esses anos todos."

Sem medo do clichê, Paulo Ricardo acredita que, depois de doze anos de carreira, fechou um ciclo. "Engraçado, vão acontecendo coisas na tua vida. Quando eu botei o nome na banda de Revoluções Por Minuto não sabia que ia ser uma sina. Cada ano da minha vida foi uma coisa diferente." O RPM ficou para trás definitivamente no ano passado. "Eu e o Nando *(Fernando Deluqui, guitarrista, atualmente no Engenheiros)* tentamos um negócio meio industrial. Fizemos até uma versão de 'Construção', mas ele tinha uma idéia muito rígida, brigou com o tecladista, o Franco, que agora está no P.U.S.. 'Aí eu falei, 'porra, vou procurar o Memê'. O Nando disse que não se identificava com aquilo e aí..."

Aí o trabalho com Memê também não foi para a frente... Então, quando Paulo tentava articular algo com o produtor Carlos Eduardo Miranda, do selo Excelente – "um disco com coisas do Zero Quatro, do Arnaldo Antunes, uma parceria com Guilherme Arantes, uma do Paulinho Moska..." –, pintou o convite para cantar "Ideologia" no programa *Som Brasil* da TV Globo.

Sem banda e sem baixo, foi gravar e descobriu um novo Paulo Ricardo. "De repente me vi só cantando e sentindo um enorme prazer. Cara, eu tinha me esquecido daquilo! O intérprete nasceu naquele momento."

A proposta para realizar o projeto *Rock Popular Brasileiro* pelo selo Globo/Polydor veio em seguida, oferecendo chance para que o garoto que colocou o Brasil no mapa do tecnopop desse vazão a outras ondas de sua adolescência.

Entre "A Dois Passos Do Paraíso", da Blitz, e "Beth Balanço", do Barão, Paulo regravou também "Lumiar". "Esse disco *A Página Do Relâmpago Elétrico*, do Beto Guedes, é fundamental, era o nosso Jefferson Airplane. Quando eu tinha 14 anos, viajei muito cheirando benzina e ouvindo isso." A lembrança provoca risos no trintão sóbrio. No final de 1994, porém, ele confessa, viveu um breve *flashback* com uma droga que muito atrapalhou o RPM. "Tive uma recaída. Mas hoje não gosto nem de conversar com quem usa isso. Tomo três cervejas e já estou balão."

De cara limpa, Paulo Ricardo volta ao sucesso com músicas do pop brasileiro que marcaram sua geração

sobreviventes de Seattle

Da esquerda para a direita, Barrett Martin (bateria), Gary Lee Conner (guitarra), Mark Lanegan (voz) e Van Conner (baixo, irmão cinco anos mais novo de Gary)

Screaming Trees dá a volta por cima da depressão e grava o melhor disco do pós-grunge

De repente todo mundo começou a morrer na vida de Mark Lanegan. Primeiro foi Kurt Cobain, amigo do peito desde os tempos de ressacas puramente etílicas. Depois chegou a vez de sua mãe postiça. Em seguida, o pior golpe: o ídolo Jeffrey Lee Pierce, líder do Gun Club. No fim da adolescência, quando um acidente idiota (caiu bêbado de um trator e quebrou as duas pernas) havia enterrado suas ambições como jogador de basquete, Mark encontrara consolo num disco do Gun Club. Ouvir o blues punk de Jeffrey e resolveu entrar nesse negócio de rock & roll. Em 1995, já com uma banda, Screaming Trees, bem estabelecida, e dois elogiadíssimos álbuns solo no currículo, Mark conseguiu se aproximar do ídolo – cuja carreira claudicava pelos excessos que são praxe no meio. Os dois compuseram algumas músicas juntos, mas meses depois, aos 36 anos, Jeffrey sofria uma hemorragia cerebral.

Adivinhem o que fez Mark Lanegan? Sobreviveu e foi ser feliz gravando *Dust* com seus companheiros de Screaming Trees, o melhor disco a sair de Seattle desde... Bem, desde que Cobain se despediu deste triste planetinha e o próprio Mark lançou *Whiskey For The Holy Ghost*, em 1994. O guitarrista Gary Lee Connor, co-fundador dos Trees, tem quase tantos méritos quanto Mark pela beleza de álbum que o grupo fez. Foi ele, simpático e bonachão, quem falou com SHOWBIZZ, pelo telefone, de Kansas City, dois dias antes de cair na estrada do Lollapalooza.

Dust, sexto LP dos Screaming Trees (o nome da banda foi tirado de um »

pudal de distorção), um épico psicodélico sobre autodestruição e sobrevivência, forjado a fórceps. Até desovar o trabalho, o quarteto de Ellensburg (cidade de 13 mil habitantes a 160 quilômetros de Seattle) havia jogado areia em cima de um álbum inteirinho gravado com o produtor Don Fleming (responsável pelo anterior *Sweet Oblivion*). "A gente não gostou do resultado. As canções eram ruins, esquisitas. Cometemos o clássico erro de entrar no estúdio e sair gravando. Não funcionou. Em 1988 a gente fez um disco duplo, não gostou e também detonou", conta Lee, rindo. E o que Don, que tem um bom grupo, Gumball, e grandes discos no currículo, achou dessa história? "Não sei. Ficou meio estranho, né? Mas, no lugar dele, eu me sentiria feliz pelo disco não ter saído e por meu nome não ter sido associado a um produto fraco."

Da hecatombe abortada, sobraram apenas histórias sobre porradarias internas e uma faixa, "Dying Days", velado réquiem para o amigo Cobain. Que, disseram, teria dado uma canção para os Trees que eles preferiram

Preferiram não gravar a música que Kurt Cobain deixou para Mark

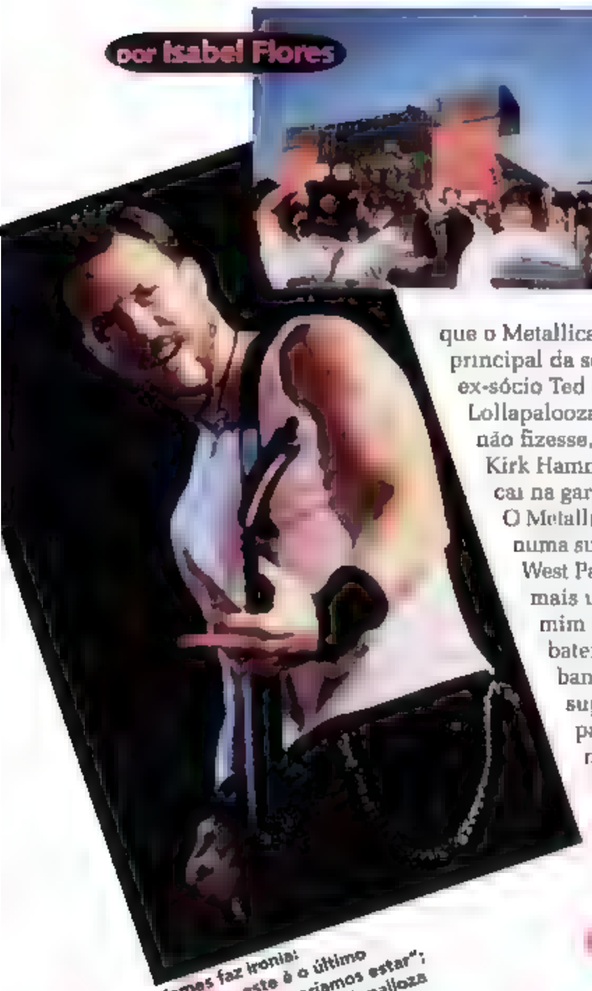
não gravar. "Você vê como os boatos correm e distorcem as coisas. Courtney deu a música – 'You've Got No Right' – para o Mark e disse que Kurt queria que ele a gravasse. Mark acabou não gravando e mostrou pra gente. Mas achamos que não tinha a ver com o disco. A música é boa, uma típica canção do Nirvana, tem só dois acordes. Mark vai incluí-la em seu próximo disco."

A participação no Lollapalooza empolga os Trees. Ao vivo, eles contam com o apoio de mais um guitarrista, Josh Homme, ex-Kyuss. No disco, produzido por George Drakoulias (Black Crowes), tiveram o reforço de Benmont Tench, tocando um mellotron e um órgão na mais bela tradição John Paul Jones. "Para os shows, é mais lance uma outra guitarra. Vamos tocar junto com os Ramones, não podemos fazer feio!" Lee Connor odeia a patrulha alternativóide que paira sobre o atual Lollapalooza: "Já ouvi muita bobagem sobre isso. O **Metallica pode tocar no festival sim, eles são uma banda de rock, não uma imitação de grunge como o Bush!** O negócio é comercial, todo mundo vende camisetas e ganha cachê, mas a gente toca o que quer, ora bolas!" Fissurado por grupos psicodélicos tidos como de segunda linha, Gary Lee não tem nenhuma queixa em relação a tudo que a moda de Seattle deixou. "Quando você lembra dos anos 80 e se dá conta que o rádio tocava Styx, putz! Prefiro todas as imitações de grunge e o rock ruim que se diz alternativo. Hoje nós gostamos de bandas que nos anos 60 eram vistas como meras imitadoras de Beatles e The Doors. Aliás, os próprios Doors foram malhadíssimos no segundo disco. É melhor deixar o tempo passar e ver quem sobrevive." Sábias palavras.

Lollametallica

O Lollapalooza não é mais aquele... Agora é o Metallica quem manda no ex-festival alternativo

por Isabel Flores



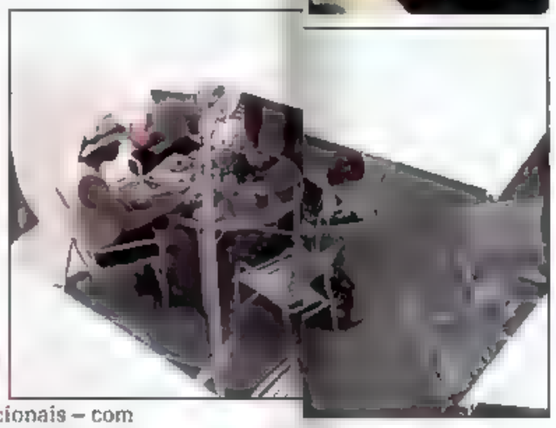
James faz ironia: "Sei que este é o último lugar onde deveríamos estar"; acima, o palco do Lollapalooza em West Palm Beach

"A elite alternativa que fazia parte do Lollapalooza deve ser esquecida", diz o vocalista do Metallica, James Hetfield, referindo-se à tribo de Perry Farrell, líder do Porno For Pyros e criador daquele que já foi o maior festival do chamado rock alternativo. Perry abandonou o projeto desde que o Metallica foi anunciado como atração principal da sexta edição do Lollapalooza. Mas seu ex-sócio Ted Gardner tocou o barco pra frente. "O Lollapalooza está além de seus fundadores. Se eu não fizesse, alguém ia fazer", conta. O guitarrista Kirk Hammet completa: "Dane-se o Perry." E cai na gargalhada.

O Metallica está confortavelmente instalado numa super-suíte de um hotel seis estrelas em West Palm Beach, na Flórida, pouco antes de mais uma apresentação no festival. "Pra mim é só mais um show", reduz o baterista Lars Ulrich. Certíssimo. O set da banda tem duas horas de duração, uma superiluminação, fogos de artifício no palco e tudo que se espera de um megashow. Obviamente, 90% do público é do Metallica. A galera alternativa onde deu lugar a gente de todo tipo e até a alguns quase extintos metaleiros tradicionais – com cabelos compridos e suas camisetinhas pretas indefectíveis. Lars tripudia. "Eles não sabem o que estão perdendo", diz passando a mão na cabeleira curtinha. "É só acordar e pronto, não precisa nem pentear", completa. James leva a coisa a sério: "Esses caras estão em minoria, mas sei que boa parte dos nossos fãs antigos estão esperando para nos ver na nossa própria turnê que começa logo depois do festival. Vai ter grandes surpresas, você vai ver." Depois do fim do Lollapalooza, o Metallica dá um rolê pela Europa, volta aos EUA e em 97 baixa no Brasil. O baixista Jason Newsted faz a maior média. "Fomos ao Hollywood Rock no ano passado, mas nos enrolamos na produção de *Load*. É só no Brasil que encaramos um público realmente insano." Ele se surpreende quando ouve que Igor Cavalera lançou uma grife de roupas. "Humm... roupinhas? Pô, isso é coisa de boiola!!!", sacaneia. "Falando sério... É legal a iniciativa. Mas será que os preços são acessíveis?", pergunta, revelando sua preocupação com o dinheirinho dos fãs tupiniquins. Jason é um astro sem deslumbres: "O sucesso é perigoso. Toda hora tem alguém dizendo que você é Deus. Mas tem de segurar a onda, senão a cabeça cresce tanto que não dá nem pra passar na porta." Para o Metallica, esta história de que a banda mudou de som é puro caô da mídia. "Pô, é só ouvir o disco. Não mudamos quase nada. É claro que estamos mais abertos, utilizamos novas tecnologias, mas isso não interfere no trabalho", diz Lars, já se preparando para ir a seu quarto no andar de cima e fazer a concentração pré-show.

À essa altura, Rancid, Ramones, Screaming Trees, Rage Against The Machine e Soundgarden já haviam se apresentado, levado garrafadas e estava chegando a vez do Metallica. No palco, James incita o público. "É isso que vocês querem?" Depois do show, todo suado, ele diz, irônico: "Só concordei em tocar no Lollapalooza porque esse é o último lugar onde deveríamos estar." Lars alivia: "Esse é apenas um festival que vai ser diferente a cada edição. O que interessa é a música, não o que você representa."

Kirk e Lars (*de boné*) aproveitam os comes e bebes na suíte boca-livre. Ao lado, o baixista Jason Newsted: na maior felicidade



Sombra e água fresca: antes ir para o show, James Hetfield é flagrado na maior mordomia num hotel cinco estrelas de West Palm Beach, Flórida

Kirk: "Que se dane o Perry Farrell!!!"

Lars: "Não interessa o que é o Metallica representa"

Zé Rock da Paraíba

Admirado pelo gado novo do pop nacional e atual como nunca, o trovador lembra seus tempos de sexo, drogas & Raul Seixas

Ex-guitarrista de bailinhos na Paraíba, Zé Ramalho segue misturando as raízes nordestinas com a linguagem universal do rock, sua primeira paixão

por PEDRO FALCÃO

Pegue sanfona, triângulo, zabumba e uma guitarra. Misture uma pitada de literatura de cordel. O resultado dessa mistura pouco homogênea está no trabalho de Zé Ramalho, 46 anos, mais de vinte deles na estrada. Ele lançou recentemente *Cidades E Lendas*, álbum onde o rock e o folk aparecem com forte influência dos ritmos nordestinos – marca de sua carreira desde sucessos como "Avohai", "Chão De Giz" (regravada pela prima Elba), "Admirável Gado Novo" (hoje nas FMs através da voz de Cássia Eller) e "Frevo Mulher", que há pouco ganhou versão pesada do grupo capixaba Lordose Pra Leão.

Por trás da poética regional de teor romântico e contestador, está um roqueiro de primeira hora. O rock surgiu para Zé muito antes do baião ou do xaxado. Nascido em Brejo da Cruz, interior da Paraíba, ele ficou órfão de pai cedo e foi criado pelo avô em João Pessoa. Lá, a temática do flower power bateu forte em seu coração adolescente. "Eu conhecia o diretor de uma rádio e ele me deixava futucar nos discos. Assim tive acesso à contracultura e a artistas como Steppenwolf, Santana e Bob Dylan. Foi Dylan quem me indicou que eu podia fazer uma letra enorme sem precisar de refrão"

Depois de milhares de bailes pelo Nordeste como guitarrista-solo de uma banda e de uma experiência como crooner de boate, Zé veio para o Rio de Janeiro. "Em 74, no Rio, havia uma sessão à meia-noite no Teatro Opinião. Tinha uma banda de blues chamada Soma, depois entrava o Geraldinho Azevedo, vinha o grupo O Peso e eu fechava. É óbvio que só dez ou vinte pessoas assistiam", brinca

Zé Ramalho viveu bem o sexo, drogas e rock & roll e teve uma ligação forte com Raul Seixas. Pelos idos de 1984, além dos encontros nos estúdios (Raul gravava *Metrô Linha 743*), a dor da solidão unia os dois. O casamento de Zé com Amelinha tinha acabado e Raul se separava de Kika. "Ele hospedou-se três dias comigo. Chegou às três da manhã, com três prostitutas, um balde de gelo e uma garrafa de champanhe. Foi uma chegada gloriosa. Ficamos num tête-à-tête incrível, pudemos conversar, discutir, discordar, xingar um ao outro, nos abraçar e tocar tudo que vinha na cabeça." Procurado pelos fãs de Raul, Zé incluiu em seus shows "Medo De Chuva" e "Trem Das Sete", que eles tocaram bêbados durante aqueles longos três dias.

Agora a ligação de Zé Ramalho com o rock renasce na nova geração. Dos Raimundos ele admira a força das guitarras. De Mundo Livre e Chico Science, Zé destaca toda a estética manguebit. No Planet Hemp, considera "o texto todinho impressionante". Aliás em "Um Lugar Para Sonhar", de seu novo disco, Zé proclama "amo a planta que me faz subir". "A polêmica que o Planet coloca é corajosa. Eu gostaria de ter feito um LP assim, com todas as músicas falando sobre maconha", revela. Das drogas pesadas, porém, está fora. "Tive envolvimento com cocaína durante oito anos, mas hoje faço campanha contra. Ela é um acidente na vida das pessoas."

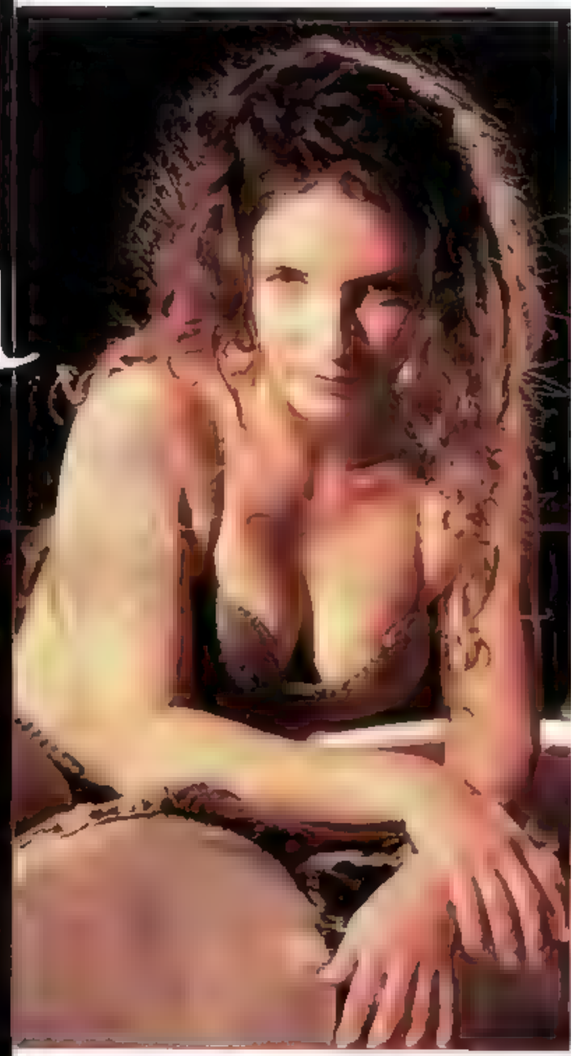
Na música "Os Últimos Dias", que menciona o vírus HIV, ele repensa o sexo nos dias de hoje. "Sou da época em que o amor era livre. Hoje, os jovens não têm oportunidade de experimentar isso", aponta Zé. Ele chegou a fazer sexo grupal – somente para descobrir que bom mesmo é o casamento. "Deixe nego reclamar, arrancar os cabelos. Eu quero passar o resto de minha vida cada vez mais tranqüilo", anuncia ele, com a sabedoria de quem já fez quase tudo o que a garotada de hoje inventa.

Simone Soul

O Ritmo da Pantera

Quando uma menina faz 15 anos, ela escolhe entre ganhar uma festa ou uma viagem. A paulistana Simone Soul preferiu uma bateria. Agora, dez anos depois, ela brilha Brasil afora no show *Cuscuz Clã*, de Chico César. Enquanto o paraibano mostra por que vem sendo saudado como maior revelação da MPB recente, Simone desce a mão no couro, arrancando suspiros da marmanjada. "O palco é onde me exponho por completo. Foi difícil assumir esse lado sensual, mas, como é um lance natural, resolvi: parei de fumar e até entrei na musculação", conta ela.

Sabendo das fotos de SHOWBIZZ, o orgulhoso Chico César interferiu: "Adoraria escrever sobre ela". Vai que é sua, Chicão!



Apesar de ser baterista e percussionista, não é bateria ou percussão que ela toca. É a alma de cada um de nós que é tocada com delicadeza e fúria quando a pele de sua mão encontra a pele dos tambores; ou as baquetas transformadas num misto de vara-de-condão e porrete tiram música da bateria. Simone Soul: não poderia ser mais apropriado o nome. »

Simone Soul

Sou testemunha do urro e do transe das platéias diante desta sacerdotisa cuja religião não busca salvar almas – apenas tocá-las. Com urgência. A toque de caixa, bumbo, pratos, djembes, derbuks, pandeiros, chocalhos diversos.

Mulher, linda, branca, pequena, doce, paulistana – antítese do estereótipo do baterista ou percussionista. Uma cena que vale a pena destacar: a fila de percussionistas baianos (a maioria homens e negros) para cumprimentá-la após um show nosso no Solar do Unhão, em Salvador.

Simone não é a única a conquistar espaço nesse restrito Clube do Bolinha, e sabe disso. Há as meninas do Bolacha Maria na capital baiana. Também de lá são Morgana (do Bragadá) e Tamima (do Crak). Em São Paulo dão no couro as moças do Oriaxé e a veterana Vera Figueiredo, entre outras. Fora do Brasil, Soul destaca as feras Cindy Blackman (Lenny Kravitz) e Sheila E. (ex-Prince e agora solo).

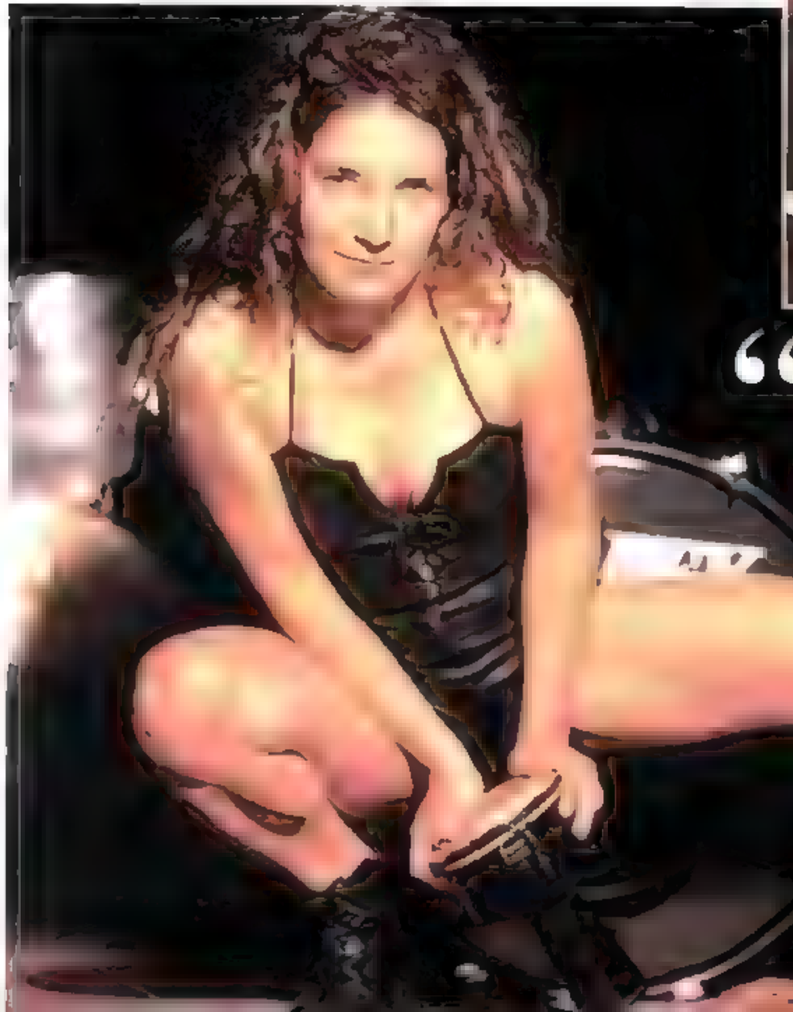
Não é a única. Mas – intuo – torna-se única para quem a vê tocar. Sua entrega à música devolve ao feliz espectador a condição de indivíduo, ser único, mescla de anjo e bicho em que se transfigura a própria Simone quando toca.

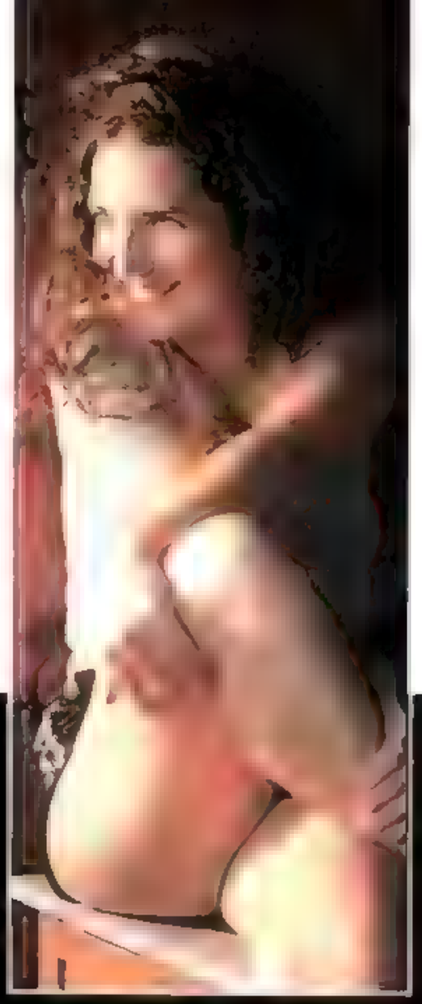
Para nós, seus colegas de palco e estúdio, a presença dela em um trabalho é garantia de vitalidade, frescor, celebração. E uma prova da imensa generosidade dos deuses.

Seu caldeirão de ritmos não recusa ingredientes da pegada turbo de quem começou tocando hard rock às sutilezas polirrítmicas africanas ou nordestinas. Por onde passa quer aprender coisas com os músicos locais. Workshop constante.

Difícil para os rapazes é – diante de sua inquietante beleza – concentrar-se numa árida discussão com ela sobre compassos ímpares ou pares com subdivisão ternária ou binária. Contam nos dedos, atrapalham-se, gaguejam, depois, pouco a pouco, ficam à vontade.

Ela existe e, como mostram as fotos, é mesmo formosa. "De sua formosura deixai-me que diga, é bela como o coqueiro que vence a areia marinha", cantaria João Cabral de Mello Neto. Eu digo: é bonita como é bonito o vôo da águia ou o salto da pantera. É assim.





"Discutindo com ela sobre compassos, os rapazes atrapalham-se, gaguejam..."

gente que fagocita

Figurinhas do pop nacional trocaram seus sucos culturais na festa do VMB, no Anhembi (SP)

Os Paralamas levantam o troféu pelo clip do ano

Acima, os mascarados do Pavilhão 9. Mas pode chamar de Kiss. Abaixo, Zeca e Hebe Camargo. gracinha!!!

"O pop nacional é hoje o grande agente fagocitador." A frase de Herbert Vianna sobre o oceano de fusões que tomou a música jovem brasileira resume o que foi a segunda edição do Video Music Brasil. A superfesta que rolou depois da cerimônia de premiação no Anhembi foi uma baita ocasião para gente de várias tribos se misturar, incorporando idéias e comportamentos dos outros. Skank e Paralamas deram o exemplo. Eles mostraram que não existe rixa entre as bandas comemorando juntos seus prêmios, com direito a abraços, rasgação de seda e declarações mútuas de amor. Confronto entre eles, só esportivo: os skankinhos desafiaram os Paralamas para uma partida de futebol.

A noite de encontros reuniu duplas de sobrenomes iguais e personalidades diferentes como Pato Fu & Márcia Fú e Zeca Camargo & Hebe Camargo. "Estou me sentindo com dezoito aninhos", disse a gracinha, com aplique no cabelo e shortinho assanhado. Bem no clima o-negócio-é-se-misturar,

Humberto Gessinger aplica um roto-rooter na modelo Ira Barberi

De cima para baixo: Hebe dá o prêmio de melhor clip pop para o Skank, Chico Science dá uma de camelô e apresenta os brothers do Rappa; Martinho da Vila, insuperável, aperta mas não acende; Dado Vi a-Lobos, da Legião, apresentou e foi apresentado como "o homem mais bonito do Brasil"

fotos JORGE ROSENBERG

Jorge Benjor, entrevistado pelas repórteres de SHOWBIZZ, fez questão de abençoar as meninas com três beijinhos. "É para casar", justificou. E completou cheio de modéstia. "É gratificante saber que a galera jovem conhece tão bem o meu trabalho. Eu tô aqui pra toda vez que me chamarem." Enquanto isso, Daniela Mercury simulava a dança da garrafa, e Bezerra da Silva, orgulhoso da filharada adotiva do Barão Vermelho, malandreava: "A música nao tem divisão. A nota de rock é igual a de samba (*sic*). Conheço tudo. Só não sei o que é heavy metal'"

Depoimentos monossilábicos não faltaram. "É o bicho!", cuspiu o baixista Canisso, dos Raimundos. "Mó barato, aí, óóó", soltou Gabriel. O guitarrista Rafael, do Planet Hemp, foi mais espirituoso para falar dos mascarados do Pavilhão 9, que concorreram ao melhor clip de rap com a música "Apaga O Baseado". "Ih, olha lá o Kiss." Fernando Furtado, empresário do Skank, também aloprou comentando sobre as *hostess* da festa com um visual pra lá de ET de Varginha. "Viu aquelas meninas? É participação especial das marcianas." Muitos e muitos copos depois, o regabofe terminou em alto estilo com Maurício Valadares no comando das pick-ups.

OS PRÊMIOS FORAM PARA...

ESCOLHA DA AUDIÊNCIA.
"Garota Nacional" - **Skank**
VIDEOCLIP DO ANO:
"Lourinha Bombril" - **Os Paralamas do Sucesso**
SIMI MTV: "I Saw You Saying" - **Raimundos**
MELHOR CLIP DE ROCK: "Vem Quente Que Eu Estou Fervendo" - **Barão Vermelho**
MELHOR CLIP POP: "Garota Nacional" - **Skank**
MELHOR CLIP DE MPB: "A Fila" - **Nando Reis**
MELHOR CLIP DE RAP:
"Rabo De Saia" - **Gabriel O Pensador**
REVELAÇÃO:
"Comendo Uva Na Chuva" - **Karnak**
MELHOR DEMO CLIP: "Eu Sou Melhor Que Você" - **Mulheres Q Dizem Sim**
DIREÇÃO: "Lourinha Bombril" - **Os Paralamas do Sucesso (Andrucha, Breno Silveira, Gualter Pupo e Toni Venzolini)**
EDIÇÃO: "Lourinha Bombril" - **Os Paralamas do Sucesso (Sérgio Mekler, Joana Ventura e Fábio Gavião)**
FOTOGRAFIA:
"Beija-Flor" - **Marina Lima (Márcia Ramalho)**

O backstage das marcianas (acima) e Bezerra tira onda com o Barão

De cima para baixo: o fotógrafo Rui Mendes não concorreu a nada; Adriane Galisteu e Plínio, do Profeta: "Você é quem mesmo?", "Garota Nacional" ao vivo: festival de gostosuras encerra a premiação; Raimundos é a banda preferida da MTV

77 PERGUNTAS

DUFF McKAGAN

Enquanto o novo disco do Guns não sai, o baixista Duff McKagan toca guitarra no Neurotic Outsiders e fala de Madonna, Axl Rose e bundas grandes

Só tem fera tocando no Neurotic Outsiders. Como você formou essa? Amizade com Steve Jones (guitarrista do Sex Pistols), John Taylor (baixista do Duran Duran) e Matt Sorum (baterista do Guns N' Roses)?

Na verdade, o Matt é quem foi convidado para participar de um show beneficente no Viper Room (*famoso clube noturno de Los Angeles*) e chamou a galera. Foi tão legal que acabamos ficando fixos no bar, tocando todas as segunda-feiras.

O Neurotic é uma brincadeira ou vai mais longe?

Temos uns shows marcados em clubes nos EUA e outros na Europa. A química que rola entre os músicos da banda é fantástica. Nos divertimos muito. Vejo um bom futuro para gás.

Você prefere tocar em lugares pequenos?

Adoro a intimidade dos clubes, mas estive na recatrélia do Sex Pistols em Londres e pensei: "Pô, preciso voltar a tocar pra tanta gente".

E aí, gostou dos Pistols?

Fucking excellent!!! Sou fã desses caras desde os 15 anos. Vê-los novamente na ativa foi muito emocionante.

Pelo jeito, você deve tremer tocando com o Steve Jones...

Acertou. Sempre penso que vai ser algo natural, mas ele sempre me deixa desconcertado.

Fazendo shows em lugares pequenos, é difícil lidar com aquelas fãs histéricas?

Sei do que você está falando... Mas essa é uma boa pergunta para o John. Esse tipo de garota que vai aos shows são todas fãs do Duran Duran!!! Eu não tenho nada a ver com isso... *(risos)*

"O próximo CD do Guns só sai em março. Já temos 15 músicas prontas"

O disco *Neurotic Outsiders* saiu pelo Maverick, selo de Madonna. Ela gosta do som de vocês?

Provavelmente nunca ouviu. *(risos)* Você sabe, não é ela quem decide as contratações da gravadora... Mas ela é adorável!!! Você não acha?

Você gosta mais de tocar no Neurotic ou no Guns?

Ah, é muito difícil de comparar. São coisas diametralmente opostas. O Guns é muito mais sério, tem um monte de dinheiro envolvido, gente te dizendo o que fazer... No Neurotic, pra você ter um idéia, não há nem passagem de som.

E quando sai o próximo disco do Guns?

Em março ou abril do ano que vem. Já temos 15 músicas. Algumas totalmente prontas, outras nem tanto. Mas tudo está andando bem rápido. O Axl está cantando e tocando guitarra e se sentindo muito feliz assim. Ele sabe exatamente o que quer.

Falando sobre o Brasil à SHOWBILL, Steve Jones definiu o país como "a terra das bundas grandes". Você concorda com ele?

Esse cara é genial!!! Temos de erguer uma estátua para ele... Maravilhoso!!! Mas não vi quase nada quando estive aí. Achei um lugar bastante agradável, bonito e... familiar.

Familiar???

Claro! Considerando que a gente tinha acabado de tocar na Colômbia...

Ame este disco em Dez lições

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

GEORGE CLINTON
T A P A F O M.
Epic/Sony Music
Mestre longe do museu

● O funk e a black music não seriam os mesmos sem a presença e atuação de George Clinton. Em *T A P A F O M*, ele mostra que não quer virar peça de museu. Mestre dos grooves, aos 56 anos, Clinton volta com sua receita dançante que remete aos grupos Parliament e Funkadelic e abre novas vias para o setor.

Já na abertura, com "If Anybody Gets Funked Up (It's Gonna Be You)" e "Summer Swim", fica claro que a máquina de Clinton continua azeitada. É música para sacudir o esqueleto, mas sem abrir mão dos neurônios.

A banda que o acompanha, os P-Funk Allstars, alterna 32 músicos, colegas e discípulos. Dois velhos companheiros, o baixista Bootsy Collins e o tecladista Bernie Worrel, dão canja na balada psicodélica "Sloppy Seconds" – as harmonizações lembram as raízes de Clinton, que formou seu primeiro grupo nos anos 50. *Antônio Carlos Miguel*

BECK
Odelay
Geffen/MCA

Eis Deus, ou melhor, Beck, o autor do melhor disco do ano

Fax para Sérgio (SHOWBIZZ)
De: Zeca Camargo
Assunto: ***Deus***

Sérgio, não vai dar para disfarçar: Odelay é o melhor disco do ano. Claro que eu não usei essa frase na resenha, como você pode conferir. Mas nothing compares to DIS! Listen:

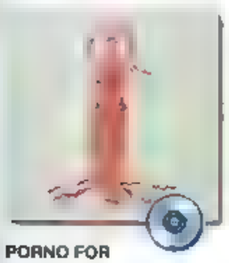
E um dia chegou Beck e acabou com tudo. Com essa bobajada de rock alternativo, com essa coisa de bandinhas de nomes espertos, com essa chatice de guitarras que não querem dizer nada e com a inútil avalanche de vocais roucos e pseudônimos.

Completamente moderno, Beck acabou com tudo isso com uma manobra tão simples, mas tão simples, que não dá para acreditar como tantos artistas se esqueceram disso: ser original.

Odelay não se parece com nada que foi lançado nos últimos anos, nem mesmo com o anterior de Beck, *Mellow Gold*. Por isso mesmo, o disco tem uma importância tão grande na quebra de barreiras quanto *Achtung Baby*, do U2, ou *3 Feet High And Rising*, do De La Soul. Seria difícil resistir à tentação de não evocar *Sgt. Pepper's*, não fosse pelo fato de que Beck não ligasse para uma comparação desse nível.

Então, dane-se. Vamos nos concentrar em algumas das tantas razões que tornam* Odelay *uma obra-prima. Que tal dez para começar?

1 • O refrão de "Devils Haircut";
2 • O clima bossa-nova de "Readymade", confirmado em seguida por alguns acordes de "Desafinado";
3 • O sambinha (com direito à cuíca) misturado com eletrofunk (início dos anos 80) de "High 5";
4 • O potencial hipnótico de "Where It's At";
5 • A levada fofa de "Jack-Ass";
6 • O clima oriental de "Delerict";
7 • A bizarra combinação de blues com soft dance e alé com uma sanfona (será de baião?) e mais umas distorçõezinhas em "Hotwax";
8 • A introdução de "Novocane";
9 • A retrô new wave de "Minus";
10 • "The New Polution" (inteirinha, sem especificações);
Como já foi sugerido, essas são só as dez primeiras razões. Outras virão. *Zeca Camargo*



PORNO FOR PYROS
Good God's Urge
WEA
Surf music bucólica

● Gravado durante temporadas de ondas e fumaça em Bali, nas Ilhas Fiji e no Taiti, *Good God's Urge*, novo álbum do Porno For Pyros, é quase todo composto de baladas psicodélicas. "Porpoise Head" tem trompete e levada de valsa; "Kimberly Austin" é uma lentinha com violão e castanholas e "100 Ways" parece ter sido composta em São Francisco circa 67. O grupo pisa no freio até mesmo nos rocks – vide "Tahitian Moon". *Good God's Urge* também contou com convidados especiais. O vocalista Perry Farrell topou com fantasmas. Flea e Dave Navarro, David J e Daniel Ash (ex Bauhaus) também assombraram no estúdio. Farrel nem notou que o baixista Martin Le Noble pulou fora do Porno For Pyros. Quem sabe ele dê falta do rapaz, quando acordar da viagem de ácido narrada em "Bal Eyes". *Sergio Martins*

NEIL YOUNG & CRAZY HORSE
Broken Arrow
Reprise/WEA
Forever Young

O título remete a uma música do tempo em que Neil era realmente Young (no Buffalo Springfield), mas o tom do disco é simplesmente Neil Young, atemporal, eterno e inoxidável. Rasculhado, é bem verdade. Sempre profícuo, o cinqüentão maravilha despeja no álbum mais sete novas composições, meio sem forma, no desleixo mesmo.

O auxílio – com o perdão do neologismo – sujuoso dos alazões que tocam com nosso herói há quase trinta anos torna tudo mais relaxado. O final é uma favelada jam de botequim em cima de "Baby What You Want Me To Do", sucesso do bluesero Jimmy Reed que Elvis Presley chegou a gravar.

Se é bom? Claro. Mesmo apresentadas em forma de esboços rústicos, canções como "Loose Change", "Big Time", "Music Arcade" e "Slip Away" evocam momentos geniais de discos como *On The Beach* (que criminosamente ainda não saiu em CD). J Mascis, do Dinosaur Jr, deve ouvir morrendo de vontade de se matar.

Pedro Só

VERNON REID
Mistaken Identity
Epic/Sony Music
Rap e rock em prazer inaudito

● A estréia em disco solo do guitarrista americano Vernon Reid se dá em alta densidade. Curiosamente, as quinze faixas do CD não retratam os recentes flertes do virtuose com o jazz. Suas invenções remetem mais à banda Living Colour (que Reid fundou em 1983) do que a "intermezzi" exibicionistas.

Reid retoma o músculo *junk-hendrixiano* que o caracterizou no início da década e se associa ao rapper Prince Paul para transfigurar o pop negro de protesto em um gênero metafísico. Prince Paul responde pelo codinome De La Soul. Sua voz gravíssima e entrecortada de poesia se acopla aos solos tensos da guitarra. Reid ora projeta melodias sutis sobre seqüências rítmicas pesadas e repetitivas, ora se mostra ostensivo em riffs às antigas. Incorpora, assim, o estilo bluesy de Hendrix à matriz paródica do hip hop, traçando uma linha reta entre métodos de execução.

Mais importante, este *Mistaken Identity* flagra uma situação bem rara: hip hop e rock se acasalando com prazer inaudito.

Luís Antônio Giron

DOTÔ JEKA
Tia Marieta
Virgin
Boldrin nos Raimundos

● De Sepultura a Angra, tudo quanto é banda agora investe em sons regionalistas para encontrar as tais "raízes" brasileiras. Mas o estreante Dotô Jeka não precisa dessa desculpa: o grupo é formado por cinco rapazes do interior do Vale do Paraíba (SP) cuja vida gira em torno de roça, pescaria e cachaça. *Tia Marieta* soa como se o contador de causos Rolando Boldrin tivesse entrado para os Raimundos. As músicas são épicas histórias do interior, pontuadas com a agressividade do hardcore e humor ingênuo estilo Mazzaropi – vide "São Jorge E O Dragão", sobre aquele indivíduo que sempre termina a noite com uma baranga.

A banda ainda homenageia os amigos da roça numa cover de "Romaria", de Renato Teixeira. Troca a versão eterna de Elis Regina por uma leitura bem malugueta. Indispensável em quadrinhas desanimadas. *André Gonçalves*

Reggae sem Zagallices

SKANK
O Samba Poconé
Chaos/Sony Music

O tecladista e cruzeirense Henrique Portugal no disco que coloca o Skank um patamar acima

O Skank volta no ataque em *O Samba Poconé*. O time mineiro tem a garra de quem sabe que "Bola na trave não altera o placar/ Bola na rede sem ninguém para cabecear", como instrui logo a faixa inicial, "É Como Uma Partida De Futebol". O terceiro disco do grupo toca de novo a redonda para o filó, batendo com os dois pés da preferência nacional – mulher & futebol. Além de diversos formatos de abordagem do *boy meets girl* (do chapado "Tão Seu" ao osmótico "Os Exilados", passando pelo praieiro "Um Dia Qualquer"), eles dão suas botinadas na questão social em "Sem Terra" e "Los Pretos".

O Skank funde ska e o calango com uma poesia direta que não embarreira a fluência do ritmo – sem a *zagallice* de valorizar a posse de bola. Uma das chaves do sucesso do Skank é jogar com o popular sem populismo, como na faixa "Zé Trindade". O Zé cai de boca na botija e o matador Skank não perdoa. Encesta mais uma no ângulo, ali onde a coruja mora. *Tárik de Souza*

ALVOS MÓVEIS
Alvos Móveis
Suck My Discs
O casal 20 das guitarras

● Há certas coisas que só funcionam em dupla, queijo com goiabada, Ademir Da Guia com Dudu, Robert Plant com Jimmy Page e... Miguel Barella e Giuseppe Lenti. Lá [illegible] com a cria punk de Nuzi e Ricardo Gaspa e participação de gente de respeito como Thomas Pappon (Fellini, Smack). Agora, Barella e Lenti estão de volta com *Alvos Móveis*.

O disco iria sair em 90 pelo selo paulista Wop Bop, mas emperrou na era das trevas culturais do Governo Collor. Antes tarde do que nunca. Lenti e Barella conhecem todos os atalhos da guitarra, tocando a nota certa, sem virtuosismos ou notas desnecessárias. Uma boa estreia do selo Suck My Discs, comandado por Celso Pucci, ex-editor da *BIZZ*. *Sergio Martins*

BIOHAZARD
Mata Leão
WEA
Hardcore na miuda

● Não falta atitude nesse *Mata Leão*. Fala originalidade. Riffs manjados de hardcore explorados à exaustão, fusão com hip hop, letras "políticas"... Se você tem mais de 15 anos já ouviu isso antes.

Talvez a culpa do fracasso seja do clima de guerra instalado na banda com a saída do guitarrista Bobby Hambel. Mas, por enquanto, tudo é mesmo o fraco. Como se o Biohazard estivesse "na miúda". Até os vocais de Billy Graziadei e Evan Seinfeld são burocráticos, carecem de fúria e paixão. A exceção fica por conta das faixas "A Lot To Learn" e "Control", que têm um groove legal. O negócio é botar as barbas de molho e esperar que a entrada de Rob Echeverria (ex-Helmet) traga uma dose maior de criatividade à banda.

Ivan Mizanzuk

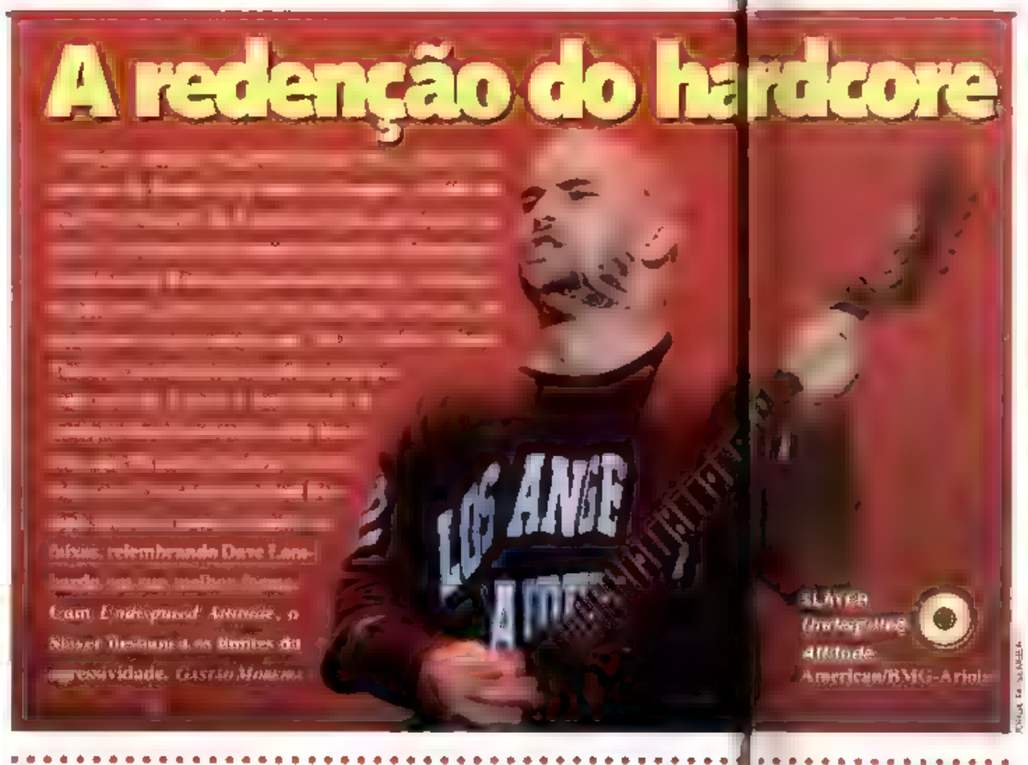
J.J. CALE
Guitar Man
Pointblank/Virgin
Blues na era da informática

● Em seu novo disco, o guitarrista, compositor e cantor dispensa-se que totalmente o acompanhamento de bandas e troca figurinhas com os computadores. Parece estranho, ainda mais no caso de [illegible] como o dele. Mas J.J. Cale sai-se bem na empreitada e honra o título que esse heu para o disco, *Guitar Man*.

As baladas bluesy de Cale, um nativo de Oklahoma que completará 39 anos em dezembro, influenciaram meio mundo no rock: de Eric Clapton (que gravou "After Midnight" e "Cocaine") aos Dire Straits (uma coisa que Mark Knopfler nunca suporta admitir). O novo álbum tem muitas provas de que Cale continua com a pena afiada e os dedos ágeis, da lenta e hipnótica "Days Go By" ao honky tonky "If I Had A Rocket".

Antônio Carlos Miguel

A redenção do hardcore



Faixas, relembrando Dave Lombardo, um dos melhores bateristas. Com *Undisputed Attitude*, o Slayer destrona os limites da agressividade. *Gastão Moreira*

MAXI PRIEST
Man With The Fun
Virgin
Barry Priest ou Maxi White?

● O novo álbum de Maxi Priest vale pelas colaborações e não pela originalidade. Em sua maior parte produzido por Robert Livingston, um dos papas do dancehall, *Man With The Fun* também tem colaborações de grandes nomes do reggae moderno, como Sly & Robbie e Handel Tucker.

Mais pop do que reggae, Maxi Priest é um bom cantor, com melodias e refrões de verdade – vide a faixa-título e "Watching The World Go By". É algo na linha David Bacharach/Lennon/McCartney, bem FM. As novas pesquisas técnicas passaram longe. Mesmo assim, vale pelas colaborações de Shaggy em "That Girl" – sampleando "Green Onions", de Booker T. & The MGs – e de Happy Days com Chaka Demus & Pliers. A balada "Golden Teardrops" com direito a orquestra, é o que Maxi faz de melhor, confundindo os fãs de Barry White. *Jus Pjello*

CARL AUBUT
Paul McCartney The Family Way
Phillips/PolyGram
McCartney Macróbio

● Os beatlemaníacos devem prestar atenção ao comprar esse disco. A capa pode causar enganos. Anuncia Paul McCartney em letras garrafais, mas o disco pertence ao violonista canadense Carl Aubut. Seu repertório, aliás, apenas uma peça de McCartney. O restante da gravação corre por conta de composições do próprio Aubut e de vários incógnitos da música.

Aubut apenas ilustrou a obra de Lennon e McCartney. Eleanor Rigby, composta por *The Family Way* é mais um exemplo da recente produção erudita do ex-beatle. Nesse campo, perpetrou o horrível *Oratório De Liverpool*.

A peça mostrada por Aubut, "The Family Way", é escrita na forma tema e variações para o quarteto de cordas, flauta e clarinete. McCartney corrobora a reputação de bom melodista. Mas a concatenação harmônica e pífia e a instrumentação e arranjo nem são dele e sim de George Martin e de Aubut. Só que não adianta buscar alí traços de canções dos Beatles. O McCartney macróbio não guarda nem lembrança do gênio melódico dos anos 60. *Luis Antonio Giron*

POSIES
Amazing Disgrace
Geffen/MCA
Os ingleses de Seattle

● Por mais que o efeito Oasis de devastação das paradas de sucesso tenha batido forte nos Estados Unidos, seria prematuro acusar *Amazing Disgrace* de fruto direto desse estrago. Talvez que seu esquisito uma banda de Seattle fazendo rock inglês de carteirinha. Mas o namoro do Posies com o outro lado do Atlântico é anterior a isso.

Formado em 88, o Posies ganhou projeção quando ainda banda era. Ainda sob o nome de Failure, os guitarristas Ken Stringfellow e Jon Auer só formaram uma banda "de verdade" depois da repercussão do disco de estréia. Desde então, o grupo trocou a formação como quem troca de palheta. Até chegar na composição definitiva dos culpados por *Amazing Disgrace*.

Talvez o que dê conta do sotaque à Grã-Bretanha de boa parte das músicas desse disco sejam as "companhias dos caras. O Posies passou 21 (!!) meses numa excursão com o Teenage Fanclub, a partir de 1993. É tempo o bastante para aprender a fazer baladas de primeira e depurar o grunginismo de nascença. E eles até que vão bem nessa mistura. *Israel do Vale*

ZÉ RENATO
Natural Do Rio De Janeiro
MPB
Os tesouros de Ze Keti

● Enfim um grande intérprete masculino de verdade neste país. Depois de se fartar com o repertório de Silvio Caldas no belo álbum *Arranha-Céu*, Zé Renato foi servir-se de novo na imensa boca-livre para gourmets que é o patrimônio histórico da música brasileira. Sacou do arquivo vivo Zé Kéti, sobrevivente da estirpe dos grandes melodistas do samba.

Com arranjos concisos (enriquecidos, é verdade, por precisa orquestra de cordas em três faixas) e a voz afinadíssima, Zé Renato desnuda a sofisticação que o batuque traz de berço, de muitos carnavais antes da bossa nova. O cancioneiro de Zé Ketinho tem cenas já impressas no DNA nacional (a marcha rancho "Mascara Negra", por exemplo) e teremos a sorte de descobrirmos como a deliciosa "Leviana" – mais do que a ser elogiado, tal um disco pra se agradecer. *Pedro Só*

BAD RELIGION
All Ages
Epitaph/Paradoxx
Respeita a punk January!

● O Bad Religion é o tipo da banda que, mesmo quem não gosta, respeita. Mais antigo grupo punk californiano em atividade, o BR viu muita gente aparecer e sumir nos seus mais de quinze anos de estrada, enfrentou a falta de criatividade da segunda metade dos anos 80 de queixo em pé (quando levou o "do it yourself" às últimas consequências criando seu próprio selo, o Epitaph), até chegar ao colo de uma grande gravadora, a Sony Music. E dos melhores momentos no Epitaph que surge *All Ages*, uma coletânea que inclui o melhor dos discos *Suffer*, *No Control*, *This Is The Hell*, *How Could Hell Be Any Worse?*, *Against The Grain* e *Generator*.

Fãs das antigas, que já têm esses álbuns, acabam de ganhar um CD para viagem que tem mais de 50 minutos com o melhor do que se convencionou chamar hardcore melódico moderno – inclusive uma versão ao vivo de "Fuck Armageddon". Punks de última hora descobrirão que bandas com personalidade podem atravessar décadas fazendo a música em que acreditam – e que Green Day e Offspring, quem sabe, também cheguem lá um dia.

Zé Lucio Carioh

Herbert Vianna costumava tirar um dia da semana pra "não achar nada". Então, nos momentos de consciência, de lembrança dessa decisão, sumiam adjetivos, opiniões e juízos sobre tudo: "Eu não acho nada". No começo todo mundo achava os Paralamas a cara do Police. Depois, quando achavam que a novidade não viria dar à praia, apareceu *Severino* (1994), que todo mundo achou muito bom, mas que não vendeu horrores como o disco seguinte, *Vamo Batê Lata* (1995).

E agora os caras fizeram *Nove Luas*. São 12 músicas na língua pátria, nenhum superstar, uma canção de Marcos e Paulo Sérgio Valle, uma parceria de Herbert com Nando Reis e Marcelo Frommer, uma com Lulu Santos, uma com Thedy do Nenhum De Nós, uma versão para "Párate Y Mira" ("Lourinha Bombril"), dos Los Pericos, outra para "De Musica Ligera", do Soda Stereo. A nação "achante" falou que é um disco simples e pop. Eu ouço direto. E não acho nada. *Otávio Rodrigues*

ALMIR SATER
Instrumental
Velas
Ex-Cramulhão revê o passado

● Um salto de jaguatirica no passado. Esta é a melhor imagem para o álbum instrumental do violonista Almir Sater, agora relançado em CD.

Sater tentava criar uma linha progressiva para a viola, cujo estilo de execução é tão peculiar. Inspirado em seu professor, Renato de Andrade, o músico recriou um clássico do sertão – "Rio De Lágrimas" (Tião Carreiro-Dorival Dos Santos-Piraci) – e apresentou diversas composições suas fundamentadas no folclore do Pantanal. Exibia técnica perfeita e delicadeza nos solos rápidos.

Muito antes da novela *Pantanal* (1990), em que fez o personagem diabólico do Cramulhão, Sater traía um gosto pelas toadas e guarâneas típicas do rio Paraguai e imediações. Pena o personagem ter tomado a trajetória do artista, a ponto de ele ter-se esquecido do outro que encontrou no bojo de sua viola em meados dos anos 80.

Luís Antônio Giron

ALPHA BLONDY
Grand Bassam Zion Rock
EMI Music
África manda no reggae

● Pelos cantos, conhecedores comentam que o melhor reggae do mundo agora vem da África. Senzo Mthethwa, o grupo O'Yaba (ambos da África Do Sul), Koko Dembele (Mali), Ice T Cool (Camarões) dão todas as pistas para quem quiser ir fundo no assunto. Alpha Blondy (Costa Do Marfim) e Lucky Dube (África Do Sul), hors-concours nessa lista, fazem mesmo algumas das melhores coisas do planeta reggae.

Esse novo do Blondy, produzido pelo avatar Dennis Bovell (pioneiríssimo do dub inglês, criador do denso-reggae de Linton Kwesi Johnson) é surpreendente. Bovell sabe onde colocar o baixo, as guitarras têm muito de rock, os ecos nos remetem ao fim do mundo. É difícil superar a emoção de álbuns anteriores, como *Jerusalem* ou *Cocody Rock!!!* (gravados com os Wailers, banda de Bob Marley). Mas isso já é querer demais.

Otavio Rodrigues

THE CHARTS
Carbônicos
Suck My Discs
Sixties até morrer

● No começo, os Charts se declaravam mods, numa tentativa de fazer com que o movimento detonado pelo The Who nos anos 60 pegasse nas noitadas paulistanas dos anos 90. Com seus shows cheio de *feedback* e guitarras tocadas com arco de violino, viraram cult e logo vinha a pergunta: quando vão gravar o primeiro disco?

Carbônicos, disco de estreia do trio, pode não ser tão obrigatório quanto os shows, mas é um trabalho de peso. Os Charts evoluíram rapidamente e conseguiram achar o seu formato. As letras de algumas músicas ainda se referem ao jargão mod ("Pegue seu Parka", "Vamos Dançar Em Outro Lugar"). Mas o que importa é o peso das guitarras e as citações que remetem a um tempo em que o rock representava algo.

Paulo Cavalcanti

Aracy de Almeida daria quatorze "mango"

Soul 4 Real é uma espécie de Jackson Five sem um mano esquisitão

● Maysa, a gata mansa, fez backing para Stevie Wonder. Depois, foi miar em outra freguesia, brilhando como vocalista do grupo Incognito. Mais um pulo e ela caiu macio numa carreira solo, debutando com *Maysa*. O disco tem bons balanços (como o hit "What About Our Love") ao lado de troços estranhos, como o acid-jazz-bossa-nova-exagerado "J.F.S.". Leva quatro "mango".

Bobby Brown é mandão da rainha Whitney Houston. Perigou ser rei quando estourou com *Bobby*, no começo dos anos 90. Mas sumiu. Enquanto o disco novo não chega, os remixes de *Two Can Play The Game* tentam segurar a onda. "Something In Common" (dueto com Whitney) anima, mas a maioria das músicas ganhou beats datados, alguns longe do R&B e mais perto da dance padrão. Pela qualidade dos originais, leva quatro "mango" e olhe lá.

Por fim, o Soul 4 Real é isso mesmo, quatro brothers cheios de balanço, os gogós tratados nas melhores igrejas de Long Island, Nova York. Quem canta é o caçula, Jason Dalrymple, de 14 anos. *Candy Rain*, debut do Soul 4 Real, é dividido entre grooves e baladas. O formato conservador não ofusca balanços federais como a faixa-título e "Every Little Thing I Do". Brasileiros de cintura leve, este disco dá para dançar legal. Os quatro bacanas vão levar seis "mango".

Carlos Albuquerque

MAYSA
Maysa
MCA
BOBBY BROWN
Two Can Play The Game
MCA
SOUL 4 REAL
Candy Rain
MCA

OASIS
Undrugged
Oxygen
Sem drogas mas ligados

● Enquanto todos tiram as guitarras das tomadas, o Oasis corta a munição das drogas que estimulam a banda e senta no banquinho em *Undrugged*. O álbum reúne 19 faixas acústicas e uma bônus plugada – a gravação ao vivo de "Champagne Supernova" em show em Seattle no final de 95. As músicas foram gravadas em sessões de rádio e shows na Inglaterra. "Live Forever" ganhou três versões, duas com Noel Gallagher nos vocais e uma com seu irmão Liam. A clareza do som não-elétrico torna patente o quão simplórios são os acordes da canção.

Há também covers competentes, como "You've Got To Hide Your Love Away", dos Beatles (inevitavelmente) e "All The Young Dudes", de David Bowie. O grupo mais petulante dos anos 90 às vezes confunde desplugar com tocar em slow motion, mas investe num lirismo exacerbado e ousa arriscar nos vocais – coisa que deveria se acostumar a fazer quando de volta às drogas.

Silvia Colombo

J. MASCIS
Martin + Me
Reprise/WEA
Godzillah e seu violão

● J. Mascis passou uns dez anos atolando de guitarras as jóias que fazia para o Dinosaur Jr. Uma noite qualquer num lugar qualquer (o encarte é para não informação), ele encantou que era Neil Young, pegou um violão Martin e um banquinho e gravou esse *un-plugged sem-MTV*.

Além de versões dos grandes clássicos do Dinosaur Jr. há covers de Smiths ("The Boy With The Thorn In His Side") e Carly Simon ("Anticipation"). A voz esganiçada e a gravação assustam. Mas um dondo que faz Bob Dylan parecer cantor lírico e somente um disco destes só pode merecer hurras pela coragem.

Marcelo Orozco

BOB MOULD
Bob Mould
Rykodisc
Solo sobre relacionamentos

● O encarte é puro e grosso: "Bob Mould e Bob Mould". Então, o que se pode esperar da segunda incursão solo do ex-Hüsker Dü e ex-Sugar? Dez jóias pop, temperadas com a guitarra que influenciou Black Francis (Pixies) e Billie Joe (Green Day). O álbum foi composto às vésperas da dissolução do Sugar, razão para ele soar tão amargo – vide "I Hate Alternative Rock". Mould, homossexual assumido, ainda disseca relações amorosas como poucos. Confira as letras de "The Next Time When You Leave" e "Hair Slew" e, se você fizer parte de alguma banda de queercore, roa seus cotovelos de inveja.

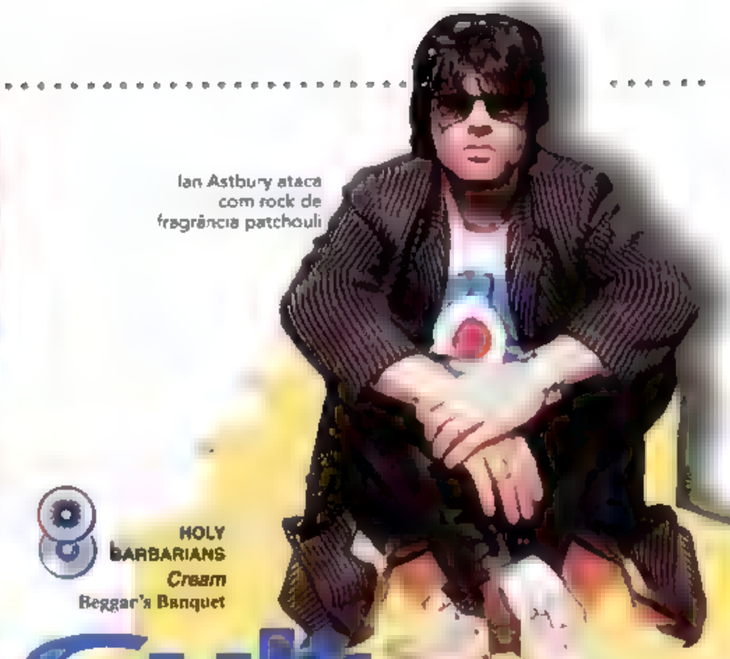
Sergio Martins

ME'SHELL NDEGÉOCELLO
Peace Beyond Passion
Maverick/WEA
Acid jazz epistolar

● Me'Shell Ndegéocello deixou as id ossuncras étnicas e sexistas para se tornar exclusivamente epistolar (ops!). Suas letras, recomendando que nos amemos e evitemos a guerra, remetem à Bíblia e ao hinduísmo. Também possuem um tom apocalíptico e a busca do amor supremo que toda uma geração pós-John Coltrane principalmente no acid jazz, resolveu adotar.

Este é um trabalho bem para o acid jazz mesmo, com aquela levada soul e alguns arranjos que nos remetem a Isaac Hayes e, claro, Marvin Gaye. Desde há a inspiração para "Make Me Wanna Holler", baseada na veia e ótima "Inner City Blues". Me'Shell pilota a maioria dos instrumentos com competência, mas tem acompanhantes de peso: Joshua Redman, Billy Preston e Oliver Lake. *Peace Beyond Passion* é um disco imprescindível para ser degustado sem pressa e por muito tempo.

Edgard Reyman



Ian Astbury ataca com rock de fragrância patchouli

HOLY BARBARIANS
Cream
Beggar's Banquet

Cult ininterrupto

● Ninguém vai chorar pelo Cult interrompido. A fragrância patchouli emanada por Ian Astbury longe do fiel escudeiro Billy Duffy tem tudo para consolar viúvas de seu antigo grupo. O guitarrista Patrick Sugg repagina riffs musculosos bem eficientes, os toques psicodélicos da época de *Dreamtime* aparecem mais fortes e a voz de Astbury ainda é o combustível perfeito para meter o pé num acelerador rodovia afora.

De forma menos simiesca que Lenny Kravitz, os Barbarians imitam trejeitos de tempos idos, mas passam a coisa por um certo filtro *do-it-yourself*. As letras tropeçam no sensualismo cabeça submorrisoniano, falam de bateristas ensanguentados, citam deuses indianos, conclamam "vamos ficar pelados ao vento", listam "Ginsberg, zen, punk, beat" e rasgam o saudade-não-tem-idade. "Quando o futebol era futebol/ Quando a música era de verdade", suspira "Magick Christian". Aí aí... Para não pensar e gostar, feito um bicho rock & roll.

Pedro Só

LUSH
Lovelife
4AD/Natasha
Pop básico e feminista

● Em seu terceiro álbum, o Lush deixou de lado as pedaleiras etéreas e partiu para uma sonoridade mais básica e rápida – o que ficou evidente nos singles "Ladykillers" e "Single Girl". O que não significa que a banda mereça o título de power pop por excelência.

As melhores composições são justamente as mais elaboradas, como "Runaway" e "Ciao". Esta última traz o injustiçado vilão Jarvis Cocker do Pulp, dividindo os vocais com Miki Berenyi. As letras de *Lovelife* falam basicamente de relacionamentos, desta vez com uma certa tendência feminista. O uso de instrumentos clássicos como violino, celo e trombone mostram a grande capacidade de flexibilizar seus parâmetros musicais, tornando *Lovelife* um disco superior a *Spooky*. Mas ainda falta muito para o Lush obter o mesmo êxito de bandas conterrâneas.

Luis A. Pecora

A hora do recreio

LITTLE QUAIL
A Primeira Vez Que Você Me Beijou
Virgin

OS OSTRAS
Os Ostras
Excelente/PolyGram

Os mal-humorados vão torcer o nariz. Azar deles. Os brasilienses do Little Quail estão de volta em *A Primeira Vez Que Você Me Beijou*, com seu rock básico, toques espertos de metais, cordas e letras impagáveis. Há pérolas como a letra de "A Alegria Está Contagiando", a minimalista "Me Espera Mais Um Pouco" e composições poderosas como "Alarme", "Dezesseis" (em que vão além do 1, 2, 3, 4...) e a ode ao não amor "Rachel".

Outra banda que faz lembrar a hora do recreio – nesse caso, à beira da praia – é os Ostras. Eles fazem surf music de primeiríssima qualidade, influenciada por Beach Boys, Dick Dale e Ventures, e tocada por um trio de músicos arrasador.

Entre bobagens adolescentes deliciosas como "Uma, Duas Ou Três (Punhetas)" e "Banana", sobressaem-se as ótimas instrumentais, que poderiam figurar em qualquer coletânea de surf music. Ouça "Aerosurf", "O Homem Que Comia Sabonete", "A Série" e "Mandrake" feliz, chapado e estatelado na areia como a banda pede. *Claudia Grechi*

RENATO TEIXEIRA
Um Poeta E Um Violão
Paradoxx

Trovas de bom gosto

● A rima de beleza com natureza pode ser fácil. Mas cantada "Ao Gosto Do Coração", como faz o menestrel de Taubaté, escapa do feijão com arroz. Flexionando a poesia popular no nái-lon das cordas do violão de bom gosto, a voz de Renato consola as dores de caipiras urbanos e rurais.

Ele eterniza aqui obras-primas como "Terra Mar E Ar", um lampejo de Leonard Cohen interiorano, e aposta na globalização, acena para *nuestros hermanos* na *traducida* "Marchando Al Frente" – parceria com Almir Sater, canta a terrinha portuguesa ("Lusitânia") e versiona "A Cigarra", de Maria Helena Walsh. A emoção é seu país, até em chechenio Renato soaria tocante. *Pedro Só*

OS CABELODURO
Com Todo Amor E Carinho
RVC

O negócio é diversão

● Os Cabeloduro são o Rancid brasileiro. Se os americanos escancaram o espírito de 77 na cara e no som, os quatro de Brasília tocam com gás de garageiros do ABC dos anos 80.

Mas a comparação termina quando lembramos que o Rancid se leva muito a sério, enquanto os candangos sabem que o hardcore já não é mais aquele e que, se ainda existe alguma razão para o gênero estar vivo, essa não é nada mais do que a simples diversão. O disco de estréia do grupo tem muito mais referência do que atitude. Ótimo, afinal só assim podemos ouvir faixas com títulos como "Políticos Fascistas", "Punk Rock Song" ("O punk não morreu", berra o refrão), "F**a-se e Enfia No C*" sem beirar o ridículo. Bons solos de guitarra, riffs porrada e até citação de Gilberto Gil fazem com que *Com Todo Amor E Carinho*, com seu som de fita demo, saia do batucum tradicional do hardcore, sem cair no pupo de "melódico". *Alexandre Matias*

TEARS FOR FEARS
Saturnine Martial & Lunatic
Mercury/PolyGram

Mimos para fãs fofinhos

● Roland Orzabal resolveu facilitar a vida daqueles que seguem a discografia de sua banda. A coletânea traz músicas lançadas apenas em singles, discos-tributo e trilhas de filme e inéditas. É um item de colecionador com altos e baixos e jeitão de saco de gatos.

As canções foram gravadas entre 1983 e 1993, ou seja, desde o início do Tears For Fears até *Elemental* (1993) – primeiro CD sem Curt Smith, que não é citado em nenhum momento do encarte. Pontos altos: cover fiel de "Ashes To Ashes", de David Bowie, a dançante "Johnny Panic And The Bible Of Dreams" e a melódica e balançada "The Way You Are", raríssimo single de 1983. *Fabian Chacur*

KENNY WAYNE SHEPHERD
Ledbetter Heights
Giant/BMG-Ariola

O filho de Stevie Ray

● Kenny Wayne Shepherd é um menino-prodígio do blues. Nascido em Shreveport, Louisianna, ele nasceu para o blues pelas mãos de Stevie Ray Vaughan – que o colocou ao lado de uma caixa de som quando ele tinha sete anos.

Em *Ledbetter Heights*, sua estréia em CD, Kenny soa como uma reencarnação de Stevie Ray Vaughan. Sua guitarra tem uma pegada forte, influenciada também por Albert King. Destaques: "Shame, Shame, Shame", um bluesão lento de arrepiar a alma, e "Abredeen", blues pesado de estrada. Mais, o encarte do CD vem assinado por James Brown e a banda é do cacete. *André Damato*

ISRAEL VIBRATION
On The Rock
RAS/Top Tape

Básica, necessária!

● A gente tem sempre a impressão de que as peças de uma *Discoteca Básica* estão lá atrás, no passado. Mas *On The Rock*, com o Israel Vibration, é um disco raro que todo e qualquer amante do reggae deve ter na prateleira.

Os trios vocais são uma tradição jamaicana, uma arte absorvida do doo-wop e do rhythm'n'blues, curtida entre sessões de ganja e akete drums (jamaicano que é jamaicano tem de saber harmonizar). Esses caras não apenas cantam e harmonizam multíssimo bem: eles têm a manha, sabem fazer músicas lindas e escolher os caras certos para tocá-las.

Ouvindo *On The Rock* você entende também como é um reggae de verdade: como tocar a coisa certa na hora idem ou a arte de começar as músicas com o clímax, entre outras lições. *Otávio Rodrigues*

RÁPIDO & RASTEIRO

Essa seção é dedicada à turma dos independentes. O reggae dá as caras sem muita cerimônia, seja no roots dos maranhenses da **TRIBO DE JAH** em **Ruínas Da Babilônia** (Indie Records), na linha "pode crê" de **CACAU GAMBI** com **Nunca Se Está Sozinho** (JHO) ou nos experimentos do **DAZARANHA** em **Seja Bem Vindo** (RGE). A Tribo confirma o título de dona do melhor reggae raiz da praça. Pode-se dizer que os caras pararam no tempo, que ignoraram a evolução do gênero etc e tal, mas jamais que são aproveitadores. De resto, os excepcionais vocais rascantes de Fauzi Beydoun dão um tom ainda mais dramático à guerra contra a Babilônia.

Dazaranha é a melhor banda catarinense. Ainda que não se possa dizer que Floripa seja a Seattle brasileira, pode-se constatar que se contam nos dedos os que tiraram algo criativo de uma cruza entre baixo/bateria regueiros e violino. Eles tiram. E é "dazaranha" – gíria local traduzível como "duca". Já Cacau Gambi... Bem, digamos que faz aquela coisa assim animadinha, mas é "iô-iô-iô-maníaco" demais.

Os santistas do **CITY LIMITS** aproveitaram a beira da praia pra ir contra a maré. Fazem em seu **First** (Subtronic Records) uma mistura supimpa de guitarrices bacanudas com techno à la anos 80. Há suas esquisitices, é verdade. Mas não faltam faixas que fazem cantar, dançar, chorar, de tão pops que são – apelo multiplicado pela voz climática de Lilian Vaz.

CIA. DO ESCAMBO é outra boa surpresa. Engarrafada na cachaceira Minas Gerais, a banda mandou bem neste funkeado e bem-humorado **Casamento?** (Polifonia), com levadas dançantes que lembram os melhores momentos da Banda Bel de "Romário". O veterano soulman Hyldon dá uma palha em "Na Rua, Na Chuva Na Fazenda", a mesma regravada pelo Kid Abelha.

Os decanos do **LÍNGUA DE TRAPO** voltam com **Língua Ao Vivo** (Devil Discos). As lambidas de Laert Sarrumor e trupe já não dão aqueles arrepios dos anos 80. Mas em tempos de Tiririca não é demais voltar ao passado. *Israel do Vale*

Bolsa de discos

Média	Disco	Arthur G. C. Duarte	Carlos Albuquerque	Célia Almudena	Emerson Gasperin	Hagamenon Brito	Jimi Joe	Marcos Filippi	Roberto Maia	Sérgio Martins	Vilmar Ledesma
7,1	CHARLIE WATTS QUINTET *Long Ago & Far Away* Virgin	•	•	7	8	6	6	•	8	8	7
7,0	THE AFGHAN WHIGS *Black Love* WEA	6	8	6	7	7	7	7	8	•	7
7,0	BARÃO VERMELHO *Álbum* WEA	•	8	6	7	7	8	8	6	5	8
6,8	ZIZI POSSI *Mais Simples* PolyGram	•	•	4	•	7	7	•	6	7	10
6,6	CHICO CÉSAR *Cuscuz Clã* PolyGram	6	•	•	5	6	5	7	8	7	9
6,1	FRED SCHNEIDER *Just... Fred* WEA	5	5	6	7	•	4	6	8	7	7
6,1	PANTERA *The Great Southern* Continental	6	5	7	4	6	6	8	7	5	7
5,7	METALLICA *Load* PolyGram	7	6	5	0	6	8	5	7	5	8
4,7	HOOTIE & THE BLOWFISH *Fairweather Johnson* Continental	1	3	5	0	4	7	7	7	5	8
3,9	SPIN DOCTORS *You've Got To Believe* Sony	3	3	5	0	5	2	6	6	3	6

almoço nu à brasileira

A MPOPB dos anos 90 bebe na MPB setentista, que por sua vez já popeava anos anteriores, com a raiz incorporando cada vez mais ramais. Um bom tira-teima deste nariz de cera pode ser pescado nos CDs de **CHICO BUARQUE** (**Construção**, de 1971), **FAGNER** (**Manera, Fru Fru, Manera**, de 1973), **RAUL SEIXAS** (**Gita**, de 1974), **ELIS REGINA** (**Falso Brilhante**, de 1976) e **MARIA BETHÂNIA** (**Álibi**, de 1978) . Raul cai de boca no desafio do cego de feira ("As Aventuras De Raul Seixas Na Cida-de De Thor") e na toada ("Trem Das Sete"), além de esbaldar-se no bolerão brega satírico ("Sessão Das Dez") e do messianismo ("Gita"). E Chico mistura o "Samba De Orly", que cutucava a repressão política, com a balada ítalo-roqueira de Lucio Dalla ("Gesubambino"). O disco (que tem ainda o devastador "Cotidiano") juntava o Chico da MPB mais ligada à tradição com o insano maestro tropicalista Rogério Duprat (autor da pegada pesada de orquestra em "Construção" e "Deus Lhe Pague").

A lama da fusão mangue bit já dava liga entre rock e música nordestina no *Manera*, o disco de estréia de Fagner. Ele já mandava de um early Roberto Carlos em "Nasci Para Chorar" ao folk "Penas Do Tiê" (em duo com Nara Leão) e a canção retirante "Último Pau De Arara". O disco tinha ainda "Mucuripe" (parceria com Belchior) e um tipo de balada/toada ("Tambores, Sina, Melo 1") que marcaria para sempre na sua voz quebrada.

Belchior abala no repertório de *Falso Brilhante*, derivado do show homônimo da cantora Elis Regina. Apesar da dupla João Bosco/Aldir Blanc fornecer três das faixas do disco ("Um Por Todos", "Jardins Da Infância" e "O Cavaleiro E Os Moinhos"), são as duas de Belchior – "Como Nossos Pais" e "Velha Roupa Colorida" – que dão o lustro pop no brilhante. Elis pisca para a latinidade ("Gracias A La Vida", "Los Hermanos") e destrói na dramatização de "Tatuagem" (Chico Buarque/Ruy Guerra), mas volta a flertar com o pop – em compasso de valsa na surrada "Fascinação" e instrumentado por guitarras em "Quero" (Thomas Roth).

Ideóloga (involuntária) do tropicalismo, Maria Bethania derrubou as prateleiras do bom gosto na gravação da brega "Lama", que ela rebate em *Álibi* com o torrencial "Negue". O disco soma duetos com Alcione ("O Meu Amor", de Chico Buarque) e Gal Costa (no partido-alto "Sonho Meu"). Além de um petardo de Gonzaguinha ("Explode Coração"), rola a velha "Ronda" paulistana de Paulo Vanzolini e o amargo "Cálice" (Gilberto Gil/Chico Buarque) que a Censura enquadrou na lei seca dos microfones desligados durante o festival Phono 73. A transgressão sempre deu bom lastro e o agito político dos 70 hoje virou caldo de cultura. Bom almoço nu, canibais contemporâneos. *TARIK DE SOUZA*

Maria Bethânia (*acima*) a abelha rainha manda duetos com Gal Costa e Alcione em *Álibi*. Chico Buarque (*centro*) tem seu *Construção* relançado e Raul Seixas (*ao lado*), profeta do rock no clássico álbum *Gita*

Alceu Valença, o guru do manguebit, tem CDs relançados

Guru do maracatu

A carreira de **ALCEU VALENÇA** tem quatro fases. No início dos anos 70, ele era o Ian Anderson do Capebenbe, com suas roupas de veludo colorido e cabelos pelos ombros. De 1972 a 1978 foram cinco LPs apelando para os órfãos de Arembepe e do sonho alternativo. Em 1980, Alceu entrou em nova fase: superstar. Cada disco seu tinha um hit de novela nordestina. Esta fase acabou em 1985, uma época em que a moçada trocou o Brasil por desafinados cantores britânicos sofrendo de uma inexplicável angústia bem paga.

Alceu não teve um hit até 1993, quando foi eleito guru da geração do rock-maracatu. Agora saíram quatro discos da terceira fase de Alceu – **Estação Da Luz** (1985), **Rubi** (1986), **Leque Moleque** (1987) e **Oropa, França e Bahia** (1989) – e é boa hora para ver que ele merece essa idolatria. Para Alceu, a mistura do rock com os sons de rua de Pernambuco – maracatu, caboclinho, frevo – é muito mais que um enxerto postiço, já que ele mexe com tudo isso com um espírito pop. *Rubi*, por exemplo, tem um caboclinho psicodélico ("Amigo Da Arte"), rock-balada ("Amor Covarde"), rock havaiano ("Alga Marinha"), galope de guitarra ("Mar De Amor Menina").

Oropa, França E Bahia é indispensável. Na capa, Alceu se intitula "The Star Of Brazilian Music" e diz que faz "tropical rock". É uma mistureba de rock, frevo, blues, aberturas à la Yes e até o bolerão "Perfídia", cantado com uma tremenda garra de palco. Alceu inventou um negócio dele mesmo e talvez seja esta a melhor definição para quem anda por aí em busca de gurus. *EVOR PAIANO*

Gnomos imortais

Ian Anderson e o guitarrista Martin Barre, do Jethro Tull, em tempos de frondosa cabeleira

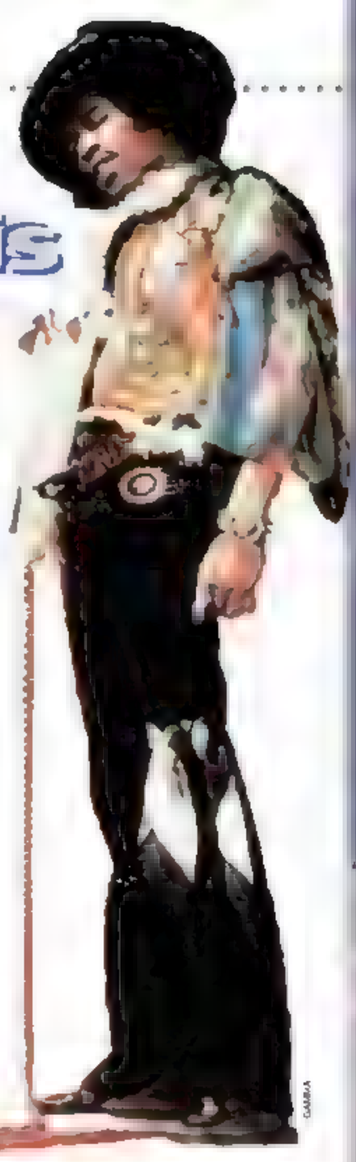
Duas coisas sempre me fascinaram no **JETHRO TULL**. Primeiro, o ar pseudo-indigente de Ian Anderson empunhando sua flauta. Segundo, a mistura folk/hard rock sem cair na prolixidade progressiva. Com vasta discografia, é na primeira parte dos anos 70 que se concentram os álbuns mais inspirados do Jethro. Para celebrar 25 anos do clássico *Aqualung*, de 1971, foi lançada a versão remasterizada com cinco faixas-bônus, numa caixa digna de elogios. O encarte traz as letras provocantes de Anderson com uma foto dos tempos em que o guitarrista Martin Barre tinha longa cabeleira. Barre traz timbres certos para riffs mortais como "Aqualung", "Hymn 43" e "My God". Essas três mais as canções acústicas garantem ao Jethro Tull lugar garantido entre os imortais do rock'n'roll. *GASTÃO MOREIRA*

Os festivais dos festivais

A Castle revive a era de ouro do festivais em duas fases distintas de rock. A gravadora está colocando no mercado **Monterey Pop Internacional** (caixa com quatro CDs) e **Message Of Love –The Isle of Wight Festival** (CD duplo), com principais momentos destes eventos.

O festival de Monterey aconteceu nos dias 16 a 18 de junho de 1967 e reuniu **JIMI HENDRIX, THE WHO, MAMAS AND THE PAPAS, ERIC BURDON, THE BYRDS, OTIS REDDING, CANNED HEAT, THE ASSOCIATION, JEFERSON AIRPLANE** e outros no auge. A caixa traz tudo isto mas, infelizmente, alguns artistas como **JOHNNY RIVERS** e **BUFFALO SPRINGFIELD** ficaram de fora por motivo de licenciamento. Mesmo assim, é imperdível. Quem assistiu o filme vai ficar babando ao ouvir inteiro o show de Hendrix interpretando as famosas "Wild Thing", "The Wind Cries Mary", a versão de "Like A Rolling Stone" (Bob Dylan), entre outros petardos. Sem contar o eletrizante show de Otis Redding, acompanhado pelos não menos lendários **BOOKER T. AND THE MGs.** Apropriadamente, a caixa encerra com "San Francisco" (Be Sure To Wear Some Flowers In Your Hair"), com **SCOTT MCKENZIE**

A Inglaterra quis e fez seu Woodstock particular na Ilha de Wight, que rolou entre os dias 26 a 30 de agosto de 1970. O espírito de celebração dos anos 60 já tinha passado e o evento ficou marcado como o canto de cisne de **JIMI HENDRIX** e **JIM MORRISON** (caindo pelas tabelas em "When The Music Is Over") **THE WHO, LEONARD COHEN, FREE, MILES DAVIS, JETHRO TULL** e **EMERSON LAKE & PALMER** também aparecem neste importante registro histórico. *PAULO CAVALCANTI*



Jimi Hendrix: o auge e a decadência nos festivais de Monterrey e da Ilha de Wight

Quando o Deep Purple valia a pena

Finalmente chega à discografia oficial do **DEEP PURPLE** o registro do antológico show do quinteto inglês no festival **California Jam** (que contou ainda com Black Sabbath, Emerson, Lake & Palmer, Eagles e outros), em abril de 1974. Na época, o Purple estava na turnê do álbum *Burn*, o primeiro com o vocalista David Coverdale e o baixista Glenn Hughes, viajava pelo mundo em seu jato Starship 1, no auge do sucesso, adorado dos dois lados do Atlântico e se aventurando por um som mais bluesy que o de *In Rock* e *Machine Head*.

Aqui, o som da banda ganha em virtuosismo e fúria. Coverdale grita feito um alucinado e Ritchie Blackmore destrói sua guitarra. O som não é lá essas coisas, mas um registro do tempo em que o Purple ainda era relevante e sempre bem vindo. E qualquer disco com "Burn" "Mistreated" e "Smoke On The Water" sempre terá um lugar nos nossos saudosos corações. *RICARDO ALEXANDRE*

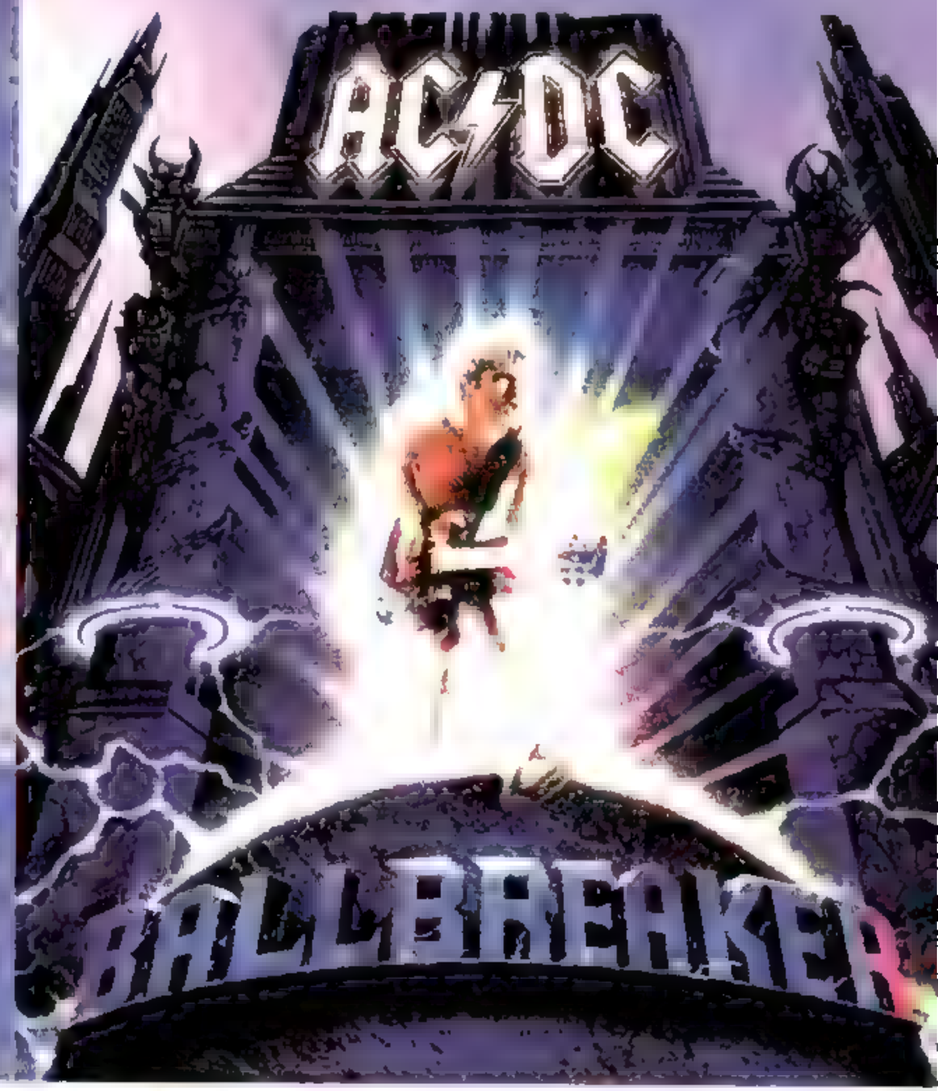
Em 1985 eles arrebentaram no Rock in Rio I. Depois de onze longos anos eles estão de volta.... Brasil, prepare-se!!!

AC/DC

"The Ballbreaker Tour 1996"

11 de outubro
Rio de Janeiro
12 de outubro
São Paulo

Walter Brother Productions apresenta



APOIO: REVISTA SHOW BIZZ
PROMOÇÃO: rádio cidade FM 102,9 · 89 A RADIO ROCK
MAIS UM SHOW: Walter Brother

100 Quilos de travessura musical

De **BOLA DE NIEVE**, genial cantor e pianista cubano (1911-1971) que alegrou e comoveu cabares do mundo inteiro, Pablo Neruda exaltou "a alegria terrestre". Reza a lenda que, quando perguntavam a Bola qual era o registro de sua voz, baritono ou tenor, ele diz a: "Tenho voz de gente". Mas não há nada melhor do que seus discos para transmitir o trabalho de Bola e seus cem quilos de pura travessura musical. Gravado em 1957, este **Bola Com Su Piano** está sendo lançado pela Dubas com um cuidado inexistente em títulos do mesmo artista que tem chegado por aqui, vem com letras e deliciosas notas explicativas. Entre as rumbas e pregões, destaque para a linda "Tu Me Has De Querer" e a impagável "Bito Manué Tu No Sabe Inglé". *PEDRO SÓ*

Alma na garganta

O piano suave e a vozinha aguda do negro gorducho Bola De Nieve, a não fazem mais espanto nestas plagas. Depois do impacto de *El Inigualable Bola De Nieve*, a Velas volta a remexer nos arquivos do selo cubano Egren e lança **Bola Interpreta Ignacio Villa**. Desta vez, os standards ficam de fora para que Bola de Nieve cante e toque suas próprias canções (Ignacio Villa é seu verdadeiro nome) – muitas tristes, algumas alegres – com a alma na garganta e na ponta dos dedos. Não sei não, mas tô apostando que o negro em flor vai pintar na trilha sonora da próxima novela de Gilberto Braga. *ALVARO DA COSTA E SILVA*

Bizarro relançamento

O relançamento de Brotherhood atiça os fãs do New Order

Lançado originalmente em 1986, **Brotherhood** pode não ser o disco predileto dos fãs do **NEW ORDER**, mas é o mais identificável pelos fãs de música pop em geral. Principalmente porque inclui "Bizarre Love Triangle", um dos hits mais executados nas pistas do Brasil na segunda metade dos anos 80 – e que nos anos 90 foi revisitado pelo "rente".

Seguindo a tradição dos álbuns anteriores, os momentos eletrônicos foram intercalados com as composições de *jeeling* mais roqueiro. Pena que justamente esse lado rocker tenha sofrido com a displicência e a falta de inspiração, evidentes em músicas como "Paradise" e "As It Is When It Was". Já em "All Day Long", o New Order revela uma fórmula perfeita para se fazer música dançante sem cair na bregueiro que caracterizava o período pós-tecnopop/pré-house music.

"Every Little Counts" encerra de maneira apoteótica este quarto disco da banda. O guitarrista Bernard Sumner tropeça nos vocais através de uma potencial gargalhada, parodiando a própria estupidez da música. Ela se transforma numa sublime sinfonia sintetizada e acaba cínica, literalmente com o efeito de um disco riscado. *Brotherhood* define um som pop alternativo e universal, conseguindo driblar rótulos como datado e moderninho, tão comuns às crias de gravadoras independentes da época. *LUIS A. PECORA*

Novo BASKET com RUBBER FORCE.

RESISTE ÀS PIORES QUADRAS.

Try On

REPLAY CLÁSSICOS EM CDS

Ondas sonoras

Rock e surf na caixa da Rhino

Depois que Quentin Tarantino colocou "Miserlou", de Dick Dale, na abertura de *Tempo De Violência – Pulp Fiction*, todo mundo começou a se interessar por surf music. No meio da enxurrada de lançamentos, a Rhino bateu a concorrência com a luxuosa caixa **Cowabunga – The Surf Box**, com quatro CDs traçando um completíssimo panorama da surf music do começo dos anos 60 até os dias atuais.

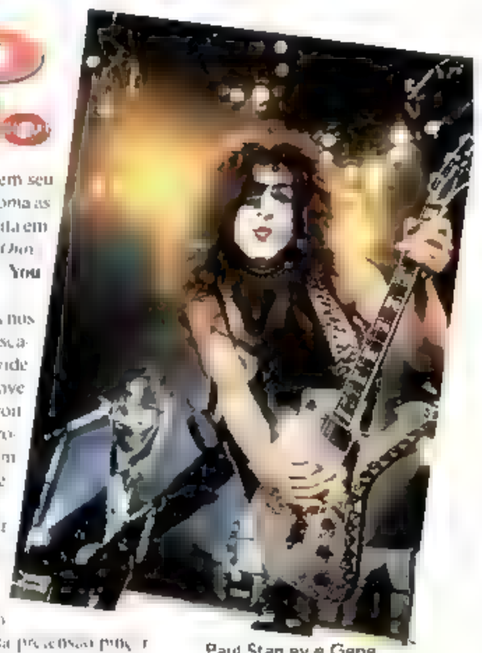
Dos reis dos instrumentais (o já citado **DICK DALE, THE FIREBALLS, THE CHANTAYS, THE SURFARIS**) até os maiores hitmakers (**BEACH BOYS, JAN & DEAN, THE TRASHMEN**), o pacote tem todos os hinos que embalaram as noitadas sixties da moçada ao longo da praia de Malibu. Com som remasterizado, músicas como "Surf City", "Wipeout", "Pipeline" e outras nunca soaram tão vibrantes. O quarto CD, que dá uma geral no período 1977 a 1995, é o mais curioso. Grupos como **THE INSECT SURFERS** e **THE SURF RAIDERS** mantiveram acesa a chama das guitarras Fender Stratocaster. Depois desta caixa seu verão nunca mais vai ser o mesmo. Cowabunga! *Paulo Cavalcanti*

Beijo exagerado

Eles roubaram seu amor, sua devoção e querem seu dinheiro também. Ao mesmo tempo em que retoma as máscaras e a parafernália circense, o **KISS** reedita em CD **Creatures Of The Night** (da série *Diamond Ones*) da PolyGram) e manda para as lojas o novo **You Wanted The Best, You've Got The Best**.

Creatures (1983) é o melhor trabalho do Kiss nos anos 80. O álbum limpa a barra dos quatro mascarados, que vinham de trabalhos fracotes – vide *The Elder* e *Killers*. Primeiro, porque tem "I Love It Loud", o melhor hino do Kiss desde "Detroit Rock City". Depois, o álbum traz rocks vigorosos, como "War Machine" e a faixa-título, além da balada roqueira "I Still Love You", recuperada recentemente no *MTV Unplugged*.

You Wanted The Best, You've Got The Best possui alguns dos melhores momentos de *Alive 2*, além de trazer quatro inéditas. Porém, o resultado não é dos melhores. As faixas raras gravadas na década de 70, soam mexidas com muitos efeitos de estúdio. Além disso, é muita pretensão pôr apenas algumas faixas dos dois históricos álbuns ao vivo do Kiss. Como curiosidade, o trabalho traz uma entrevista de 20 minutos com a banda. *Sérgio Martins*



Paul Stanley e Gene Simmons (ao fundo), na volta dos roqueiros à fase mascarada

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU!: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 – CEP 05479-900 – Tel.: (011) 867-3000 – Fax: 011-867-3300 – São Paulo – SP

Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 – sala 2503 – Castelo – Rio de Janeiro – CEP 20030-021 – Caixa Postal 4818 – Tel.: (021) 532-0313 – Fax: (021) 544-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Época Com. Int. e Consult. Ltda. – SDS Ed. Venâncio – sala 202 – CEP 70300 – Brasília/DF – Tel.: 061-321-3305 – Fax: 061-226-3644

Campinas: C.Z. Press Com. e Representações Ltda. – Rua Antônio Fonseca, 967 – CEP 13015-291 – Campinas/SP – Tel./Fax: (0192) 32-1975

Fortaleza: Ad Holanda Com. e Marketing – Rua Edgar Borges, 8 – sala 103 – CEP 60150-000 – Fortaleza/CE – Tel.: (085) 264-1666 – Fax: (085) 241-4761

Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Representações Ltda. – Av. Contorno, 8000 – sala 1101 – Ed. Wall Street – CEP 30110-907 – Belo Horizonte/MG – Tel. e Fax: (031) 281-6470

Paraná: M.L.C. Representações Comerciais – Rua Candido de Abreu, 526 – cj. 604 – Bloco B – CEP 80530-365 – Curitiba/PR – Tel.: (041) 353-4048 – Fax: (041) 252-2844

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. – Av. Marechal Câmara, 160 – 9º andar – sala 920 – CEP 20020-080 – Tel./Fax: (021) 220-3762

Rio Grande do Sul: Print Sul – Av. Nonoai, 1502 – CEP 90060-290 – Porto Alegre/RS – Tel.: (051) 221-9569 – Fax: 051-337-1005

Santa Catarina: Sy Soberana – Rua Dr. Alfredo Dauria Jorge, 3 – Cond. Village II – Florianópolis/SC – Tel./Fax: (048) 233-0509

Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda. – Rua Fabio Huscher de A. Bueno Ferreira – Enseada do Suá – Tel./Fax: (027) 324-1144

VÍDEOS

Antes nunca do que tarde

É inexplicável a falta de *timing* dos recentes lançamentos em vídeo da WEA Music, em especial o lançamento de Chris Isaak – *Wicked Game*. Estacionado na estética dos anos 50/60, o cantor matriculinho conheceu apenas um grande sucesso no Brasil. Justamente a faixa-título deste vídeo, que foi um dos temas do filme *Coração Selvagem*, de David Lynch. O clip, aqui na versão européia, traduz o conceito assexuado de música do cantor. Teria vendido bem à época. Mas agora, cinco anos depois, perde muito de sua razão de ser. O vídeo só vale para conferir direções do fotógrafo Herb Ritts (a própria), da diretora Mary Lambert ("Dancin'") e do fashionable Jean-Baptiste Mondino ("You Owe Me Some Kind Of Love").

Outro lançamento um tanto perdido no tempo é David Lee Roth. Este vídeo, que foi co-dirigido, co-escrito e co-concebido pelo próprio, ao menos traduz a perfeição a sua persona canalha e debochada, com clips repletos de *babes* em biquínis sumários, humor canastra e altos decibéis. Vale principalmente pela antológica saída de "Just A Gigolo/I Ain't Got Nobody".

Completam o pacote dois vídeos alemporais, quase retrospectivas de carreira feitas em shows ao vivo. Huey Lewis & The News comparece com *Four Chords & Several Years Ago – The Concert*, que conta com um repertório de rock'n'roll e rhythm'n'blues como "Stagger Lee", "Shake Rattle And Roll" e "Little Bitty Pretty One". Já o trio Peter, Paul & Mary, em *LifeLines Live*, reúne convidados para um resumo de seus tempos de panfleto. Para quem está com saudades de "Babylon", "Home Is Where The Heart Is" e "House Of The Rising Sun", o vídeo leva as lágrimas. *Christian Petermann*

CHRIS ISAAK
Wicked Game

DAVID LEE ROTH
David Lee Roth

HUEY LEWIS & THE NEWS
Four Chords & Several Years Ago – The Concert

PETER, PAUL & MARY
Lifelines Live

SWEET JANE
ROCK RECORDS
(011) 288-4847
Tone/Tax
LANÇAMENTOS RECENTES
CATÁLOGO / BEST SELLERS
AV. PAULISTA, 726 Loja-9 - São Paulo - SP

CD's • VHS
LD's
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
LONDON CALLING
RARIDADES DE: U2 • CURE • MADONNA • METALLICA • ZEPPELIN • ROXETTE • E TODOS OS ESTILOS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO
TEL-FAX: (011) 223-5300
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA - LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

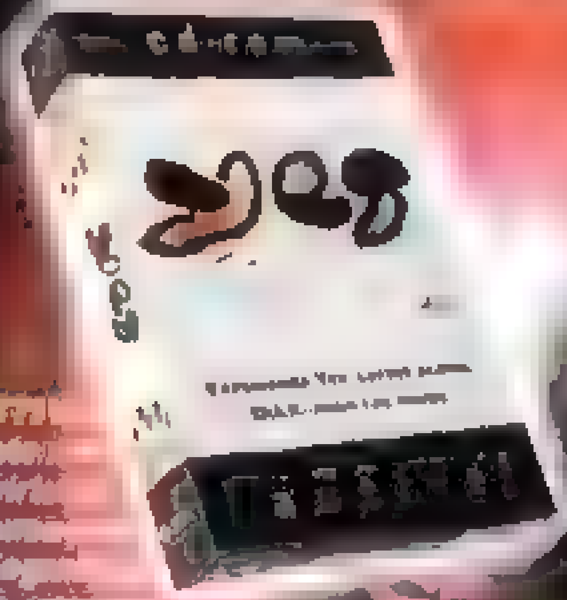
PARA ANUNCIAR LIGUE
(011) 867-3100
SHOWBIZZ

Enjoy it

jornada interativa

Entre na órbita dos CD-ROM[illegible]

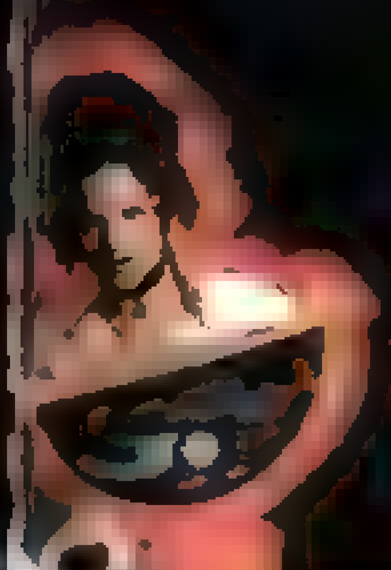
STING - ALL THIS TIME
Boas entrevistas, [illegible] novas versões acústicas de "Fragile" e "Message in a [illegible] Bottle" e algumas músicas nunca lançadas. Compatível exclusivamente com Windows 95. R$ 105



YES - ACTI[illegible]
[illegible]

HAIGHT ASHBURY IN THE SIXTIES
[illegible]

Mate a saudade de Dinho e cia. com várias imagens inéditas da banda, brincadeiras – é claro! – e até joguinhos. Só para PC. R$ 60



PRINCE - INTERACTIVE
Entre na casa do popstar e fuluque nas gavetas dele através de 76 animações interativas. Veja também 31 clips e ouça 6 músicas na íntegra. Para PC e Mac. R$ 59

[illegible] o que Mr. Keith Richards [illegible] no banheiro. Para PC e Mac. R$ 66

HISTORY OF MUSIC - THE COLLECTION
Enciclopédia virtual com mais de 4 mil fotos. Em quatro CDs você navega da música clássica ao folk americano e explora a relação entre música e cultura de diversas partes do mundo. Para PC e Mac. R$ 71

BOB DYLAN - HIGHWAY 61 INTERACTIVE
Um show de interatividade. Dê um rolê pelo Picadilly Circus, em Londres, se embebede em bares maneiros, veja um show de Dylan de todos os ângulos e conheça como foi a gravação de "Like A Rolling Stone", de 65. Para PC e Mac. R$ 65

ELVIS PRESLEY
300 cenários digitalizados, 300 fotos inéditas e jogo interativo com mais de 500 perguntas sobre Elvis. Vem ainda com um livro! Para PC e Mac. R$ 99

DAVID BOWIE - JUMP
Bom pra tirar uma onda de produtor de discos. Além de viagens virtuais com Bowie, você pode remixar as músicas "Jump They Say" e "Black Tie White Noise". Também dá para editar clips. Só para PC. R$ 75

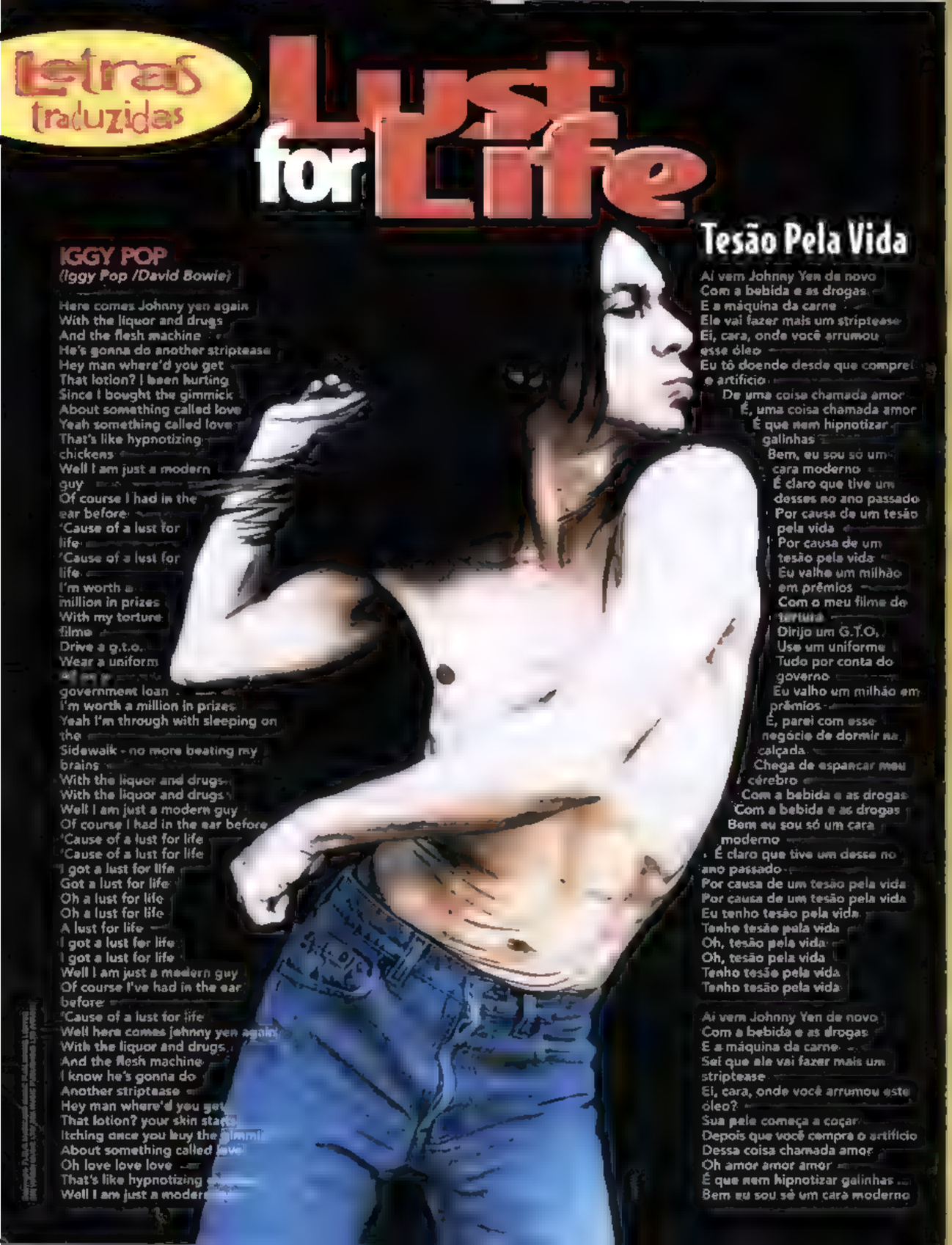
VÁRIOS - BLUES MU[illegible] PERSPECTIV[illegible]
Um curso [illegible] de blues com [illegible] 700 biografias de [illegible] como Albert Colli[illegible] Buddy Guy e resumos de mais de 5 mil discos de blues. Só para PC. R$ 60,50

ONDE ACHAR:

- **TOMORROW** – [illegible], São Paulo, SP. Fone: (011) [illegible]. Rua Manoel Guedes, 77, São Paulo, SP. Fone: (011) [illegible]. E-mail: tomorrow@ams.com.br. Venda para outros estados: [illegible]
- **CD HOME** – Rua Augusta, 2208, São Paulo, SP. Fone: (011) [illegible]. E-mail: cd.home@[illegible].com.br
- **ALL SMARTS** – São Conrado Fashion Mall, loja [illegible], Rio de Janeiro, RJ. Fone: (021) 322-4058.
- **PLANET MUSIC** – Av. [illegible], São Paulo, SP. Fone: (011) [illegible]. [illegible] Fortaleza – (085) 264-6123 –, Maceió – (082) 241-6433 –, Juiz de Fora – (032) 215-[illegible] [illegible]

Letras traduzidas

Lust for Life



IGGY POP
(Iggy Pop /David Bowie)

Here comes Johnny yen again
With the liquor and drugs
And the flesh machine
He's gonna do another striptease
Hey man where'd you get
That lotion? I been hurting
Since I bought the gimmick
About something called love
Yeah something called love
That's like hypnotizing
chickens
Well I am just a modern
guy
Of course I had in the
ear before
'Cause of a lust for
life
'Cause of a lust for
life
I'm worth a
million in prizes
With my torture
filme
Drive a g.t.o.
Wear a uniform
I mar
government loan
I'm worth a million in prizes
Yeah I'm through with sleeping on
the
Sidewalk - no more beating my
brains
With the liquor and drugs
With the liquor and drugs
Well I am just a modern guy
Of course I had in the ear before
'Cause of a lust for life
'Cause of a lust for life
I got a lust for life
Got a lust for life
Oh a lust for life
Oh a lust for life
A lust for life
I got a lust for life
I got a lust for life
Well I am just a modern guy
Of course I've had in the ear
before
'Cause of a lust for life
Well here comes johnny yen again
With the liquor and drugs
And the flesh machine
I know he's gonna do
Another striptease
Hey man where'd you get
That lotion? your skin starts
Itching once you buy the gimmik
About something called love
Oh love love love
That's like hypnotizing
Well I am just a modern

Tesão Pela Vida

Aí vem Johnny Yen de novo
Com a bebida e as drogas
E a máquina da carne
Ele vai fazer mais um striptease
Ei, cara, onde você arrumou
esse óleo
Eu tô doendo desde que comprei
o artifício
De uma coisa chamada amor
É, uma coisa chamada amor
É que nem hipnotizar
galinhas
Bem, eu sou só um
cara moderno
É claro que tive um
desses no ano passado
Por causa de um tesão
pela vida
Por causa de um
tesão pela vida
Eu valho um milhão
em prêmios
Com o meu filme de
tortura
Dirijo um G.T.O.
Use um uniforme
Tudo por conta do
governo
Eu valho um milhão em
prêmios
E, parei com esse
negócio de dormir na
calçada
Chega de espancar meu
cérebro
Com a bebida e as drogas
Com a bebida e as drogas
Bem eu sou só um cara
moderno
É claro que tive um desse no
ano passado
Por causa de um tesão pela vida
Por causa de um tesão pela vida
Eu tenho tesão pela vida
Tenho tesão pela vida
Oh, tesão pela vida
Oh, tesão pela vida
Tenho tesão pela vida
Tenho tesão pela vida

Aí vem Johnny Yen de novo
Com a bebida e as drogas
E a máquina da carne
Sei que ele vai fazer mais um
striptease
Ei, cara, onde você arrumou este
óleo?
Sua pele começa a coçar
Depois que você compra o artifício
Dessa coisa chamada amor
Oh amor amor amor
É que nem hipnotizar galinhas
Bem eu sou só um cara moderno

Copyright GREEN DAZE MUSIC/WARNER CHAPPELL EDIÇÕES MUSICAIS LTDA

GREEN DAY *(Billie Joe)*

She screams in silence
A sullen riot penetrating through her mind
Waiting for a sign
To shamsh the silence with the
brick of self control

Are you locked in a world
That's been planned out for you?
Are you feeling like a
social fool without a use?

Scream at me untill my ears bleed
I'm taking heed just foi you

She's figured out all her doubts
Were somemone else's points of view
Waking up this time to smash
The silence with the brick of self control

Ela

Ela grita em silêncio
Uma soturna confusão penetrando em sua mente
Esperando por um sinal
Para esmagar o silêncio com o tijolo do auto-
controle

Você está presa num mundo
Que foi planejado para você?
Você está se sentindo
Como uma boba inútil?

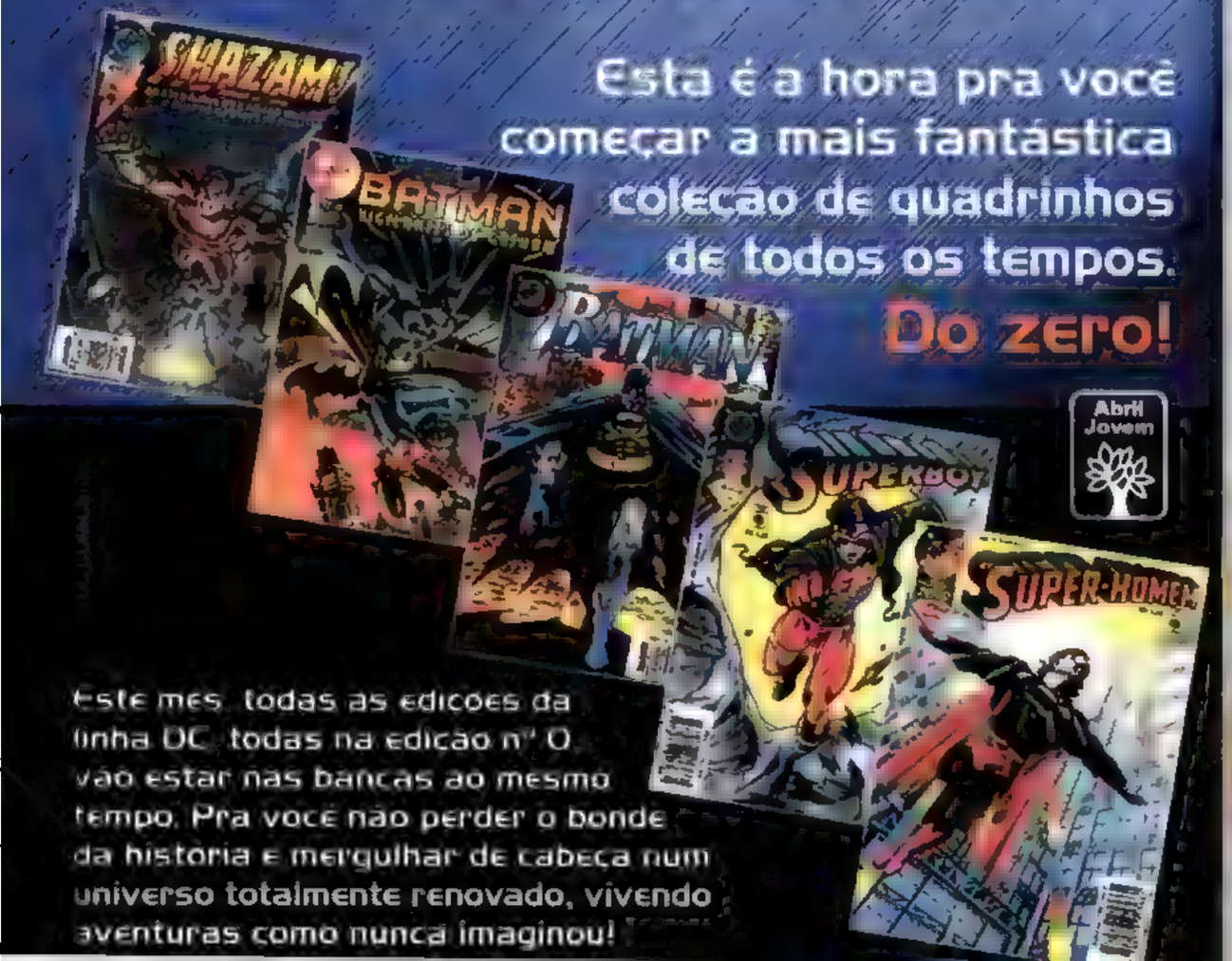
Grite para mim até minhas orelhas sangrarem
Vou tomar cuidado com isso apenas por você

Ela percebeu que todas as suas dúvidas
Eram idéias de outra pessoa
Acordando agora para esmagar o silêncio
Com o tijolo do auto-controle

ZEROU TUDO!

00:00

ACOMPANHE OS NOVOS TEMPOS DA AVENTURA!



Esta é a hora pra você começar a mais fantástica coleção de quadrinhos de todos os tempos. **Do zero!**

Este mês, todas as edições da linha DC, todas na edição nº 0, vão estar nas bancas ao mesmo tempo. Pra você não perder o bonde da história e mergulhar de cabeça num universo totalmente renovado, vivendo aventuras como nunca imaginou!

Teste

Quem é essa balzaca?

Veja se você sabe tudo mesmo sobre Madonna, a mãe do ano

1 *O nome completo, a data de nascimento e a cidade onde Madonna nasceu são:*
a) Madonna Veronica Lake Ciliccone, 1952 e Los Angeles
b) Madonna Louise Rossella Ciccone, 1959 e Nova York
c) Madonna Louise Veronica Ciccone, 1958 e Bay City
d) Madonna Luigi Verona Ciccone, 1960 e São Francisco
e) Madonna Luigi Margherita Ciccone, 1958 e Chicago

2 *Madonna chegou em Nova York, em 1978, aos 17 anos, segundo ela, já predestinada ao estrelato. Antes de explodir, porém, teve de trabalhar como:*
a) garçonete numa lanchonete futeira
b) babá de um famoso casal
c) enfermeira num hospício
d) modelo, manequim e massagista
e) tia de um jardim de infância

3 *Em 81, Madonna escrevia músicas com seu namorado Steve Bray. Os dois ganharam notoriedade depois que suas fitas demo rouxam num famoso clube nova-iorquino:*
a) Erot'ka
b) Studio 54
c) Limelight
d) Danceteria
e) Massive

4 *Em 79, Madonna fez ponta num obscuro filme em que aparece numa cena de estupro em roupas sumaríssimas. O nome do filme é:*
a) *New Wave Hookers*
b) *Babes In Toyland*
c) *Rapes Of Pleasure*
d) *Rape Fear*
e) *A Certain Sacrifice*

5 *Quando começou a fazer sucesso, Madonna usava roupas de segunda mão, crucifixos, quilos de pulseiras e um cinto onde estava escrito:*
a) Eat Me (Me Coma)
b) I Want To Be Famous (Quero Ser Famosa)
c) Boy Toy (Brinquedo De Menino)
d) Fuck Me Harder (Me Coma Mais Duro)
e) Safe Sex (Sexo Seguro)

6 *Há um clip de Madonna que teve sua exibição proibida em vários países. O nome do clip e o motivo da proibição são:*
a) *"Cherish"* – insinuação de sexo com animais (Madonna acaricia um golfinho)
b) *"Like A Prayer"* – profanação (Madonna beija a boca de um santo negro)
c) *"Papa Don't Preach"* - propaganda pró-aborto (explícita nas imagens)
d) *"Open Your Heart"* – pedofilia (Madonna beija a boca de um garotinho)
e) *"Justify My Love"* – propaganda de uma marca de velcro (o logotipo é exibido)

7 *No disco Like A Prayer, de 1989, há uma parceria entre Madonna e um cantor. Quem é ele e qual é o título da canção?*
a) Michael Jackson e "Promise To Try"
b) Frank Sinatra e "Oh Father"
c) k.d. lang e "Big Shoe"
d) Julio Iglesias e "Spanish Eyes"
e) Prince e "Love Song"

8 *Além de beijar Luciana Silva no clip de "Justify My Love", Madonna já declarou ser bissexual. Entre as conquistas femininas da cantora estão uma famosa comediante americana e uma top model internacional. São elas:*
a) Whoopi Goldberg e Naomi Campbell
b) Alanis Morissette e Cindy Crawford
c) Tinnica Carey e Adriana Galisteu
d) Sandra Bernhard e Ingrid Cazares
e) Goldie Hawn e Naomi Campbell

9 *Madonna perdeu a virgindade aos 15 anos, com um tal de Russel Long. Ela o escolheu porque:*
a) ele era primo de Long Dong Silver
b) era o único homem razoável na pequena Bay City
c) ele era gay e ela não queria um relacionamento, só uma iniciação
d) ele era mulher
e) ele era o único cara da cidade que dançava com ela

10 *O documentário Truth Or Dare que registrava a turnê Blond Ambition, de 1990, traz uma cena educativa na qual Madonna:*
a) com a ajuda de uma garrafa, ensina como se reproduzem as garrafas
b) com a ajuda de uma garrafa e de Kevin Costner, ensina como se faz um homem deixar de ser homem
c) com a ajuda de uma garrafa, ensina a Cia. do Pagode a fazer um sucesso
d) com a ajuda de uma garrafa, ensina como se toma Coca-Cola por trás
e) com a ajuda de uma garrafa, ensina como se faz sexo oral

11 *Para provar ao mundo sua capacidade como atriz, Madonna se preparou como pôde para interpretar Evita, chegando a:*
a) usar lentes de contato marrons e ter aulas de canto
b) fazer plástica nos seios
c) engordar 10 quilos para se parecer com Evita
d) fazer pesquisa de campo na Casa Rosada do presidente Menem
e) ouvir a discografia completa de Fito Paez

12 *Antes de ser "par da filha da Madonna", o cubano Carlos León era:*
a) miché
b) preparador físico
c) massagista profissional
d) ator de novelas
e) bolota

Só no próximo milênio

Bon Jovi volta ao estúdio apenas no final de 99

Disco novo do Bon Jovi só daqui a três anos

Música inédita do Bon Jovi só no próximo milênio. Embora o bom Jon tenha composto 15 novas canções durante as filmagens de *The Leading Man*, o grupo só volta ao estúdio no segundo semestre de 99. Enquanto isso, sai um disco ao vivo no ano que vem e Jon e Ritchie partem para trabalhos solos. O cantor está cheio de planos: "Quero tocar com caras diferentes e fazer filmes em grande estilo." Para isso, chamou o ex-Eurythmics Dave Stewart para dar pitaco na música "Midnight In Chelsea" e está tomando aulas particulares com o mesmo professor de Michele Pfeiffer e Kevin Costner. Jon sabe que as críticas à sua porção ator são inevitáveis. "E, mas eu não daria um microfone ao Robert de Niro...", rebate.

"O novo disco que estamos preparando é bastante anos 70, mas também tem umas babas"

Daniel Johns, do Silverchair, que vem ao Brasil em novembro, depreciando o próprio trabalho

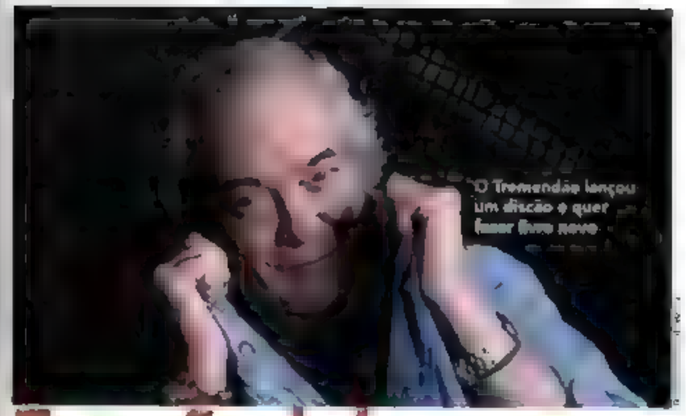
simplesmente de luxo

Zuleide volta cantando disco-trash e samba-soul

Lady Zu, a rainha da discotrash que fez sua babá balançar nos anos 70, volta majestosamente. Com o show *Acredite Ou Não*, Zu arrasou no Blen Blen Club, em Sampa, cantando "A Noite Vai Chegar" e versões dançantes de Rita Lee e Cidade Negra. Chiquerrima ela convidou SHOW BIZZ para tomar chá numa tarde de inverno e explicou como voltou tão malhadona. "Gi-nas-ti-ca. Quero partir para a modelagem física." Animada, Lady Zu quer lançar disco ainda este ano, com produção do soulman Skowa. (Claudia Lima)

DOIS DE PAUS

Neil Tennant, dos Pet Shop Boys, fez uma graça para seus amigos BJs gays: lançou só pra eles o single "The Truck Driver And His Mate" ("O caminhoneiro e seu parceiro") cuja capa mostra lado a lado os pênis dos dois botões. Só 150 discos foram fabricados e fãs histéricos estão pagando até 150 dólares pelo agradinho com os espadachins. *Touché.*



Erasmão de brasa acesa

"Sempre leio essa revista, desde que ela tinha outro nome. Nunca sai nela... nao sei por quê. Mas hoje estou falando para vocês", diz o alegre Erasmo Carlos. A barra pesada que o Tremendão passou com o suicídio da mulher Narinha acabou. Agora ele está na boa lançando *É Preciso Saber Viver*. "A morte da Narinha fundiu a minha cuca, mas tive a ajuda dos amigos dos meus filhos e de uma turma jovem da pesada, sacou, bicho?" Erasmo gosta de juventude e é tiete da MTV. "Sou vidrado em reggae. Ouço Skank, Cidade Negra, Paralamas..." No clima, agora quer lançar um livro meio viajandão. "Escrevi *Banda dos Contentes* em 74, mas está incompleto. A história é sobre um homem e o que se passa no interior do corpo dele. Mas o resto não conto", faz charminho.

filmes a rodo

O próximo disco dos Rolling Stones sai no primeiro semestre do ano que vem, mas Mick Jagger acha que já fez tudo que podia pelo rock e agora vai se dedicar ao cinema. Aos 53 anos, quer produzir filmes em Hollywood. Planeja realizar 13 nos próximos cinco anos – um recorde até para os padrões americanos. Ambicioso, Mick pretende contratar atores do calibre de Antonio Banderas, Harrison Ford e Jack Nicholson.

Mick vai virar produtor

MADONNA MIA!

OK, vocês responderam quem é Madonna. Agora veja aqui que tipo de bofe é você.

12 acertos. SEAN PENN. Parabéns gostosão! Você conhece cada ruga, cada cavidade dessa balzaca. Comemore embolsechando, que ela gama.

8 a 11 acertos. CARLOS LEON. Você pode não ser o amor da vida dela, mas está entranhado no fundo do âmago de seu rosado ser.

4 a 7 acertos. WARREN BEATTY. Bem que você tentou... mas já está meio passadinho para o gosto dela.

0 a 3 acertos. ANTONIO BANDERAS - Parece que você é mais chegado num Almodovar.

Respostas: 1 c • 2 a • 3 d • 4 c • 5 c • 6 b • 7 a • 8 d • 9 a • 10 d • 11 a • 12 b

Rock cultura

O Turco agita todas

Rock pode virar coisa de Casa de Cultura. O projeto é do vereador paulistano Alberto "Turco Loco" Hiar, que batalha pela criação de oficinas de música nos centros culturais de São Paulo. "É uma maneira de democratizar a música. Mesmo quem não tem grana vai poder aprender a tocar um instrumento. Meu trabalho é investir em tudo que seja ligado ao rock, rap, reggae, punk ...", diz o político.

batidas do MICHA — EUROPA ON LINE

por Michael Koellreutter

● Saint-Tropez, urgente: birthday party de Eva Herzigova em iate ancorado no porto, reunindo o must do showbiz e do fashion world. Foco da festa: dupla George Michael (tem casa lá) e Rachel Williams excessivamente exibida no clip "Fast Love", sucesso consagrado do cantor.

Rachel Williams, linda e lésbica

E do que se fala, all the time, por essas plagas. Depois da suspensão (espera-se que temporária!) de "The Girlie Show" (irreverente programa televisivo de Londres no qual Rachel pegava nos peitos das convidadas...), as atenções estão voltadas para seu ardente desempenho no video do popstar. Top preto. Voluptuosa. Maquiagem borrada e desesperada. E... o decote? E... o cabelo? É ali que a lésbica da década, a incendiária namorada da roqueira Alice Temple faz das suas, cercada de figuras andróginas e diabólicas!!!

● Meninos, eu vi: reaparição de Jarvis Cocker (do Pulp) como jurado do concorridíssimo Look of the Year promovido pela Elite Models, em Londres. Momento apoteótico da noite: Jarvis desfilando, esquelético, entre (igualmente esqueléticas) tops.

O magrelo Jarvis

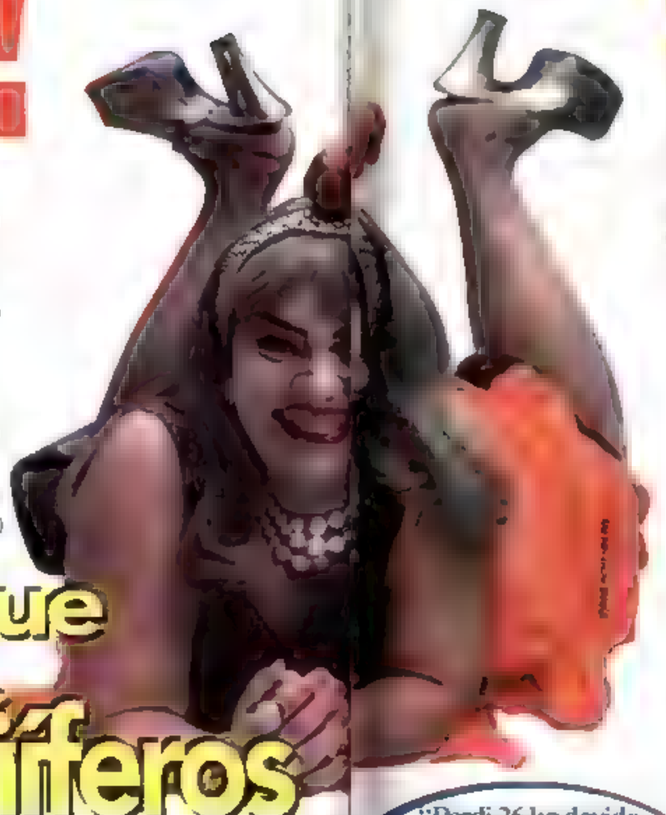
● Jamiroquai abrindo guerra contra o consagrado DJ Dave Morales. Fala cobras e lagartos sobre o responsável pela remixagem de seu último disco.

● A supermodel Helena Christensen no vernissage de Tico Torres (baterista do Bon Jovi e namorado da coleguinha Eva Herzigova) na Benihana Gallery, point do mês, deu beliscão na bunda de Quincy Jones. A dinamarquesa anda com a corda toda: "Minha avó tinha os peitos mais lindos que já vi. Minha irmã tem peitos lindos. Por que os meus não haveriam de ser?"

Jack Marrone simula estupro em plena Av. Paulista

socorro!!!

Jack Marrone é o bonitão ali da foto. Gisele, Fabiane e Luciane são suas desinibidas assistentes e atendem pelo nome artístico de As Batalhinhas Selvagens. Saca o meio que eles arrumaram para divulgar seu dance à la Mamonas ("Eu era brega-romântico, hoje sou um mix de Latino com Fausto Fawcett", define Jack), que está virando disco pelo selo Rede Brasil. Em plena Av. Paulista, em São Paulo, as meninas arrancam a roupa de Jack, dão beijinho e quase estupram o cara. Mas não julgue mal as gostosinhas. "Só porque deixamos a vergonha de lado e simulamos cenas de sexo ao vivo, os homens confundem as coisas. É um trabalho artístico, viu?", diz a modelo e atriz Luciane, antes de dar um beijo na boca do repórter para se despedir. (Marcos Filippi)



porque nós somos mamíferos

"Meu ex-marido era impotente, mas louco por sexo. Me orgulho de conhecer um homem que dá três broxadas sem tirar de dentro." Com a delicadeza de uma baleia grávida, a cearense Rossicléa, 26 anninhos e 90kg de pura fortaleza — quer ser o Falcão de saias. "Comecei há oito anos me apresentando em churrascarias. Falcão abriu as portas para todos os humoristas do Ceará como eu e o Tiririca. Ele é o celeiro, nós somos tudo boi", conta. Rossicléa está lançando o livro *Comédias Da Minha Vida Na Privada* e o CD *Best Of The Best, Mais Besta Do Que Nunca*. "Sou uma diva!", diz, e entra num táxi, assim, do jeitinho que está na foto. O repórter não resiste: "Pô, você vai sair assim?" Ela retruca: "Por quê? Não estou bem?" E vai cheia de charme.

ruim de ser bom

Zé do Bêlo quer ser roqueiro e faz média

Zé do Bêlo canta sambas machistas num vocabulário ininteligível e virou cult entre a galera underground de Porto Alegre. Já faz até bico em show de bandas de rock como Colarinhos Caóticos. Agora, quer virar metaleiro. "Quero barbarizar com um som pesado."

O ator e baixista do Dogstar Keanu Reeves diz que é sangue bom

MIX

KEANU HORROR!

"Depois de traçar cinco garotas e me drogar com cocaína e heroína durante toda a noite, acordei pela manhã e tomei todo o meu minibar. Passei a beber meu próprio mijo e sangue. Aí descobri que uma das garotas estava morta, a outra acordou histérica e eu já expulsava a vagaba do quarto quando a polícia entrou e me deu um tiro na perna", barbarizou o irritado Keanu Reeves no semanário inglês *New Musical Express*. Numa entrevista para falar sobre a sua banda Dogstar, o repórter só perguntou sobre sexo, drogas e farra. O bonitão queria falar sobre música, irritou-se e resolveu entrar no jogo. Inventou a história acima e ainda sacou essa: "Eu troquei todo o meu sangue recentemente e me sinto muito bem."

SKROTOCOP

Falando de um telefone público na frente de um boteco na Baixada Santista, Tarso Wiernak, líder do Carnal Desire, tenta ouvir o interlocutor. "O quê? Fala mais alto, aí!" Ele explica como um

Já canto há dez anos. A gente começou com a distribuição de revistas pornô durante os shows. Depois me desafiaram a entrar no palco com roupa de sado-masoquista e topei." Desde então o PM só canta suas musiquinhas inocentes como "C... Que É Bom, Nada!!!", "Tampax" e "Analfobia" devidamente trajado com máscara, braceletes, coleira e uma sunga preta embalada a vácuo. "Pô, o meu pinto chega a ficar dormente", conta. (Fabian Chacur)

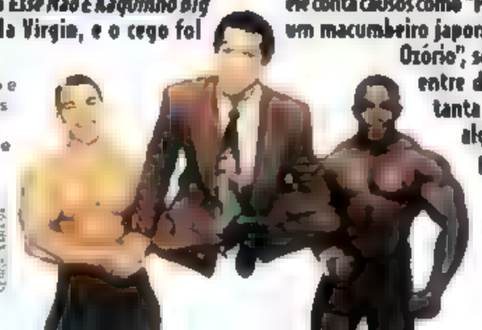
PM roqueiro metal-pornô e sungumhas

"Perdi 26 kg devido a uma infecção no saco. Mas não vou mostrar a bunda como a Rita Lee"
Tim Maia, quase magro, administra o corpinho

pedaço de mau caminho

Sobre o show Cegos, Mancos e Loucos, em que o paraplégico Raquinho Big Dog se apresentava com o radialista cego Nagela, o próprio Raquinho esculhamba: "Aconteceu porque ele enxerga longe e eu corro atrás do sucesso." Agora ele está lançando *Esse Não É Raquinho Big Dog*, pela Virgin, e o cego foi trocado por duas barbies que o carregam nos shows. "Ele tinha de se locomover", explicou a turma da gravadora. Na verdade, a performance é só mais uma das sacanagens de Raquinho. "Eu escalo até montanha de muletas", diz. Ao vivo, ele conta causos como "Pai Toshiro", sobre um macumbeiro japonês, e "Cumpadi Ozório", sobre o amor gay entre dois caipiras. Se tanta paródia rende alguma acusação de preconceito? "Os viadinhos gostam. Até os não assumidos."

Raquinho e as barbies mais de transporte



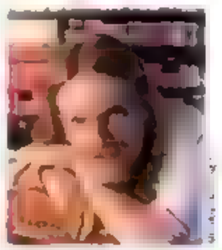
rock around the interNET

por Claudia Grechi

● O bicho tá pegando na home page de Sammy Hagar (http://www.iuma.com/Seconds/tuln/issue29/Sammy-Hagar.html). O vocalista recém-saído do Van Halen mete a boca no novo-velho cantor do grupo, David Lee Roth. "**Dave já deu o que tinha que dar. Acho que ele fede.** Seu disco mais recente é a pior coisa que já ouvi. Ele não sabe cantar e tem aparência de merda."

Sammy Hagar mete o pau em David Lee Roth

● O guitarrista Warren Cucurullo, do Duran Duran (http://hal.cs.uiuc.edu/~smarch/Durandaran.html), cansou da Internet. Lançou um disco tributo a Frank Zappa e está trabalhando em um novo álbum, *Bored With Prozac And The Internet*, com Nick Rodhes. Mais Duran: Simon Le Bon andou fazendo participações especiais num festival no Japão ao lado de Slash e Steve Winwood. O bonitão John Taylor prepara um megashow para o Natal inglês ao lado dos Neurotic Outsiders. Até o final do ano, ele também deve voltar com o Power Station. O Duran Duran reunido lança o novo disco, *Medazzaland*, ainda em 97.



Cavalo vai mostrar o tamanho do pé

● Se Jon Bon Jovi pode, Humberto Gessinger do Engenheiros (http://www.prover.com.br/engenheiros), **virou o modelo de uma campanha publicitária de tênis.** E enquanto ele mostra o pezinho, o disco de seu projeto paralelo, Humberto Gessinger Trio, sairá dia 10 de setembro. Os dois primeiros clips serão "Sem Você É Foda" e "O Preço". Ainda na página dos Engenheiros há vários links. Entre eles, Paulo Ricardo e SHOWBIZZ.

● O novo baterista do Smashing Pumpkins (http://music.com/news) é Matt Walker. Ele entrou em agosto e já está fazendo shows com o grupo.

+Bizzes

demo cracia

Mande demos para : Democracia - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

Música sacolejante com inspiração alcóolica

Skuba faz ska

Só falta o contrato com uma gravadora. Com influências que vão de Specials a John Wayne (!), o octeto Skuba, de Curitiba, dá show na demo single "Triado". A música, sacolejante como ela só, lembra os melhores momentos do ska inglês. A letra é bem-humorada. "Triado" quer dizer bêbado na gíria dos integrantes do grupo. "A música é meio autobiográfica, a gente gosta de encher a cara mesmo", dizem eles. Ainda este mês o Skuba entra em estúdio para gravar uma nova demo, com produção do Sr. Banana Sérgio Sofiatti.

Que nojo!!!

Os Suínos Tesudos levaram a porcaria a sério. O grupo assinou com o selo Plug, da BMG-Ariola, e, para finalizar as músicas que vão entrar no disco de estréia, se exilou num sítio durante uma semana. Detalhe: não havia água no lugar. "Pô, foi o maior chiqueiro. Além de não dar pra tomar banho, não tinha rango e ficamos a pão e cachaça Marimbondo", entrega o tecladista Quick. (André Gordirro)

Mais dois na final

A versatilidade do vocalista Kojeka garantiu uma vaga para a banda Kolapso 77 na final do Festival Skol Rock, em Blumenau. Na etapa eliminatória de Santos, Kojeka não se intimidou com os concorrentes metaleiros e se apresentou de peruca loira. "Ficamos tão imbecis que jogamos a roupa pra galera", gabou-se o artista, após a vitória.
Em Baurú, o Funeral detonou a maior punkadaria, incluindo um cover do Olho Seco, e também carimbou a passagem para a última fase.

A galera do Funeral e Kojeka, do Kolapso 77 com Digão, dos Raimundos

Punkaipira carioca

Pedro Luís: brasileiríssimo

Pedro Luís faz "punk regional", somando sua formação punk brazuca dos anos 80 com o repente das feiras nordestinas e o samba de blocos de rua.
Seu trenzinho de compositor irônico também passeia pela direção musical do show de Arícia Mess e pelos últimos CDs de Fernanda Abreu, Coma, Cidade Negra e O Rappa.
Mais novo contratado do selo Dubas, de Ronaldo Bastos, ele deve lançar seu primeiro trabalho solo ainda este ano. (Wagner Filho)

VAI ROLAR...!!!

FREE JAZZ 96

Björk, Isaac Hayes, George Clinton, Incognito, Herbie Hancock e outras 13 atrações se apresentam na 11ª edição do Free Jazz. Reformulado, o festival acontece de 11 a 13 de outubro no Museu de Arte Moderna do Rio e de 10 a 12, no Galpão Fábrica, em São Paulo. As atrações se apresentarão em quatro palcos, em horários diversos. Haverá também o Free Jazz Village, com exposições de artes plásticas, mostra de cinema e telões com especiais de jazz. Os palcos serão divididos por afinidades musicais: New Directions (400 lugares), Main Stage (de 1500 a 3000 lugares e com serviço de garçom), Club (250 lugares) e Groove (2500 lugares). No Club, deverão ocorrer várias *jams* e no Groove DJs se revezarão, garantindo o balacobaco até às seis da manhã. Os preços vão de R$ 25 (New Direction e Groove) a R$ 60 (Main Stage). Os ingressos já estão à venda nos locais dos shows.

Björk

Isaac Hayes

São Paulo

10/10
(New Directions)
Christian McBride
Nicholas Payton
(Main Stage)
Ernestine Anderson
Herbie Hancock
(Club)
Johnny Alf
Clark Terry

11/10
(New Directions)
Zé Nogueira
James Carter
(Main Stage)
Salif Keita
Isaac Hayes
(Club)
Paulinho Trompete
Earl Klugh
(Groove)
James Taylor Quartet
Incognito

12/10
(New Directions)
Sergio Salvatore
John Pizzarelli
(Main Stage)
808 State
Björk
(Club)
Edu Lobo
Ellis Marsalis Trio
(Groove)
Me'shell Ndegéocello
George Clinton

Rio de Janeiro

11/10
(New Directions)
Christian McBride
Nicholas Payton
(Main Stage)
Ernestine Anderson
Herbie Hancock
(Club)
Johnny Alf
Clark Terry
(Groove)
Me'Shell...
George Clinton

12/10
(New Directions)
Zé Nogueira
James Carter
(Main Stage)
Salif Keita
Isaac Hayes
(Club)
Paulinho Trompete
Earl Klugh
(Groove)
James Taylor Quartet
Incognito

13/10
(New Directions)
Sergio Salvatore
John Pizzarelli
(Main Stage)
808 State
Björk
(Club)
Edu Lobo
Ellis Marsalis Trio

Alanis abre a boca no Brasil, em outubro

BRYAN ADAMS
26 e 27/09 - Rio
28/09 - São Paulo

ISRAEL VIBRATION
23/09 - São Paulo
24/09 - Rio
25/09 - Curitiba
26/09 - Florianópolis
27/09 - Porto Alegre

AC/DC
11/10 - Rio (Apoteose)
12/10 - São Paulo (Pacaembu)

ALANIS MORISSETTE
21 e 22/10 - São Paulo (Olympia)
23/10 - Rio (Metropolitan)

JOVEM, ALISTE-SE NESTA LOUCURA.

FEITEENS 96

ESPORTES DE AÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO.

05 A 13 DE OUTUBRO
das 10h às 22h
Pavilhão Amarelo
EXPO
CENTER NORTE - SP

CAMPEONATO DE PATINS IN LINE EM MINI RAMP | TAPETE VOADOR VIRTUAL
CAMPEONATO BRASILEIRO DE SKATE VERTICAL | BUNGEE JUMP
AQUÁRIO GIGANTE PARA MERGULHO | INTERNET | SIMULADOR DE SURF
LANÇAMENTO DE FILMES E GAMES | DEMONSTRAÇÃO DE BIKE

(011) 214-3575/3549/3579 - SÃO PAULO
(021) 295-1383/0446 - RIO DE JANEIRO

SBEP Eventos, Propaganda e

REVISTA + CD

Monstros do ROCK

Incluindo:

- ✓ Black Sabbath
- ✓ Motörhead
- ✓ Bruce Dickinson

nas bancas

REVISTA

SHOWBIZZ ESPECIAL

"Produtos que duram anos não podem contar apenas com comerciais que duram 30 segundos."

Milton Bonanno
Gerente de Publicidade
PHILIPS DO BRASIL

Hoje em dia, o consumidor está cada vez mais exigente. Antes de comprar qualquer produto, ele procura saber tudo a seu respeito. E é exatamente aí que entram os anúncios de revista. Mais que qualquer outra mídia, um anúncio de revista pode trazer todas as informações sobre um produto. Tecnologia, design, assistência técnica, relação custo/benefício, etc. E tudo isso é fundamental na hora do consumidor decidir pelo modelo e marca que vai comprar. Mas para falar da eficiência de um anúncio de revista, nada melhor do que Milton Bonanno, gerente de Publicidade da Philips do Brasil: "Produtos duráveis, de compra comparada, precisam de uma mídia como revista, que permite exposição mais longa e reafirmação de escolha. É por isso que a Philips investe muito em revista".

ANER

ANER - Associação Nacional de Editores de Revistas. Quem pode comprar revista, pode comprar o seu produto.

"O movimento 2 Tone foi de vital importância para a música. Ao misturar a sonoridade terceiro mundista do ska com o rock, ele acabou por influenciar a música pop dos anos 80". (Samuel Rosa, Skank)

A CHECKERED PAST – THE 2 TONE COLLECTION

Vários

Mistura de selo independente e organização não-governamental, composto de bandas multirraciais, o 2 Tone foi a arma encontrada pelos adolescentes ingleses para torpedear a onda de racismo – leia-se skinheads – e o governo não-de-ferro de Margaret Thatcher.

"Este é basicamente um lugar em que o preto e o branco brincam juntos", define Pauline Black, vocalista do Selecter. A história do movimento está em *A Checkered Past – The 2 Tone Collection*, CD que reúne todos os singles lançados pelo selo, de 1979 a 1986.

Musicalmente, a receita do 2 Tone fundia a energia primal gerada pelos punks ingleses com o balanço do ska – ritmo que ferveu a Jamaica nas décadas de 50 e 60 e que se mudou de mala e cuia para a Inglaterra. Com a posse dos ingredientes, faltava um mestre-cuca para a receita não desandar. E ele apareceu sob a forma do tecladista Jerry Dammers.

Dammers montou os Automatics – definido como heavy reggae – ao lado do guitarrista Lynval Golding e do baixista Horace Ander. Dois anos depois o grupo mudou para Special A.K.A. e recrutou os vocalistas Terry Hall e Neville Staples e o guitarrista Roddy Radiation, para lançar o single "Gangsters". Era julho de 79. Começava o 2 Tone.

"Gangsters" foi o cartão de visitas para conhecer a ideologia do movimento. A melodia citava o proto-reggae "Al Capone", do veterano Prince Buster, e a letra denunciava aqueles que queriam "se dar bem" no mundo musical. Mas havia outros grupos com o mesmo ideal de Dammers. Tinha o som pop de Madness; o ska com influências de soul music do Beat (English Beat, para os americanos) e o Selecter. O selo ainda engrossou suas fileiras com o trombonista jamaicano Rico Rodriguez. Em 1979, já rebatizada como Specials, a turma de Dammers lança "A Message To You Rudy", reggae paleolítico de Daddy Livingstone. O Madness solta "The Prince" e vira superstar. The Beat entra nas paradas com a versão de "Tears Of A Clown", de Smokey Robinson. Em 1980, o 2 Tone capitalizava 250 mil singles vendidos e sete músicas na parada inglesa.

A boa fase se estenderia até o ano seguinte, quando Specials e The Selecter encerraram suas atividades. Dammers reformou o Special A.K.A., que perpetuou o clássico "Nelson Mandela". O Beat deu origem a General Public e Fine Young Cannibals. O Madness só se deu por vencido em 1986. Mas aí o estrago já havia sido feito.

Sérgio Martins

Performance

Ano de lançamento: 1993

Produção: vários

Faixas: "Gangsters" (The Special A.K.A.) • "The Selecter" (The Selecter) • "The Prince" (Madness) • "On My Radio" (The Selecter) • "A Message To You Rudy" • "Nite Club" (The Specials) • "Tears Of A Clown" • "Ranking Full Stop" (The Beat) • "Too Much Too Young" • "Guns Of Navarone" (The Special A.K.A.) • "Three Minute Hero" (The Selecter) • "Let's Do Rock Steady" • "Ruder Than You" (The Bodysnatchers) • "Missing Words" (The Selecter) • "Rat Race" • "Rude Boys Outa Jail" (The Specials) • "Easy Life" • "Too Experienced" (The Bodysnatchers) • "Stereotype" • "International Jet Set" (The Specials) • "Away" • "Mantovani" (The Swinging Cats) • "Sea Cruise" (Rico) • "Do Nothing" • "Maggie's Farm" • "Ghost Town" (The Specials) • "The Boiler" (Rhoda) • "The Feeling's Gone" (The Apollinaires) • "Tear The Whole Thing Down" • "Ylang Ylang" (The Higsons) • "Envy The Love" (The Apollinaires) • "War Crimes (The Crime Remains The Same)" (The Special A.K.A.) • "Run Me Down" (The Higsons) • "Racist Friend" • "Bright Lights" • "Nelson Mandela" • "Break Down The Door" • "What I Like Most About You Is Your Girlfriend" (The Special A.K.A.) • "Window Shopping" (The Friday Club) • "The Alphabet Army" (J.B.'s All Stars) • "Raquel" (The Specials) • "Bringin' And Tryin' Not To Lie" (Roddy Radiation) • "Rude Boys Outa Jail" (Neville Staples).

Jerry Dammers, além do 2 Tone, estava por trás do projeto "Do The Know It's Christmas", single que reuniu feras do rock inglês (David Bowie, Bono Vox) e teve sua renda revertida para o povo da Etiópia – um ano mais tarde, o projeto virou o Live Aid. Hoje o ska renasce na Inglaterra e no mundo. Suggs (ex-Madness) lançou *Lone Ranger*; o General Public (ao lado do Fine Young Cannibals, uma cria do Beat) voltou às paradas e um Specials reformado soltou *Today's Specials*.

Para aqueles roteiros que você não encontra em agências de viagem.

STRADERO
QUALIDADE E CONFORTO
KILDARE®
A ESTRADA NA ALMA

YANKEE
STREET
Sua hora, seu estilo.

Agora com pulseira de metal.

Produzido na Zona Franca de Manaus
Com orgulho e tecnologia

Atis